

**MARIANGÉLICA ARONE**

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA ESCOLA PARA O ADOLESCENTE EM  
SEMILIBERDADE**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
SÃO PAULO  
2006**

**MARIANGÉLICA ARONE**

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA ESCOLA PARA O ADOLESCENTE EM  
SEMILIBERDADE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Maria Nigro de Souza Placco.

**PUC/ SÃO PAULO  
2006**

Banca Examinadora

---

---

---

À minha família e em especial à minha mãe, pelo amor e carinho, dedicação, e contribuição nos momentos mais difíceis.

“IN MEMORIAM” a meu pai, que se foi, mas que continua sendo a referência positiva de minha vida.

Aos meus filhos Enio e Priscila, pela ternura natural no trato com a minha ausência, e por estarem fazendo parte da minha vida, de um jeito tão singular. É só isto que realmente importa!

Às minhas netas, Luana e Melissa que vieram para tornar a minha vida mais bela.

Aos adolescentes tão especiais, que se dispuseram a expor suas vidas e suas vulnerabilidades, e me permitiram o prazer de estar próxima e importar-me com a sua condição de aluno.

## **Agradecimentos**

À CAPES, pela bolsa que me permitiu a elaboração da dissertação.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Maria Nigro de Souza Placco, orientadora, com suas oportunas observações e sua sabedoria encorajou-me nessa árdua etapa de aprender a fazer pesquisa, pela sua amizade em todos os momentos.

Às Professoras Dras.Vera Lúcia Trevisan de Souza e Wanda Maria Junqueira de Aguiar, membros da minha Banca Examinadora, pelas excelentes sugestões oferecidas durante o exame de qualificação, exemplos e críticas fundamentais à reelaboração da abordagem que eu vinha fazendo de meu tema, mesmo se algumas delas não pude (ou soube) aproveitar devidamente. Pelo estímulo ao meu trabalho.

À Maria Inês, professora do COGEAE pelo apoio e parceria, assim como o seu olhar crítico e sua ajuda na revisão de toda a dissertação.

As minhas professoras da Pós-Graduação, pelos ensinamentos, pelas discussões e reflexões fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

À Irene e Helena, da secretaria do Programa de Pós-Graduação Educação: Psicologia da Educação, pela ajuda no cumprimento das normas, pelo carinho e compreensão nos momentos difíceis.

Ao Adilsom, Liliane, Pedro, Celina, Cristina, que souberam compreender as minhas ausências e pelo incentivo permanente.

À Célia e Elisabete Helena, pelas leituras cuidadosas, pela paciência e atenção com que ouviram minhas idéias.

À Renata, pela valiosa contribuição na transcrição das entrevistas.

Ao Kleber, Davi, Daiane, Eduardo, Nathália, Marcela, Thalita, Miguel, Ítalo e Carol, meus alunos amigos, pela cumplicidade e por me possibilitarem alegria nos momentos de maior preocupação.

Aos meus parceiros de tantas lutas e conquistas em prol da construção de uma educação de qualidade, de modo especial e com carinho a Artur, Carlos, Evanira, Sonia, Malton, "Néia", entre outros ...

A todos, o meu muito obrigada.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar e analisar os sentidos e significados da escola para adolescentes em semiliberdade. As indagações que nortearam o trabalho foram: qual o significado e o sentido da escola regular para os adolescentes em semiliberdade que são obrigados a freqüentá-la? O que essa situação representa em suas vidas? Para respondê-las, realizei entrevistas com adolescentes em semiliberdade, que se encontram inseridos em escola de ensino médio regular do sistema estadual de São Paulo. As posições tradicionalmente defendidas postulam que esses sujeitos privados de liberdade deveriam freqüentar uma escola especial. No entanto, outra posição é defendida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, apontando a escola como um direito de todos e esse adolescente em conflito com a lei como prioridade absoluta, tendo direito ao acesso a um processo pedagógico que respeite sua individualidade. É fundamental contextualizar historicamente as instituições escolares e esses adolescentes, atribuindo a aspectos culturais e sociais a fonte das diferenças entre os sujeitos. A metodologia utilizada nesta pesquisa insere-se no paradigma da pesquisa qualitativa. Constituiu-se de entrevistas semi-estruturadas com adolescentes e buscou-se identificar, nas entrelinhas de suas falas, o momento vivido por estes adolescentes, na escola, e os sentidos e significados que atribuem a ela, à sua vida nela. A partir da análise dos dados, verificou-se que os adolescentes se apropriam de significados sociais da escola semelhantes aos presentes na sociedade e que configuram sentidos singulares. A escola foi significada como um espaço de aprendizagem e sociabilidade, ou seja, a escola em suas vidas é de um lugar para a inserção social. A partir dos pressupostos de Lev Semionovich Vigotski (1886-1934), na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano e suas implicações metodológicas de pesquisa, as respostas foram buscadas no âmbito das significações: o que é o desenvolvimento desses adolescentes, qual a sua inserção no mundo simbólico e da cultura e como cada um se apropria da escola, no contexto vivido.

## **ABSTRACT**

The main objective of this research is the investigation and the analysis of the directions and meanings for the semifreedom teenagers. Some questions guided our work: - Which is the sense and the meaning of the regular school for half-freedom teenagers who are obliged to attempt to them? What does this situation represent in their lives? – In order to answer those questions, I have interviewed many students under half-freedom that attempt to regular High Schools of Sao Paulo State. The traditional point of view claims those students should attempt to special school institutions, however there is an opposite position defended by “Estatuto da Criança e do Adolescente” pointing the school as everyone’s rights, being the teenagers and children in conflict with the law as absolute priority and they have the right to be guided to a pedagogical process that respects their individualities. It’s essential, historically, to insert the pertaining to school institutions and those adolescents, attributing the cultural and social aspects the source of the differences between the citizens. The methodology used in this research is inserted in the paradigm of the qualitative research. Which consisted of half-structured interviews with teenagers and tried to identify, in the lacks or breaks of their speeches, the moment they are living in the school, and the directions and meanings that they attribute to the school, and to their lives in it. From the analysis of the data, it was verified that the teenagers themselves appropriate the social meanings of the school just like the ones the society assimilates which have singular meanings. The school was meant as a learning space as well as a space for social contact, then, school in their lives is a place for the social insertion. From the Lev Semionovich Vigotski (1896-1934), based on the cultural and historical perspective of the human development and its methodological implications of the research, the answers had been searched in the scope of the meanings: what’s the development of those teenagers, what’s their insertion in the symbolic world and in the culture and, plus the way each one assumes the school in their life context.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1 COMO TUDO COMEÇOU</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2 A CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA ADOLESCÊNCIA</b>	<b>24</b>
2.1 ADOLESCÊNCIA	24
2.2 O ADOLESCENTE INFRATOR NO BRASIL	31
2.2.1 Um breve histórico	31
2.2.2 Adolescente infrator: uma nova cultura de direitos de crianças e Adolescentes	34
2.2.3 O adolescente infrator e a escola	38
2.2.4 O adolescente infrator na escola pesquisada	42
<b>Capítulo 3 O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA</b>	<b>46</b>
3.1 Fundamentação teórico-epistemológica segundo Vigotski	47
3.2 Linguagem, significados e sentidos	53
3.3 O Significado e o Sentido	56
<b>Capítulo 4 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO</b>	<b>61</b>
4.1 A Pesquisa	61
4.2 Instrumento: entrevista	62
4.2.1 Sobre a realização das entrevistas	62
4.2.2 Análise das entrevistas	64
4.3 Sobre os adolescentes entrevistados e selecionados	66
4.3.1. Sexo	66
4.3.2 Idade/ Escolaridade	67
4.3.3 Estrutura Familiar	67
4.3.4 Moradia	68



<b>Capítulo 5. OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS DA ESCOLA PARA O ADOLESCENTE EM SEMILIBERDADE</b>	<b>70</b>
5.1 Núcleo de significação: Como o adolescente entende o ato estudar	71
5.2 Núcleo de significação: Como o adolescente entende seu papel frente ao aprendizado	79
5.3 Núcleo de significação: Como o adolescente entende a escola	86
<b>Considerações finais</b>	<b>102</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>112</b>
<b>Anexo 1</b>	<b>117</b>
<b>Anexo 2</b>	<b>120</b>
<b>Anexo 3</b>	<b>156</b>

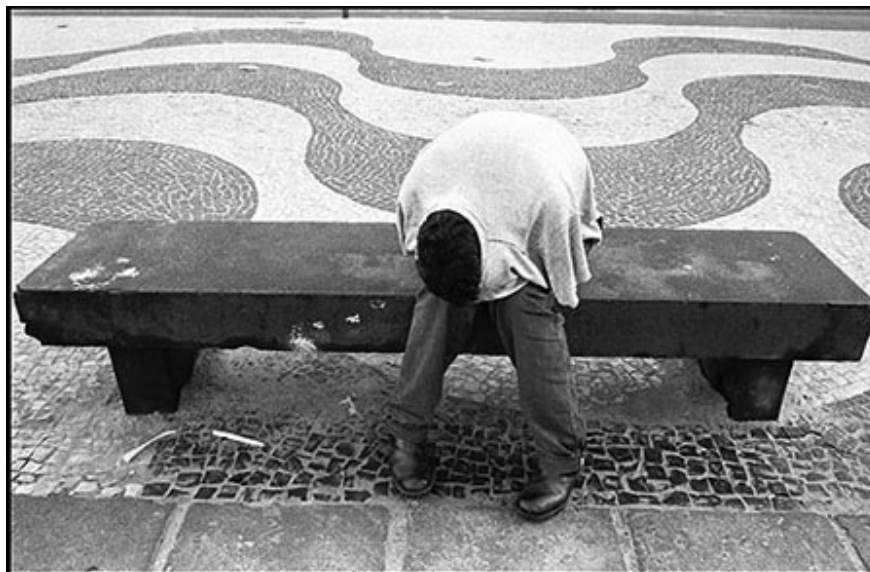


Foto: André Arruda

### - Problema Social

Se eu pudesse, eu dava um toque em meu destino.  
Não seria um peregrino nesse imenso mundo cão  
Nem o bom menino que vendeu limão  
E trabalhou na feira pra comprar seu pão  
Não aprendi as maldades que essa vida tem  
Mataria a minha fome sem ter que roubar ninguém  
Juro que eu não conhecia a famosa FUNABEM  
Onde foi minha morada desde os tempos de neném  
É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem  
Se eu pudesse eu tocava em meu destino  
Hoje eu seria alguém  
Seria eu um intelectual  
Mas como não tive chance de ter estudado em colégio legal  
Muitos me chamam de pivete  
Mas poucos me deram um apoio moral  
Se eu pudesse eu não seria um problema social

**Ana Carolina & Seu Jorge**

by Guará / Fernandinho

## **CAPÍTULO 1**

### **COMO TUDO COMEÇOU...**

O meu interesse pelo tema desta pesquisa originou-se em duas situações de trabalho com adolescentes: na rede pública de ensino, a partir de 1979, enquanto professora e, posteriormente diretora, de escola na qual atuo desde 1990, e como Conselheira Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Cidade de São Paulo, durante o período de 2001 a 2002.

Do espaço de trabalho na escola pública, faço um recorte específico para compreender a presença de diferentes grupos sociais que nela atuam, especialmente adolescentes em conflito com a lei.

Pode-se conceber a escola como a instituição encarregada de transmitir o conhecimento acumulado de uma cultura. Assim, a partir de grandes mudanças socioculturais ocorridas na sociedade brasileira e da nova Constituição/ 88, a escola é vista como centro de debate para desenvolver um projeto educativo que ressignifique sua função política e social na formação do sujeito cidadão-aluno/ adolescente. Estudar esta questão justifica-se frente ao esvaziamento de suas funções de formação, de transmissão de cultura e da necessidade de desenvolver sujeitos autônomos, críticos, produtivos despertados para os valores democráticos. Outro aspecto a assinalar é que a escola é datada historicamente, e, em cada tempo, cria um modelo escolar que lhe é próprio. Este, por sua vez, é atravessado por interesses de classes sociais diferentes.

Justifica-se, ainda, este estudo, pela dificuldade prática, em implementar, no trabalho institucional cotidiano da escola, o Estatuto da Criança e Adolescente, que considera a criança e o adolescente como “*sujeitos de direitos*”. Adicione-se que a escola é um direito de todos e o adolescente em conflito com a lei é também prioridade absoluta. Portanto, urge colocar em pauta a discussão de um processo pedagógico que respeite a individualidade de cada aluno, comprometido com uma

concepção de educação voltada para os Direitos Humanos e para a formação da cidadania.

No cumprimento dessas tarefas educativas, em 2003, participei da elaboração, construção e sistematização do Projeto Político-pedagógico desta escola pública pesquisada: projeto de proposição coletiva, o qual foi aprovado pelo seu Conselho de Escola e homologado na Diretoria de Ensino à qual a escola está jurisdicionada.

Para caracterizar a escola dessa pesquisa, recorri ao projeto político pedagógico da escola, parte integrante do Plano de Gestão, pensando a escola na sua totalidade, pela oportunidade de formar uma opinião mais segura sobre os seus múltiplos aspectos, como também por haver uma menor chance de ser influenciada por ocorrências cotidianas – já que, enquanto pesquisadora, mantenho vínculo na unidade escolar.

No Plano de Gestão (2003, p. 13), alguns dados apresentados são referentes ao ano de 2002. Este Plano teve por objetivo um diagnóstico da realidade da escola e suas implicações para as estratégias e alterações necessárias para dar corpo aos objetivos de uma educação de ensino médio. Constata-se que os dados são reveladores: **os alunos** reconhecem a organização escolar representada em três grandes áreas, **a estrutura física, a administrativa e a social, que envolvem a área pedagógica e a das relações sociais;** *“sugerem mudanças na área das relações sociais com todos os envolvidos na comunidade escolar, revelando preocupação com uma educação mais humana e voltada para os valores, de forma que a concepção de bom professor, inevitavelmente, recai sobre uma figura mais humanizada, que domina os conteúdos, mas os articula com o mundo real; conhecedor da realidade do aluno numa relação de envolvimento, cumplicidade e interação, onde o professor e aluno possam juntos experimentar o mundo do saber”;* *“a essência, uma escola de qualidade é aquela onde existe respeito”*. Estas falas são transcrições do Plano de Gestão, porque entendemos que elas propiciam reflexões e descrições gerais para se esclarecer sobre o exato significado do que se pretende conhecer, já que este instrumento permite a compreensão mais acurada e mais fidedigna da realidade escolar.

Nesse Plano de Gestão, os indicadores mostram que os professores priorizaram o registro de seus discursos individuais, uma maneira pela qual todos os atores envolvidos fossem contemplados, em suas visões particularizadas. Em torno de cem docentes manifestaram-se a favor da realização de projetos específicos dentro das diferentes áreas do conhecimento.

Quanto à caracterização dos adolescentes, no olhar do professor, há diferentes e muitas vezes contraditórias maneiras de vê-los. Para alguns professores, *“são adolescentes que, cada um à sua maneira, contestam o já estabelecido”*; para outros, são *“adolescentes, na sua maioria, sem cultura escolar, defasados em seus conhecimentos, conscientes de que não terão oportunidades iguais”*; *“são jovens impacientes, ansiosos, muitas vezes problemáticos e indisciplinados e ao mesmo tempo carentes”*. Durante o ano 2002, esses alunos vieram de bairros diferentes e distantes e estavam interessados em aprender; na sua maioria apresentavam alguma dificuldade de aprendizado. *“Sei o nome de alguns, sei onde moram, como vêm para a escola”*; *“é uma clientela muito heterogênea”*; *apenas conhecemos os que se manifestam em aula ou os que participam dos projetos*; *“só basta saber alguns nomes de alunos novos”*; *“são frutos de uma sociedade e de um mundo que cresceu tecnologicamente, mas que, em contrapartida, deixou o ser humano à deriva”*.

Quanto ao aspecto de ter **a realidade como referência para o conhecimento**, alguns professores afirmam: *“estão entre dois modos de vida e de valores muito diferentes entre si. De um lado, a escola, que usa e cobra deles uma linguagem padrão, maior participação como cidadão, responsabilidades, respeito às regras socialmente aceitas. De outro lado, está a família que, muitas vezes, não lhes dá suporte emocional, moral, afetivo e econômico necessário para consolidar uma estrutura que permita enfrentar as vicissitudes da sociedade e superá-las”*.

Quanto à **importância que os alunos atribuem à escola, na visão dos professores**, pode-se identificar: *“vieram para esta escola acreditando ser uma ótima escola”*; *“estão preocupados com o vestibular”*.

Quanto aos dados referentes à **localização espacial desses alunos, os professores** não demonstram ter feito um levantamento rigoroso: *“muitas vezes, vêm*

*de lugares distantes, aproveitando os terminais de ônibus e o acesso ao metrô”; “nossos alunos estão longe de casa, longe de tudo”.*

De acordo com os registros apontados pelos professores em relação à **estrutura familiar**, *“a maioria não recebe orientações e acompanhamento dos pais”; “são de classes sociais diferentes”; “antes, eu gostava de ser professor, pois conhecia o aluno e seus pais - eles moravam aqui próximo-, hoje não gosto mais, não consigo... não os conheço, eles moram na periferia, não nos respeitam, não querem nada com nada”.*

No caso da **aprendizagem e insucesso escolar**, os dados sinalizam para a escassez de discussão sobre as finalidades da educação média, baseada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96):

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

As idéias expostas na lei são relacionadas nos alunos, no discurso dos professores: *“uma parte é interessada, pretende prosseguir os estudos e outra parte só se preocupa com o presente, como se tivesse cumprindo uma tabela”; “vieram para esta escola acreditando ser uma ótima escola”; “estão preocupados com o vestibular”; “chegam defasados em relação ao conteúdo e quanto ao nível de expectativa da nossa escola”; “é uma clientela muito heterogênea”; “não têm hábito de estudo e manifestam pouco interesse em obter conhecimento”.*

Os **aspectos relacionais** são ressaltados para os atores docentes como importantes no processo pedagógico: *“a maioria é participativa e interage*

*positivamente nas aulas, e os que não querem nada atrapalham o tempo todo”; “acreditamos que as relações têm que ser claras, concretas”; “acreditamos que os alunos devem adaptar-se à escola e não a escola aos alunos; não dá para atender as dificuldades individuais”; “são desmotivados”; “falta-lhes limites e vivência de valores”; “não aceitam as normas da escola”.*

Entendo que o comportamento das pessoas envolvidas mostra que se convenceram de que a escola é um direito de todos, mas, ainda assim, o quadro delineado acima é particularmente sério, pois, após a realização desse Plano – e da análise acima –, ao se depararem com as dificuldades da prática cotidiana, do momento sócio-histórico, alguns professores adotam, paulatinamente, atitudes cada vez mais distantes desse princípio. Outros se mostram, ainda, extremamente desconfiados, demonstrando que a escola deveria ser somente para aqueles que têm interesse em aprender.

A segunda situação, inicialmente citada, que originou este trabalho foi minha atuação como Conselheira Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Cidade de São Paulo (2001-2002). Essa atividade teve o debate como eixo principal, pois a intervenção foi de intensa mobilização para viabilizar a instituição de um conjunto de políticas para a implementação do Sistema de Garantias na promoção dos direitos, controle social e defesa dos direitos.

A experiência nesse Conselho permitiu-me identificar a falta de um plano definido e pautado na doutrina da Proteção Integral à criança e ao adolescente. O seu não fortalecimento, não reordenamento institucional e da legislação, a inadequação ou mesmo a falta de políticas públicas estão postas na ausência de um efetivo trabalho de assistência social, educação e saúde para contemplar as finalidades estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Ainda um aspecto a enfatizar foi a disparidade quanto à organização do Conselho da maior cidade brasileira, São Paulo – estruturado de forma precária na sua infra-estrutura e nos recursos humanos, com um nível de instrumentalização de serviços pouco satisfatório.

Também identifiquei que grande parte dos conselheiros desconhecia suas funções e competências, o que ocasionava, constantemente, conflitos entre os

representantes do Executivo e os representantes da Sociedade Civil. A atuação de todos era marcada pelas contradições, dubiedades e indefinições na regulamentação das políticas públicas na área da infância e adolescência. Essa situação foi intensificada na implementação e implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), principalmente por falta de condições de trabalho, falta de uma rede de serviço de atendimento públicos adequada, falta de reconhecimento da autoridade do Conselho e do apoio das autoridades, do poder público e da população, entre outros.

Nessa trajetória de vida, marcada pela busca incessante em valorizar socialmente o trabalho educacional, minha ação teve sempre como finalidade a mobilização social em defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Para atingir esse objetivo, escolhi entender a realidade social por meio de um estudo sistemático em torno das contribuições teóricas da Psicologia Educacional e dos marcos legais das Políticas Públicas, principalmente as educacionais.

O discurso da educação, muitas vezes, não se concretiza na gestão da sala de aula. Algumas decisões legais, e regulamentadas em diferentes documentos oficiais, como a Declaração Universal dos Direitos da Criança do Adolescente/ 1959, a Constituição/ 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente /1990, a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais/ 1996 entre outros, ainda não tiveram seu reflexo na sociedade e na escola, porque, a meu ver, construiu-se uma verdade anterior, baseada, principalmente, no Código de Menores, marcado pela passagem da Doutrina da Situação Irregular, que vigorou até a promulgação do ECA, que muda a concepção para a Doutrina da Proteção Integral.

Nesta pesquisa, detenho-me em um estudo sobre o sentido e significado da escola para o adolescente em semiliberdade, especificamente, no cenário de uma escola pública do ensino médio da rede estadual da capital paulista.

Nos dias atuais, quando estão ocorrendo mudanças socioculturais rápidas e profundas, a escola não tem desenvolvido um projeto pedagógico que sustente os princípios e as concepções da educação, como os ideais de liberdade e solidariedade humana, a educação como um direito de todos e dever do Estado, da família e da sociedade. De fato, nos deparamos, freqüentemente, com a não transmissão de uma



cultura e com o desenvolvimento de um sujeito que não corresponde a esses princípios. Despertar o educando para os princípios democráticos, ou ainda desenvolver a autonomia do sujeito, ou eliminar a seletividade não são conceitos garantidos por essa escola, esvaziada de suas funções tradicionais e descumprindo a legislação – a qual enfatiza o desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender como finalidade primeira da escola para todos os cidadãos, principalmente para crianças e adolescentes, “prioridade absoluta”, e na condição peculiar de pessoas em fase de desenvolvimento.

A pesquisa nos documentos oficiais permitiu compreender parte do problema acima exposto, que testemunhei, nesses últimos anos, e que me fez retomar a finalidade do trabalho educativo na promoção e na garantia dos direitos do adolescente. As mudanças propostas nos documentos são significativas e complexas, porque se pautam em diretrizes fundamentais em três campos:

a) **da demanda das necessidades:** abertura para democratização da escola, seu acesso e permanência: “Todas as pessoas nascem com um potencial e têm o direito de desenvolvê-lo” (LDB 9394/96). Os dados da realidade mostram o contrário: uma grande parte das crianças e dos adolescentes ainda se encontra sem acesso à vida escolar, o que não lhes permite desenvolver seu pleno desenvolvimento humano. Ao coletar dados históricos em diferentes estatísticas públicas, como Sistema de Avaliação da Educação Básica Nacional (SAEB), é possível reconhecer o quanto cresceu o acesso à escola. Os alunos que ingressaram na escola, no entanto, não conseguiram permanecer nela, acontecendo o processo de evasão escolar. Dentre os que ficaram, muitos foram reprovados;

b) **do direito à educação:** o desafio é o cumprimento do dever de educar com qualidade adequada aos adolescentes. A partir de suas necessidades e identidades, a escola deveria oportunizar o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, isto é, um ensino com qualidade para todos, sendo capaz de inovar o processo de ensino e aprendizagem. Não se trata de simples apropriação do saber, mas convocar todos a conviverem com a diversidade, a diferença e a desigualdade e não receber uma educação que privilegie somente o bom atendimento aos alunos que demonstram excelência acadêmica. Trata-se de repensar o conceito de qualidade social para

todos. Cabe à escola a tarefa de promover conquistas sociais e políticas recentes, insistindo no direito à educação básica, responsabilidade do Estado, mas também da família e da sociedade;

c) **da gestão democrática: “Participar da escola é um direito de todos”**, condição básica de qualidade, acesso e permanência. Os estudos revelam que, apesar de se difundir a idéia de democratização da gestão, a experiência participativa é incipiente. As escolhas dos membros das instituições auxiliares da escola (Conselho de Escola, Grêmios Estudantil, Associação de Pais e Mestres) são definidas pela legislação em vigor. Por adotarem o processo da eleição direta, são consideradas democráticas, uma vez que todos os segmentos da comunidade escolar estão representados. Mas, na realidade, são instituições pouco representativas, porque a participação é restrita. Tal situação se deve, principalmente, pelo fato de que esses membros não participam do processo de construção do projeto político-pedagógico que delibera as diretrizes e metas da unidade escolar, que, portanto, podem não refletir os anseios da comunidade.

Nesse cenário, a implementação dos objetivos estabelecidos a partir da instalação do processo de democratização, que se encontra no Plano Decenal de Educação para todos (1993, p. 40), poderia intensificar os espaços institucionais:

... fortalecendo a gestão democrática da escola mediante a contribuição e aperfeiçoamento de colegiados de pais e membros da comunidade escolar, que participem ativamente de definição dos objetivos de ensino e da avaliação de seus resultados.

Dada a realidade educacional exposta e as pesquisas publicadas dos últimos anos na área da educação, identifica-se, no cotidiano das escolas públicas, o seu acentuado problema de qualidade, eficiência e equidade, pois o que vemos é um sistema educacional que avançou na expansão quantitativa, embora ainda haja um significativo número de crianças e adolescentes fora da escola. Mantêm-se, ainda, os velhos problemas e disparidades educacionais. Nesse diapasão, é inevitável o fracasso escolar daqueles que mais precisam da escola.

Estive afastada da escola, de 1997 a 2002, e, para alcançar o grande objetivo que todos nós reivindicamos, de uma escola para todos, de qualidade e

aberta, decidi retornar, em 2003, ao meu cargo de Diretora nessa escola de Ensino Médio da rede estadual. Foi o primeiro passo para estudar e pesquisar o adolescente, buscando respostas que ajudassem a romper com a lógica do determinismo existente no modo social de conceber adolescência, sobretudo aqueles adolescentes em conflito com a lei.

Na medida em que reflito, por meio da observação do cotidiano escolar e de estudos teóricos, vai se tornando perceptível o resultado das práticas sociais realizadas com essa população, que evidencia sinais de preconceito de alunos e professores, que se manifestam a meio caminho da inserção e exclusão social, revelando-se a falta de visibilidade social desses jovens, constatada também na fala dos entrevistados. E isso nos leva a crer que antigas concepções, anteriores à legislação em vigor, ainda perduram. Por isso, persistem as minhas preocupações teórico-práticas em relação ao cotidiano dessas práticas. Não está em discussão a valoração da participação ativa, aberta, crítica e comprometida de todos os atores envolvidos, mas a busca pela implementação do projeto político-pedagógico e do regimento interno dessa escola.

Diante das dificuldades cotidianas da escola, pode-se levantar como hipótese que a prática docente ainda exclui ou penaliza a maioria dos adolescentes considerados com inferioridades sociais. Uma exclusão simbólica, já que o adolescente tem acesso à matrícula e à sala de aula, mas não é aceito no contexto pedagógico e escolar, e os adolescentes em conflito com a lei têm esse problema acentuado. A desconstrução dessas práticas pode ser difícil, visto que nossa identidade é resultado de um processo dialético entre o que é de caráter individual e cultural, uma produção sócio-histórica, um processo que pode ser criado e recriado continuamente. É pelo olhar do outro que me constituo como sujeito, e na qualidade desse olhar, que contribui ou não para a crença nessa realidade cercada de resistências e de contradições. É fundamental entender esta realidade, de regras instáveis, flexíveis, para que se possa transformar a vida social, cujos valores e critérios tradicionais estão em crise.

Nesta situação, destaco a reflexão realizada na escola sobre o acesso de alunos em medidas sócio-educativas (liberdade assistida e semiliberdade). Em todas

as oportunidades coletivas em que o assunto era debatido, alguns professores se calavam e outros declaravam que a Escola se abriu para “bandidos”, para as quadrilhas e ao mundo do crime e que o Estatuto da Criança e do Adolescente trata dos direitos, mas não dos deveres. Alguns argumentavam a favor do abuso da autoridade e da manutenção das antigas tradições. Essas ações contrariam todo o projeto educacional da escola ao não manter o princípio fundamental: “**escola é um direito de todos e para todos**” (Plano de Gestão, 2003, p. 21).

Este breve relato tem por escopo demonstrar meu interesse em compreender como o adolescente infrator constrói o significado e o sentido de escola a partir da estreita articulação entre as relações de convivência social instituídas pela escola e sociedade. Esses jovens pertencem a um segmento social totalmente desfavorecido e discriminado, e não têm acesso aos bens sociais e culturais. Muitos se encontram em medidas sócio-educativas privativas de liberdade, ou seja, em semiliberdade, e costumam ser vistos pela sociedade de maneira negativa.

Esse estudo procura investigar, assim, os sentidos e significados atribuídos à escola, por adolescentes em conflito com a lei. Esses adolescentes encontram-se ali inseridos, mas vivem restrições em suas escolhas, encontram barreiras para suas conquistas e suas motivações são, ou não, possibilitadas pelos diferentes atores sociais com quem convivem, na escola. No convívio com e entre esses diferentes atores, esses adolescentes se defrontam não apenas com problemas de convivência social, mas com a necessidade de construção de conhecimento.

Como apaixonada educadora, ao longo de vinte e cinco anos, permiti sempre a meus alunos vivenciarem seus direitos. Reajo, defendendo-os, diante da atitude contemplativa de alguns professores e da resistência de outros, que não medem conseqüências para atingir seus objetivos individuais, em detrimento dos coletivos. Apesar de todas as perdas, busco um equilíbrio nesta opção e me empenho em criar melhores condições para que a educação de fato seja um direito de todos.

Pode-se afirmar que minha maior motivação para realizar esta pesquisa em torno do tema: *Sentidos e significados da escola para adolescentes em semiliberdade* foi a atitude de membros do governo municipal em me retirar da função de representante da Secretaria da Educação no Conselho de Direitos da

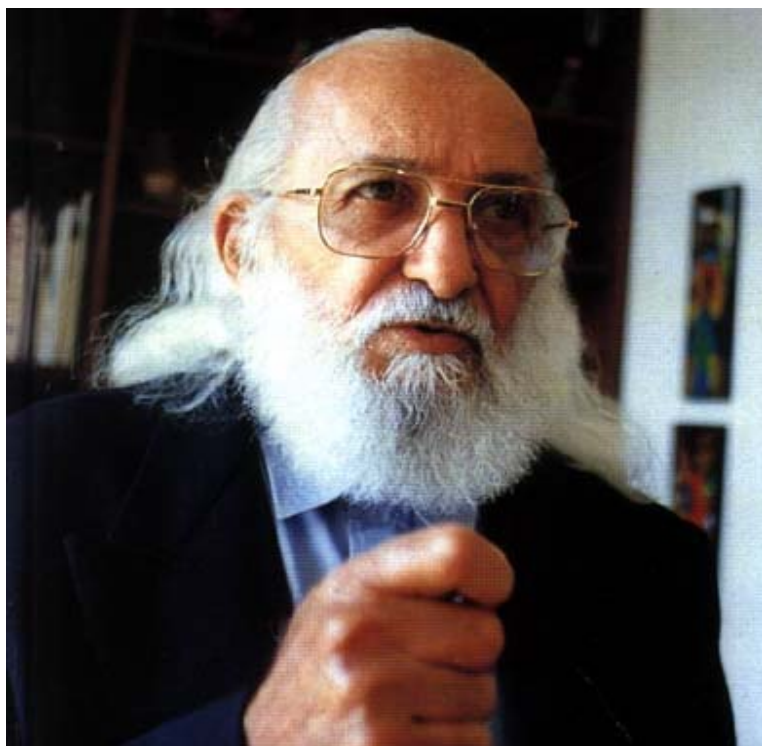
Criança e do Adolescente, como parte integrante da Diretoria Executiva. Esse fato ocorreu no auge da negociação e articulação com o governo do Estado, por meio da FEBEM, em relação à municipalização das medidas sócio-educativas, cujo projeto até a presente data não foi regulamentado, descumprindo as regras do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Ademais, em todas as circunstâncias, ainda assim, e como educadora, debato os problemas do aluno e, no que tange à legislação, que não permite a discriminação, oponho-me ao autoritarismo daqueles que pretendem condicionar ao lado econômico a participação dos adolescentes em programas que são de responsabilidade governamental.

Por meio deste trabalho, pretendo contribuir com dados e reflexões tanto para a atuação dos educadores como para os atores que atuam no Sistema de Garantias de Direitos de Adolescentes em conflito com a lei. A sistematização desta pesquisa, consubstanciada nos resultados e na análise dos significados e sentidos da escola para os sujeitos pesquisados, consistirá em material relevante para que esse espaço institucional proporcione discussões verticalizadas a respeito das questões envolvidas nessa temática, favorecendo o reconhecimento e a valorização da reconstrução das relações desgastadas pelas diferenças ou divergências de princípios.

A análise dos dados terá, como fundamentação teórica, os conceitos propostos pela Psicologia sócio-histórica, cuja referência principal é a obra de L.S. Vigotski. Tal perspectiva se justifica pela necessidade de compreender a complexidade das transformações que constituem o desenvolvimento humano e a importância de trabalhar com as concepções de pensamento e de linguagem, como instrumentos fundamentais no processo de constituição do sujeito. Conforme Vigotski: *“O pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”* (2001, p.409), consubstanciado nas categorias sentidos e significados. São fundamentais essas categorias e concepções, assim como os pressupostos do materialismo dialético, que nos permitem compreender a atuação desses alunos na escola e o processo de sua constituição enquanto sujeitos na sua historicidade.

Em síntese, o que se busca é compreender os significados e sentidos atribuídos pelos adolescentes à escola, em um movimento constante de transformações, forjado pelas condições sociais e culturais em que vivem. Esses significados e sentidos são identificados por meio de sua expressão de como se entendem, como organizam e estruturam sua vida e como dão sentido ao momento vivido.



arquivos paulo freire

(1921-1997)

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.

Paulo Freire – Pedagogia da Indignação, p. 67.

## CAPÍTULO 2

### CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA ADOLESCÊNCIA

#### 2.1 ADOLESCÊNCIA

Este capítulo tem por objetivo definir a concepção de adolescência, segundo a psicologia sócio-histórica. Essa abordagem exige uma análise das configurações dadas ao tema, no processo histórico da humanidade. Na perspectiva da Psicologia sócio-histórica, a adolescência:

... não é vista como uma fase natural do desenvolvimento. A adolescência não existiu sempre, pois constituiu-se na história a partir das necessidades sociais e todas as suas características foram desenvolvidas a partir das relações sociais com o mundo adulto e com as condições históricas em que se deu o desenvolvimento. Assim, a adolescência é uma fase de desenvolvimento na sociedade moderna ocidental. Não é universal e não é natural dos seres humanos. É histórica.

(Bock & Liebesny, 2003, 210)

Por entendermos que não só os fatos, mas as maneiras de viver e a inserção do indivíduo na sociedade devem ser privilegiados, examinamos, em alguns estudos e períodos da história, referências aos termos infância, adolescência e juventude.

Provavelmente, o fenômeno de passagem da infância à idade adulta é tão antigo quanto o aparecimento do homem, mas a idéia do que hoje chamamos adolescência é percebida a partir do século XVIII.

Para Ariès (1981), a infância e a adolescência, como as conhecemos atualmente, são etapas do desenvolvimento humano que nem sempre existiram, mas



adquiriram condições diferenciadas na evolução das sociedades. Na sociedade medieval, por exemplo, o sentimento da infância<sup>1</sup> não existia, isto é, não existia a consciência das peculiaridades infantis, a distinção entre criança e adulto. A infância estava ligada à dependência do adulto e a saída desta dependência possibilitava à criança o ingresso ao mundo adulto.

De acordo com Ariès, na transição da Idade Média à Modernidade, observa-se, como influências do novo papel do Estado, entre outras, sua interferência no espaço social, como o desenvolvimento da alfabetização e dos livros. A principal mudança comportamental foi a passagem de uma experiência social coletiva para a privada. Essas transformações geraram novas manifestações nas atitudes dos indivíduos com o próprio corpo e em relação ao corpo do outro.

Esse movimento de mudança comportamental inspirou a necessidade de proteção às tentações da vida, ou seja, proteger a sua moralidade. O Estado e a Igreja retomaram o encargo do sistema educativo e criaram uma nova estrutura: o colégio. A infância e a adolescência foram separadas em lugares fechados, sob a autoridade de um especialista adulto. A educação, então, é entendida como um conjunto de influências para a produção da coletividade, preparando os indivíduos para desenvolver o papel a eles designado e a continuidade da família.

No século XII, a criança e o adolescente não são compreendidos como atores sociais, mas inseridos na constituição familiar. Havia um não sentimento da infância, mas que não implicava negligência ou abandono, apenas ausência da consciência dessa população enquanto segmento social.

A infância, no século XVII e XVIII, despertara o interesse dos educadores e moralistas, devido a aspectos psicológicos e morais. Essa perspectiva impulsionou o surgimento da instituição escolar enquanto espaço público de educação e de socialização, o lugar de novos saberes, de serviços e de bens específicos.

---

<sup>1</sup> Segundo Ariès (1981, p.156), “o sentimento não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”.

A segunda infância não se distinguia da adolescência. A longa duração da infância provinha provavelmente da indiferença aos fatores biológicos, à puberdade. Ocorria, então, uma ambigüidade: a infância e a adolescência de um lado e a juventude, de outro. Não se desenvolvera a idéia do que hoje chamamos de adolescência. Essa indeterminação de idades se estendia a todas as atividades sociais, aos jogos e brincadeiras, às profissões e às armas.

Assim que a criança superava o período do risco de mortalidade, era inserida no mundo com os adultos. Era um período de transição, que se ultrapassava logo e as lembranças eram perdidas.

Na sociedade moderna, a separação da infância e da adolescência foi gradativa. A formação do adolescente passou a ser responsabilidade da escola e sua tutela prolongada, da família.

A partir das necessidades sociais, a adolescência passa a ser entendida historicamente.

Adolescência é um conceito inicialmente definido no final do século XVIII e início do XIX, associado à consciência das características particulares que a diferenciam da fase adulta. Esse período é delimitado, no sexo masculino, como o que se estende entre a primeira comunhão e o bacharelado, e, no sexo feminino, da primeira comunhão ao casamento. É a etapa de aprender um ofício.

Ao longo do século XIX, a adolescência passa a ser reconhecida como um momento crítico da existência humana, de potenciais riscos para o próprio indivíduo e para a sociedade como um todo. Torna-se tema dos estudos de médicos e educadores.

Estudos posteriores, como o do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712 a 1778), apresentados em sua obra *Emilio ou da Educação*, contribuíram de forma significativa para a moderna concepção de adolescência. Adolescência vista como um segundo nascimento, provocado pela paixão sexual, que o levava a mudanças de humor, rebeldia e instabilidade. Era também entendida como período de crise, de ambigüidade, pela ausência das características infantis e adultas, compreendido como uma situação de “*marginalidade*” e isso de forma rudimentar e

indiscriminada, por diversas razões. Os adolescentes, geralmente, deflagravam na sociedade reações ambivalentes. Se, por um lado, suas qualidades de beleza, vigor e força eram realçadas, nos discursos, como positivos, por outro, provocavam medo frente às estruturas sociais consolidadas, pelo seu entusiasmo, temido e destacado como aspecto perigoso.

Essa representação da adolescência como uma época de crise, período de negatividade, pela ausência de características da infância e da fase adulta, como um “estado” específico e não “condição do natural do ser humano” (Rousseau), reforçou o descrédito dos adultos em suas declarações, valores e organização social, afetiva e cultural. Até o início do século XXI, ainda encontramos justificativas para essa significação semelhante àquela dada à adolescência pela sociedade, em meados de 1700.

Encontramos a crise da adolescência destacada pelo paradigma evolucionista e reforçada pelo referencial teórico da Psicanálise, com Stanley Hall (1904), Freud (1896) e Anna Freud (1946): é uma etapa da vida humana marcada por crises atribuídas à sexualidade e à preocupação constante com as mudanças e o crescimento do corpo. Essa concepção é marcada como um período de intensa angústia, pelo sentimento de luto, pelo conflito entre pais e filhos e pelas dificuldades e necessidades de mudanças.

É importante ressaltar não só aspectos sociais e culturais, mas fatores estruturais em torno dessa concepção da adolescência como “problema”. Foi considerada uma etapa de preocupações e inquietações sociais, muitas vezes, associada a uma fase de delinqüência. Stanley Hall a caracteriza como período de “agitação e tensão”.

No início do século XX, principalmente nos Estados Unidos, surgem várias teorias sociológicas que concebem a adolescência como fase de possibilidade de delinqüência, resultante de um contexto social sem controles sociais, devido a precárias condições de vida, principalmente a pobreza, à não inserção social, poucas ofertas de serviços e de ocupação do tempo livre.

No ocidente, as teorias psicológicas do século XX apoiaram-se na padronização e na generalização, considerando que os adolescentes vivenciam situações em que as “*guerras*” se tornam uma realidade, e deixam marcas profundas, caracterizando a adolescência como uma fase turbulenta, confusa, mas necessária ao desenvolvimento humano.

Estudos antropológicos e filosóficos, realizados em Samoa e Nova Guiné por Margaret Mead (1928) junto a adolescentes, desconstruem a idéia de período de crise; mostram a adolescência como fase de transição gradual, tranqüila e de fácil adaptação ao mundo adulto. Destacam a inserção sócio-cultural e recolocam sua origem no movimento cultural da sociedade. Mesmo assim, entendem-na como processo de desenvolvimento humano, na perspectiva inerente à natureza humana, devido aos fatores biológicos e sócio-culturais. Assim, a adolescência tem componentes não normativos, provenientes das interferências de aspectos particulares da cultura na qual está inserida.

Configurando seus comportamentos como acontecimentos de saberes que perturbam e são perturbadores nas relações pessoais e sociais, surgem as concepções inatistas e culturalistas

Estas concepções inatistas e culturalistas privilegiam:

... a adolescência como um fenômeno biopsicossocial, ora enfatiza os aspectos biológicos, ora os aspectos ambientais e sociais, não conseguindo superar visões dicotomizadas ou fragmentadas. Dessa forma, os fatores sociais são encarados de forma abstrata e genérica e a influência do meio se torna difusa e descaracterizada contextualmente, agindo apenas como um pano de fundo no processo de desenvolvimento.

Ozella (2002, p.20)

Outros estudos psicológicos compreendem o adolescente no contexto histórico, social e cultural, sem desprezar o caráter biológico do desenvolvimento humano. A concepção sócio-histórica abre possibilidade de entendermos a adolescência como processo de construção das relações criadas historicamente pelo

homem, relações entendidas no movimento dialético em que um constitui o outro e ao mesmo tempo se constitui.

Sob essa ótica, entende-se o adolescente em constante movimento. Sua condição de pertencer ao mundo tem seus significados e sentidos determinados pelas mediações e relações dos diferentes grupos sociais e culturais, desde marcas corporais e características fisiológicas, na sua totalidade constitutiva. Assim, adolescência:

... É entendida como uma construção histórica, que tem seu significado determinado pela cultura e pela linguagem que media as relações, significado este que se torna referência para a constituição dos sujeitos. Neste sentido, a compreensão da totalidade constitutiva da adolescência passa não só pelos parâmetros biológicos, como idade ou desenvolvimento cognitivo, mas necessariamente pelo conhecimento das condições sociais, que constroem uma determinada adolescência.

Calil (2003, p.145)

Não só os aspectos culturais e sociais marcam a vida desse adolescente, mas, freqüentemente, também a presença das forças adultas que o distanciam do mundo do trabalho, de sua autonomia e busca de seu próprio sustento. São iniciativas que visam frear os avanços dos adolescentes, por entendê-los como uma ameaça à sociedade organizada política, social e culturalmente, que também não levam em conta as possibilidades pessoais dessa fase, sua organização e os significados e sentidos das experiências vividas. São, enfim, fatores que determinam cada vez mais a dependência do adolescente de um sujeito adulto.

O adolescente, ao mesmo tempo em que é capaz de fazer opções e escolhas adultas, vive a contradição do mundo adulto, que ainda o vê como um sujeito não autorizado a experimentar sua realidade.

Outro aspecto utilizado, pela sociedade, na significação sobre a adolescência é a idealização do papel da família, condicionando, “*ao ser bom sujeito*”, como também ao ser “*bom aluno*”, ter estrutura familiar ou fatores de ordem moral, ligados à educação familiar.

Se considerarmos a complexidade dos elementos que a constituem, a condição da adolescência mostra-nos o processo de conversão de aspectos interpsicológicos em algo intrapsicológico, acontecendo não como uma mera reprodução, mas uma reconstituição de todo o processo vivido na mediação dos signos. Essa noção legitima o processo que Vigotski elaborou, que pressupõe que o processo de superação e de mediação não acontece na internalização de algo de fora para dentro, mas em algo nascido no social que se torna constituinte do sujeito e continua constituindo-o. Esse sujeito, compreendido na sua totalidade, traduzida no seu movimento, por meio das relações entre o interno e o externo, com seus iguais e com o mundo, vive uma relação dialética que o diferencia e o aproxima dos demais, pressuposto norteador do desenvolvimento e da sua constituição. Nessa perspectiva, as escolhas e ações realizadas pelos adolescentes têm um caráter dinâmico e transformador; dependem do contexto em que vivem e de suas histórias de vida.

A adolescência, quando analisada sob essa perspectiva, carrega significações que são interpretadas à luz da realidade social. É mister entendê-la na sua totalidade, como afirma Vigotski, ao se referir à adolescência como um processo de *“formação de um novo indivíduo de transição”* (1999, p.117). Transição compreendida em seu momento histórico, em sua cultura e nas condições sociais que marcam esse adolescente, nesse período.

Na adolescência, o sujeito passa a pensar em conceitos relacionados com o objeto, apoiado pela memória e a partir de um processo de ordenação concreta. Vigotski aponta:

O conceito é um sistema de apreciações, que inclui em si uma relação no que diz respeito a um sistema mais amplo. A idade de transição é a idade de estruturação da concepção do mundo e da personalidade, do aparecimento da autoconsciência, das idéias coerentes sobre o mundo. A base para este fato é o pensamento em conceitos, e para nós toda a experiência do homem culto atual, o mundo externo, a realidade externa e nossa realidade interna estão representadas em um determinado sistema de conceitos. (1999b, p.122- 123).

Para compreender essas elaborações, os estudiosos da Psicologia sócio-histórica assinalam a importância da constituição das relações do sujeito em seu grupo social, ocorrendo um processo de internalização do discurso alheio, ou seja, o sujeito vai tornando seu o que é compartilhado pela cultura; o discurso social passa a ter um sentido pessoal. Resultado de um processo dialético entre o individual e o cultural, uma produção sócio-histórica é criada e recriada continuamente. Mudanças que originam novos nexos e constantes processos de relações de criação de novas conexões, sempre constituídos historicamente e ideologicamente.

Entendemos, assim que a adolescência e sociedade se definem reciprocamente; mediadas pela cultura.

## 2.2 O ADOLESCENTE INFRATOR NO BRASIL

### 2.2.1 Breve histórico

A história da infância e adolescência, no Brasil, divide-se em duas fases distintas, uma anterior à promulgação da Constituição Federal de 1988, seguida da homologação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, e outra posterior.

Até 1988, vivia-se sob doutrina social e legal que era da **menoridade absoluta**, ou mais conhecida como **doutrina da situação irregular**. Desde o século XIX, os “menores”, notadamente os pertencentes às classes desfavorecidas, eram objeto da intervenção do mundo adulto, sem que seus interesses fossem considerados nas diversas relações jurídicas. O Código do Império<sup>2</sup> (1830) indicava internação para os menores de 14 anos que cometessem atos considerados anti-sociais<sup>3</sup>. Por volta de 1895, as leis recomendavam a criação de instituições para

---

<sup>2</sup> Rizzini, I. Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 2003.

<sup>3</sup> Oliveira MB, Assis SG. Os adolescentes infratores do Rio de Janeiro e as instituições que os “ressocializam”: a perpetuação do descaso. Rio de Janeiro. Instituto Interamericano Del Nino; Amais; 1995. p.47-98.

atendê-los. No final do século XIX, algumas publicações mostravam que os menores pobres que cometiam delitos eram encarcerados junto com os adultos.

Em 1913, foi criado o Instituto Sete de Setembro, com a perspectiva de acolher menores abandonados e infratores. Em 1927, começou a vigorar o “Código de Menores”, que implantou medidas próprias para os menores. Os menores com idade inferior a 14 anos não seriam submetidos a processo penal de nenhuma natureza. Já os que tivessem entre 14 e 18 anos seriam submetidos a processos específicos. Em 1941, o Serviço de Assistência ao Menor extinguiu o Instituto Sete de Setembro, marcado pela repressão, rigidez e um tratamento desumano e ineficaz.

Em 1964, surgiu a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM), com projetos de pesquisas e objetivos de reintegração à família e à comunidade. O autoritarismo da instituição e suas condições físicas insalubres motivaram o novo Código de Menores (1979), que adotou a doutrina da situação irregular, isto é, a concepção relativa ao abandono e à delinqüência era compreendida pela ótica da privação das condições de subsistência, de saúde e de instrução, por omissão dos pais ou responsáveis, além da situação de maus-tratos e castigos, de perigo moral, de falta de assistência legal, de desvio de conduta por inadaptação comunitária ou familiar, e autoria de infração penal (Artigo 2º da Lei 6.697 de 10 de outubro de 1979). A intervenção era dada pelo juiz.

Esse quadro modificou-se com a Constituição de 1988, que estabeleceu direitos e garantias regulamentados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. A partir daí, efetivou-se a proteção integral, a prioridade absoluta e a condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

O Brasil vem, historicamente, aperfeiçoando os mecanismos legais e assumindo os compromissos firmados com a Declaração de Genebra (1924), com a Declaração dos Direitos da Criança (1959) e, finalmente, com a Convenção Sobre os Direitos da Criança (1989). Estes são instrumentos legais e mecanismos que priorizam deveres da sociedade civil, do Estado e da família para com as crianças e os adolescentes, buscam garantir seus direitos e deveres, na tentativa de promover seu desenvolvimento físico, social e psíquico.



Considera criança o cidadão até doze anos de idade incompletos, e adolescente, o cidadão entre doze e dezoito anos.

Define a criança e o adolescente como pessoas humanas em desenvolvimento, que, devem “[...] *estar a salvo de qualquer forma de discriminação, negligência, opressão, violência e crueldade.*” (art 227/ Constituição/ 1988), como pessoas em desenvolvimento, sujeitos de direitos, prioridade absoluta e com proteção integral.

A Constituição Brasileira (livro II, artigos 1 a 85) define o rumo juridicamente exigível (criança e adolescente vivos, vacinados, na escola, etc.); entende também **como** essa cidadania pode obter efetividade, ou seja, o uso correto da norma (ter criança e adolescente vivos, com saúde, educação, etc). Ainda, introduz o princípio participativo a ser construído (artigo 204, II), que explica que, na Política do Estado, o governo é uma das partes e a sociedade é outra, para formular a política dos Direitos da Criança e do Adolescente (artigo, 227, parágrafo 7). Os princípios fundamentais que representam a Doutrina da Proteção Integral são: o conceito de criança e adolescente como sujeitos de direitos, com condições de participar das decisões que lhes dizem respeito; a criança deve estar acima de qualquer interesse da sociedade (interesse superior); assegurar todos os direitos à criança (princípio da indivisibilidade dos direitos).

Ao adotar a **doutrina da proteção integral**, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) consolidou a existência de um novo sujeito político e social, portador de direitos e garantias, com atenção prioritária de todos. Representou, ainda, um atendimento peculiar de pessoa em desenvolvimento aos adolescentes em conflito com a lei (etapa penal indiferenciada e tutelar) e operacionalização de medidas sócio-educativas para os proteger, no conjunto de direitos, e educar, oportunizando a inserção do adolescente na vida social. E, finalmente, distinguiu a idéia de responsabilização, ao introduzir o adolescente no Estado Democrático do Direito.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, creio, representa um avanço social, quando propõe total proteção à criança e ao adolescente e uma visão educativa que

prevê o direito ao desenvolvimento integral e integrado. Trata-se de uma situação peculiar de seres em desenvolvimento, cristalizando-se, portanto, uma doutrina de proteção integral, tal como preceituam os artigos 227 da Constituição Federal e 1º e 4º do ECA.

Atualmente, uma das grandes preocupações da sociedade é referente aos atos infracionais praticados pelos adolescentes. Com idade entre 12 a 18 anos, segundo o ECA, aqueles que praticam um crime (Código Penal), ou uma contravenção penal (Lei de Contravenções Penais), exercitam uma conduta denominada “ato infracional”.

Segundo os dados da Unicef (2004), dos crimes e delitos registrados a cada ano, no Brasil, 10% são cometidos por adolescentes, e os outros 90%, por adultos. Os adolescentes são mais vítimas que autores da violência; 68% das mortes são provocadas por causas externas – acidentes de trânsito, homicídios e suicídios. Portanto, há um hiperdimensionamento, atribuído pela sociedade aos atos cometidos pelos adolescentes.

Dos cerca de 40 mil adolescentes em conflito com a lei, no Brasil, de acordo com a Secretaria Especial de Direitos Humanos (2005), apenas 3% estão em Semiliberdade, 7% em Internação Provisória, 19% em Prestação de Serviços à Comunidade, 24% em Internação e 47% em Liberdade Assistida.

### **2.2.2 Adolescente infrator: uma nova cultura de direitos de Crianças e Adolescentes**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é uma legislação que se consagrou o princípio de que a criança e o adolescente estão em um período diferenciado da vida humana, e de peculiar desenvolvimento. Seguindo o princípio da cidadania e adotando a doutrina da Proteção Integral, fez com que a legislação não mais considerasse o adolescente em conflito com a lei um objeto de intervenção tutelar do Estado por inadequação ou inadaptação a um modelo social, mas um

sujeito de direitos, com absoluta prioridade, protegido pelo Estado, família e sociedade.

Diante desse entendimento, a legislação brasileira optou por um modelo de responsabilização do adolescente infrator que estabelece a inimputabilidade penal de menores de 18 anos, ou seja, ele responde pelos seus atos na forma da legislação especial (artigo 228 da Constituição Federal/ 88). Esta legislação dá resposta à prática de atos infracionais, compreendidos como crimes e contravenções penais, amparados pela disposição do parágrafo 4º, do artigo 60, da Constituição Federal, que define os direitos e garantias individuais. Nessa legislação, há a não-responsabilização criminal da pessoa menor de 18 anos, justamente em razão de sua condição peculiar de desenvolvimento. Portanto, estabelece um sistema de responsabilização cuja ênfase é a sócio-educação.

O sistema jurídico estabelece para os autores de atos infracionais a aplicação de medidas de advertência, reparação do dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação; todas, à exceção da advertência, mediante prévio procedimento de apuração de autoria e materialidade da infração, garantindo-se, sob a ótica do devido processo legal, o contraditório e sua isonomia.

No que concerne à prática do ato infracional, o Estatuto da Criança e do Adolescente traz 25 artigos, do 103 ao 128, refletindo uma pressão do aparato judicial então vigente, não só para definir procedimentos, mas para garantir direitos à dignidade, à defesa plena e ao contraditório, assinalando que “nenhum adolescente será privado de sua liberdade, senão em flagrante ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente” (artigo 106).

Sob a abordagem indicada pelo ECA, a responsabilidade pelo ato infracional começa aos doze anos de idade, não sendo, portanto, aplicáveis às crianças as medidas sócio-educativas, mas apenas as medidas específicas de proteção, previstas no artigo 101 do ECA.

As medidas estabelecidas para adolescentes em conflito com a lei partem do princípio do pleno exercício da cidadania, como reza o artigo 15: “*a criança e o adolescente têm direitos à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas*

*humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos nas Constituição e nas leis”.*

Nenhum procedimento judicial poderá expor as crianças e os adolescentes envolvidos, a fim de provocar-lhes qualquer tipo de constrangimento ou situação vexatória (artigos 143 e 232 ECA), devendo predominar o princípio educativo. Sob essa vertente, baseia-se *“a noção de ressocialização e reinserção ao convívio social dos adolescentes, precisando, para tal, a viabilização de um conjunto de atividades organizadas, inclusive de profissionalização e inserção social.”* (artigos 99 e 100)

Conforme o artigo 103 do ECA, *“considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal.”* Neste passo, observa-se que os atos infracionais submetem-se, totalmente, nas condutas tipificadas como crime ou contravenção, desviando-se do preceito normativo somente no que corresponde ao preceito sancionador, sendo este atendido às medidas dos artigos 101 e 112.

A sanção imposta com a medida sócio-educativa agrega carga imediata pedagógica e mediata retributiva, ao demonstrar o desvalor da conduta do adolescente, possibilitando-lhe a reavaliação de sua conduta e recuperação, preparando-o para a vida em sociedade. O juiz deve ter um olhar interdisciplinar e obedecer às prerrogativas da legalidade e objetividade.

Outro agente do Sistema de Justiça é o Ministério Público, cuja atuação é prevista no Capítulo V, nos artigos 200 ao 205. Convocado a tutelar os direitos da criança e do adolescente, atuará na defesa dos seus direitos sociais, principalmente na área específica dos interesses difusos e coletivos, conforme dispõe o art 200. Iniciará ação sócio-educativa, visando à aplicação de medida sócio-educativa ao adolescente autor do ato infracional; também dará início a ação civil e inquérito civil públicos para a apuração de responsabilidade administrativa no descuido da proteção dos interesses individuais, difusos e coletivos afetos à criança e ao adolescente.

O Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe uma série de dispositivos que atentam para a execução das medidas sócio-educativas, prezam primordialmente pela articulação das ações em diversos âmbitos, dando ensejo ao chamado princípio da incompletude institucional, ou seja, que as instituições de atendimento não devem

oferecer todos os serviços pertinentes, sendo necessário, portanto, buscar completar a oferta de serviços em outros lugares, utilizando-se de recursos públicos e políticas setoriais de outras esferas.

O objetivo do estatuto é redirecionar a política de atendimento, no sentido de atuação conjunta das entidades públicas e civis que prestam serviços sociais às crianças e aos adolescentes.

Entre as medidas sócio-educativas que possuem um caráter predominantemente pedagógico, o Estatuto privilegia medidas restritivas de direitos, reservando a privação de liberdade para os casos excepcionais de maior gravidade.

Neste trabalho de pesquisa, os sujeitos pesquisados se encontram em medida de privação de liberdade, a semiliberdade, razão pela qual dar-se-á especial ênfase ao esclarecimento do conceito dessa medida sócio-educativa. Em face da doutrina da proteção integral, preconizada pelo Estatuto em seu artigo 1º, temos que as medidas aplicáveis possuem como função principal demonstrar o desvalor da conduta do adolescente e afastá-lo da sociedade, inicialmente, como medida profilática e retributiva, possibilitando-lhe reavaliação da conduta e recuperação, preparando-o para a vida livre, a fim de que, posteriormente, seja re-inserido na sociedade. Não se trata de pena: embora presente o caráter retributivo, o objetivo e natureza da medida sócio – educativa não é punir, mas, primordialmente, ressocializar.

Portanto, ela tem como objetivo o desenvolvimento de programas pelos quais os adolescentes passam no decorrer de sua execução: acesso às oportunidades de superação de sua situação de exclusão, bem como acesso à formação de valores positivos de participação na vida social. A execução desses programas deve observar e promover os direitos dos adolescentes à cidadania, à dignidade e à justiça social.

O processo de ressocialização dos adolescentes, autores de atos infracionais, garante-lhes oportunidade de superação de sua condição, já que a semiliberdade é um regime no qual ficam abrigados, mas têm permissão para realizar atividades fora, como trabalho e estudos, e, se tiverem bons comportamentos, passam o final de

semana com seus familiares. São acompanhados de perto, sem perder o vínculo familiar. Portanto, um sujeito histórico e social, privado de liberdade que vive um processo de transformação.

### **2.2.3 O ADOLESCENTE INFRATOR E A ESCOLA**

O Estatuto da Criança e do Adolescente confere deveres à família, à comunidade, à sociedade e ao poder público de assegurar os direitos da criança e do adolescente. Para introduzir as mudanças da lei, implantou-se uma complexa rede jurídico-administrativa, que deve assegurar de fato os direitos previstos no artigo 227 da Constituição Federal / 1988, principalmente no que diz respeito à saúde, educação e assistência social, que, no seu conjunto, são compreendidas como políticas de bem-estar social, conferidas constitucionalmente à responsabilidade do Estado.

Esse “sujeito de direitos”, para conquistar a cidadania, depende, dentre outros fatores, da educação formal, principalmente da garantia de término do Ensino Fundamental e Médio. O nível escolar dos adolescentes brasileiros é preocupante, segundo a Unicef (relatório/ 2005), pois apenas 33% dos adolescentes de 15 a 17 anos freqüentam o Ensino Médio.

O grande desafio do governo brasileiro é aumentar o número de vagas no Ensino Médio e a qualidade de ensino oferecida. Acreditamos que, à medida que esse direito seja conquistado, surgirão maiores possibilidades de construção da cidadania. Outro desafio é a reintegração, na vida social, escolar e profissional, do adolescente em medida sócio-educativa, possibilitando a educabilidade, a profissionalização e o apoio para a escolha de um projeto de vida.

Há uma aparente falta de intervenção por parte do poder público, sociedade e família, nesse processo de reintegração. Essa problemática produziu uma conseqüente situação de risco e marginalização. Participar de estratégias de sobrevivência, na sociedade pós-moderna, é necessidade compartilhada por um enorme contingente desses adolescentes; e a sociedade brasileira os reconhece,

mas falta acolhimento por parte de todos os sujeitos sociais que silenciam ou se omitem em face dessa situação infracional e tendem cada vez mais a segregá-los do conjunto dos demais adolescentes.

Nesse contexto social, situa-se a problemática do adolescente pesquisado, exposto à discriminação, à marginalização pessoal e social.

A relação estabelecida entre o adolescente, o ato infracional e a escola merecem uma atenção especial, pois é fundamental para o encaminhamento de políticas públicas voltadas à questão social e educacional, possibilitando uma atuação preventiva, direcionada para os problemas detectados. Segundo Volpi, o Estado tem como obrigação:

...colocar os agentes envolvidos na operacionalização das medidas sócio-educativas com a missão de proteger, no sentido de garantir o conjunto de direitos e educar oportunizando a inserção do adolescente na vida social. Esse processo se dá a partir de um conjunto de ações que propiciem a educação formal, profissionalização, saúde, lazer e demais direitos assegurados legalmente. Sua condição de sujeito de direitos implica a necessidade de sua participação nas decisões de seu interesse e no respeito à sua autonomia, no contexto das normas legais. Assim, é responsabilidade do Estado, da sociedade, da família garantir o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. As medidas sócio-educativas constituem-se em condição especial de acesso a todos os direitos sociais, políticos. (Volpi, 1999: p.14)

O novo modelo paradigmático de atenção a esse grupo etário é diferente do já vivido pela adolescência brasileira. Há uma mudança de concepções da infância e da adolescência em nossa sociedade, e este conjunto revolucionário de transformações diminui de forma substancial o poder discricionário do mundo adulto sobre as novas gerações, na medida em que as regras do estado democrático de direito misturam, nestas relações, o campo da discricionariedade e, freqüentemente, o do arbítrio, diminuindo a sua margem de atuação. Com isso, a mitologia construída em torno da incapacitação da infância e da adolescência, base da conduta tutelar, que, por sua vez, é o eixo central da doutrina da situação irregular, já não mais se sustenta. Seja na garantia de seus direitos sociais, seja na circunstância de seu envolvimento em conflito com a lei, a criança e o adolescente são, hoje, sujeitos de

direitos exigíveis com base na lei. Essas novas institucionalidades estão chamadas a desempenhar um papel fundamental do novo direito. Apesar disso, no cenário atual, dissensos cada vez mais visíveis dessa área aparecem, como:

Os adolescentes em conflito com a lei, embora sejam componentes do mesmo quadro supracitado, não encontram eco para a defesa dos seus direitos, pois, pela condição de terem praticado um ato infracional, são desqualificados enquanto adolescentes. A segurança é entendida como a fórmula de “proteger a sociedade (entenda-se, as pessoas e o seu patrimônio) da violência produzida por desajustados sociais que precisam ser afastados do convívio social, recuperados e reincluídos”. É difícil, para o senso comum, juntar a idéia de segurança e cidadania. Reconhecer no agressor um cidadão parece ser um exercício difícil e para alguns, inapropriado. (Volpi, 1999, p.9)

Neste contexto de definições, crescem os preconceitos e alastram-se explicações simplistas, ficando a sociedade exposta a um amontoado de informações desencontradas e desconexas, usadas pela mídia para justificar a maior vulnerabilidade dos adolescentes pobres em uma sociedade em que estes são historicamente os mais atingidos pela desigualdade social. Fatos da atualidade nos revelam uma inclinação para corresponder ao padrão adotado anteriormente à promulgação do ECA, negligenciando as matrizes da nova doutrina, podendo levar a que a consequência da infração cometida não transcorra no cumprimento do que a lei determina.

Os adolescentes desta pesquisa são obrigados a freqüentar a escola, por estarem inseridos no regime da semiliberdade, que possibilita a realização de atividades externas, conforme o preceituado no artigo 120 do ECA. Dentre essas atividades, são obrigatórias a escolarização e a profissionalização, como também o trabalho, a saúde, o lazer, o esporte, a cultura, a religião, dentre outras. Ao longo do processo desta pesquisa, buscarei a compreensão do sentido e do significado de escola para estes adolescentes, sem perder de vista o problema que recai sobre estes sujeitos em conflito com a lei e que me motivou a fazer esta pesquisa: a discriminação e a invisibilidade. Ainda que esteja distante o cumprimento da diretriz



legal, na sua prerrogativa por excelência, ou seja, a defesa da dignidade humana e o direito a todas as crianças e adolescentes deste país à educação com qualidade, o fato de que a lei e sua doutrina garantem a inclusão deste adolescente em uma escola regular não deve ser negligenciado.

A escola tem papéis a desenvolver quando se trata do adolescente envolvido em um ato infracional. O primeiro é de caráter preventivo, com a promoção de uma cultura de paz e tolerância, por meio de uma sólida formação para os valores. O segundo é **receber** o adolescente que já se tornou um infrator e retorna à vida de estudante. A atitude básica da escola, nesse caso, deve ser de inclusão. O sistema de ensino precisa se preparar para lidar melhor com esses jovens e os problemas que trazem consigo. A educação é um direito de todos, sem exceção, e o adolescente que tenha um conflito com a lei não pode ser excluído.

Pode-se observar que os educadores são preparados para lidar com crianças e jovens que não apresentam problemas de conduta. Se olharmos a realidade atual, no entanto, percebemos claramente que crianças e adolescentes em situação de risco fazem parte da clientela da educação. Professores, diretores, supervisores e orientadores não recebem capacitação específica para lidar com esse contexto. Essa é uma grande falha das redes pública e particular de ensino. Os educadores deveriam ser preparados para não separar o jovem de seu meio. A escola deve ser capaz de acolher o aluno e sua realidade familiar, comunitária ou cultural. Hoje, em muitas escolas, infelizmente, a regra geral é eliminar o problema, pela exclusão do jovem.

A entrada desses adolescentes na escola marca uma nova etapa, um grande desafio de inseri-los nas relações com toda a comunidade escolar, levando-se em consideração as situações de risco social, as relações, as causas e a complexidade da situação do contexto vivido por estes adolescentes.

A partir da escolha e o aprofundamento da abordagem da Psicologia sócio-histórica adotada nesta pesquisa, acredito que a reflexão contribuirá para desvelar o conjunto de fatores interligados que constituem o contexto da ação desses

adolescentes e as diferentes funções sociais que podem vir a ser assumidas pela escola, na busca de soluções aos seus problemas.

Este referencial teórico aponta o adolescente como pessoa sujeita a contradições e ambigüidades, que é resultado de um processo dialético que se faz e ao mesmo tempo é engendrado no e com o mundo histórico e social em que o adolescente vive. A escola em que este adolescente se insere, dependendo do seu contexto e do seu grupo social, pode se tornar eficiente e tentar mudar suas ações, de acordo com as necessidades de todos os que a freqüentam.

O conjunto de fatores que concorrem para a constituição da singularidade dos sujeitos, assim como o uso que eles fazem de suas experiências escolares para sua inserção nas mais diferentes dimensões da sociedade serão refletidos nesta pesquisa.

#### **2.2.4 O ADOLESCENTE INFRATOR NA ESCOLA PESQUISADA**

A maioria dos adolescentes pesquisados dá entrada aos abrigos de semiliberdade por "progressão de medida", ou seja, são oriundos da internação, conforme estabelecido no Artigo 120 do Estatuto da Criança e do Adolescente: "*como forma de transição para o meio aberto*", "*assumindo a necessidade de adaptação de pelo menos seis meses*". (§2º).

Sendo os adolescentes matriculados na rede oficial de ensino, de forma compulsória tanto para a escola quanto para eles mesmos, as escolas, de modo geral, não os aceitam de bom grado, alegando um motivo óbvio: não têm poder de recusar os adolescentes ou coibir suas ações, pela forma compulsória pela qual estes são postos na escola.

Os adolescentes podem entrar na escola em qualquer momento do período letivo, de acordo com a LDB. Esse fato interfere em todo planejamento pedagógico da escola e também no processo de ensino e aprendizagem, seja dos alunos já matriculados, seja dos alunos que chegam no meio ou no fim do período letivos.

Frente a tal fato, realizei observações no cotidiano escolar, durante o período da pesquisa. Ao se defrontarem com regras e normas, os adolescentes parecem alheios, não apresentam disciplina escolar, nem dedicação compatível ao comportamento dos demais alunos. Obrigados a freqüentar a escola, muitas vezes revelam que carregam elementos característicos da exclusão social, sem "visibilidade". Assim, pode-se perceber que, quando não zelam pela pontualidade na entrada em sala de aula, trazem para a escola um reduzido material didático (um caderno e uma caneta); demonstram uma espécie de sentimento de "insignificância". Um aspecto que chama a atenção para esse sentimento é a postura arrogante assumida algumas vezes e até contraditória que eles assumem, nos enfrentamentos com os colegas e os professores, pois na maioria vezes se colocam no silêncio, no anonimato. No entanto, essa posição de "folgados" acaba gerando uma presença invisível, isto é, estão presentes na escola, mas passam como se não existissem, são desconsiderados pelos demais, não interagem com os colegas e com os professores. Cumprem, simplesmente, a medida sócio-educativa a que estão submetidos.

Paradoxalmente, esses jovens entendem que a escola é a única possibilidade de eles saírem do controle institucional - FEBEM - numa relação de liberdade com o mundo. Exatamente nesse aspecto residem alguns problemas, porque encontram oportunidade para pequenos e grandes deslizes. Os usuários de drogas aproveitam para aliviar a "tensão" da vida institucionalizada e ainda carregam um "salvo conduto", caso sejam abordados pela polícia, por denúncia ou para averiguação, pois um policial só pode tomar alguma atitude com um custodiado, em situações nas quais haja uma efetiva materialidade de qualquer infração.

Há um flagrante descompasso entre o objetivo pedagógico norteado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e o que ocorre na escola. Muitos dos profissionais responsáveis pela execução das medidas sócio-educativas, da reeducação e da qualificação intelectual contam com poucas condições materiais e sociais, além de pouca clareza de seus compromissos com esses jovens.

Tradicionalmente, a comunidade escolar defende posições que oscilam entre dois pontos de vista: o primeiro é aquele marcado pela distinção entre o sujeito que

comete um ato infracional daquele que não comete, propondo que esses sujeitos privados de liberdade deveriam freqüentar uma escola especial; o segundo defende que a escola, pelos preceitos legais, é um direito de todos e esse adolescente em conflito com a lei é também prioridade absoluta, portanto, é necessário colocar em pauta a discussão de um processo pedagógico que respeite a individualidade de cada aluno.



[www.cdisaopaulo.org.br/.../fotoFTel](http://www.cdisaopaulo.org.br/.../fotoFTel)

Cantando a gente inventa. Inventa um romance, uma saudade, uma mentira ... Cantando a gente faz história. Foi gritando que eu aprendi a cantar: sem nenhum pudor, sem pecado. Canto pra espantar os demônios, pra juntar os amigos. Pra sentir o mundo, pra seduzir a vida.

Não penso em fazer um livro de poesias. Eu já faço discos de poesia.

A gente procura nele uma pureza impossível.  
uma pureza que está sempre se pondo, indo embora.  
A vida veio e me levou com ela  
sorte é aceitar essa vaga idéia de paraíso que nos persegue  
... bonita e breve  
como borboletas que só vivem 24 horas,  
morrer não dói.”  
Cazuza

### CAPÍTULO 3

#### O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

O que ocorre ao meu redor me surpreende a cada vez, me assusta, me deixa perplexo.

Ítalo Calvino

Partilhando da perplexidade de Calvino frente ao mundo e às suas transformações, procuro compreender a presença dos adolescentes em semiliberdade no mundo de hoje. Poderia parecer estranha essa situação, que nos deixa perplexos, mas que é natural e sem estranheza para o adolescente que nele vive.

Este capítulo tem por objetivo apresentar os conceitos apontados por L. S. Vigostki (1896-1943) na área educacional e as possíveis aplicações do enfoque sócio-histórico. Essas noções nos ajudaram a lançar novos olhares ao plano social e individual da ação do sujeito e seu desenvolvimento psicológico, que se dá no curso da apropriação de formas culturais. Essa teoria contribui para a organização da educação, na medida em que auxilia na discussão em torno das características psicológicas, suscita questionamentos, aponta diretrizes e formulações alternativas nas práticas de ensinar e de aprender que associamos a concepções que norteiam o plano pedagógico.

Esta pesquisa tem como foco a compreensão do **sentido e significado da escola para o adolescente em semiliberdade** e as implicações desses sentidos e significados em suas vidas. Recorri ao referencial teórico-metodológico da Psicologia sócio-histórica, marcada pelo materialismo histórico dialético, segundo a qual a base da sociedade está nas condições materiais de vida e no modo como o homem se organiza no mundo. Essa organização da realidade vivida compreende uma

totalidade de determinações ordenadas de modo a constituir uma unidade, gerando suas próprias contradições e produzindo transformações.

Considerando esses pressupostos teóricos, configurou-se o seguinte problema de pesquisa: Qual o sentido e significado da escola para o adolescente em semiliberdade? A partir desse problema de pesquisa, delinear-se os seguintes objetivos:

1 – Como **objetivo geral**, o de investigar como os jovens adolescentes de uma instituição sócio-educativa atribuem o significado e o sentido da escola.

2 – Como **objetivos específicos**, este trabalho pretende: a) levantar os significados e sentidos mais comuns atribuídos à escola por estes adolescentes; b) identificar como esses sujeitos assumem e se relacionam com a construção dos significados e sentidos atribuídos pela sociedade à escola.

### **3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-ESPITEMOLÓGICA SEGUNDO VIGOTSKI**

Para analisar os adolescentes em semiliberdade, tomei como pressuposto teórico a abordagem da Psicologia sócio-histórica.

Os estudos que vimos desenvolvendo das obras de Vigotski, ao longo de nossa formação e atuação, nos têm conduzido à compreensão do psiquismo humano para além das explicações baseadas nos modelos mecanicistas e organizacionistas do desenvolvimento humano. A partir da dimensão histórico-cultural, é possível interpretar as ações, as palavras, as relações sociais, em seu movimento, e estudar os fatos historicamente.

As contribuições teóricas de Vigotski, Leontiev, juntamente com Luria, seus colaboradores e os principais representantes da escola de psicologia soviética elucidaram a origem histórico-social da consciência humana, ao explicar certas funções internas, como o pensamento e a linguagem, e ao esclarecer o caráter mediador dessas funções.

Na perspectiva sócio-histórica, o adolescente é entendido como ser histórico, que se constitui na relação com a sociedade, em constante movimento de transformações. O processo é dialético, pois é forjado nas condições sócio-culturais.

Ao dizer que o sujeito constitui suas formas de ação em atividades e sua consciência nas relações sociais, Vigotski aponta caminhos para a superação da dicotomia social e individual, pois a ação do sujeito é analisada a partir das condições sócio-culturais em que vive. Assim, o psicológico só pode ser compreendido nas suas dimensões social, cultural e individual.

Na década de vinte do século passado, Vigotski e seus seguidores deram contornos bem definidos à Psicologia e, nos dias atuais, seu pensamento ressurgiu com vigor no meio acadêmico, na área da educação. Trata-se de uma psicologia em que são reconhecidas as relações entre a história da nossa espécie, a história da cultura da humanidade e a história de cada um, inscrita em um determinado tempo e lugar, relacionando desenvolvimento com cultura e com os processos sociais interacionais.

Essa perspectiva adota a concepção de sujeito como ser social, que se constitui na e pela cultura, em dado momento e contexto histórico. Os modos de ação humana são considerados formas de relação do homem com o mundo, definidos por interesses a serem alcançados.

A compreensão da gênese social do desenvolvimento pode ser evidenciada por meio da identificação de mecanismos pelos quais o plano intersubjetivo se converte em intrasubjetivo.

O desenvolvimento é alicerçado, assim, sobre o plano das interações. A ação do sujeito tem, inicialmente, um significado partilhado. Nesse sentido, é importante desenvolvermos o conceito de ação internalizada e zona de desenvolvimento proximal, para entendermos melhor o desenvolvimento como socialmente constituído.

As funções psicológicas que surgem e se firmam no plano da inter-relação tornam-se internalizadas, isto é, transformam-se para se constituir em funcionamento interno, estabelecendo uma nova relação entre sujeito e objeto, no processo de formação de conceitos e construção de conhecimentos. Dessa forma, longe de ser uma mera cópia do externo, o funcionamento interno, para Vigotski, é resultante de uma apropriação das formas de ação que estão intimamente interligadas a estratégias e conhecimentos dominados pelo sujeito, como, também, a ocorrências no contexto interativo.



Nessa abordagem, o homem é o produto da relação dialética entre o corpo e a mente, entre o biológico e o social. Assim, os meios utilizados pelo outro, para colocar limites ou interpretar as ações do sujeito e os meios empregados pelo sujeito para fazer o mesmo em relação à ação do outro, são transformados em recursos para o sujeito regular a sua própria ação. Dessa relação, nasce a auto-regulação, que é fundamento da ação autônoma. Caracteriza-se, assim, o processo pelo qual o funcionamento do plano intersubjetivo permite criar o funcionamento individual.

Para Vigostki, o processo de aprendizagem se diferencia das posturas inatistas, dos processos de maturação do organismo e das posturas empíricas, que enfatizam a supremacia do meio no desenvolvimento. Pela ênfase dada aos processos históricos, a idéia de aprendizagem é de um processo pelo qual o indivíduo se apropria de conceitos a partir do contato com a sua realidade, com o seu meio e com as outras pessoas com quem convive. Portanto, inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo.

A concepção de que é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos do indivíduo implica o desenvolvimento da pessoa à sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive e indica que ela precisa aprender a pensar para se desenvolver e transformar o mundo e a si própria. Assim, os fenômenos tipicamente humanos só podem ser estudados visando à compreensão das funções psíquicas superiores, produto das relações entre sujeito social e a apropriação das produções culturais, provenientes da relação entre história individual e coletiva.

No plano do fazer pedagógico, é importante destacar o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que diz respeito a funções emergentes no sujeito, a capacidades ainda não manifestadas, com apoio em recursos auxiliares oferecidos pelo outro e essa relação partilhada produz algo fundamentalmente novo. Vigostki procura explicar a construção do processo individual pelos modos de participação com o outro e na transformação do funcionamento interpessoal em intrapessoal. Consolida o conceito de zona de desenvolvimento proximal, uma concepção que ocupa um lugar de destaque na atualidade, nos debates sobre desenvolvimento e aprendizagem.

Para Oliveira, a partir de Vigotski:

A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para o desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento proximal é, pois, um domínio psicológico em constante transformação; aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É como se o processo de desenvolvimento progredisse mais lentamente que o processo de aprendizado; o aprendizado desperta processos de desenvolvimento que, aos poucos, vão tornar-se parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo. (OLIVEIRA, 1995, p.60)

Ao explicar o conceito de zona de desenvolvimento proximal, Vigotski define dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real, no qual o sujeito sabe fazer sozinho o que já aprendeu, caracterizado como resultado de um ciclo de desenvolvimento já completado e pela independência das ações; e o nível de desenvolvimento potencial, no qual o sujeito ainda não é capaz de realizar atividades, e necessita da colaboração e da ajuda do outro para desenvolvê-las.

Nessa perspectiva, Vigotski nos chama a atenção para observar os processos terminados e aqueles que ainda estão em desenvolvimento.

Aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã (Vigotski, 2000, p.113)

No espaço relacional, há possibilidade do conhecimento, da aprendizagem, ou seja, há uma construção individual com a participação do outro e do meio social. Essa relação produz ações internalizadas, construídas na interação sujeito e objeto e dessa ação do sujeito sobre o objeto socialmente mediado.

Os processos de incorporação da cultura e individuação permitem a passagem de formas elementares de ação a formas complexas, mediadas. As funções psicológicas superiores (percepção, memorização, atenção, pensamento e imaginação) são marcadas pelo uso de recursos mediacionais internalizados.

Compreendemos que o homem é um ser histórico e social, e deve ser considerado na complexidade de fatores do universo cultural. Seu processo de

desenvolvimento acontece na cultura, no meio de outras pessoas, mediado pelas palavras, gestos, olhares, emoções, intervenções de outrem, que possibilitam a interação entre o sujeito e o mundo.

A forma como o homem se relaciona com a natureza desenvolve novas capacidades que lhe permitem transformar-se pelo trabalho, criando suas próprias condições de existência e seu próprio modo de ser. As funções biológicas não desaparecem, mas adquirem novas formas, são incorporadas na história humana. O homem torna-se sujeito de sua história pessoal, de sua singularidade e faz parte da história humana, articuladas na filogênese e ontogênese.

Conforme conhece e interage com o mundo, o sujeito vai se apropriando dos sentidos das palavras, dos gestos, dos olhares, de conhecimentos sobre a vida, a casa, a escola, a rua. Vai se libertando da presença das coisas e das pessoas, para falar, pensar, imaginar ou desejá-las. A escola começa a ter sentido porque consegue imaginá-la, mesmo sem estar nela. Ocorre, então, a união: palavra e pensamento. A palavra está sempre carregada de sentido, que varia conforme o contexto vivido.

Segundo Vigotski:

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento, há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último porquê de nossa análise do pensamento. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva. (Vigotski, 2000b, p.187)

Portanto, nesta ótica, à medida que o homem constrói a sua condição existencial, também é determinado por esta e constitui-se historicamente. Segundo Vigotski:

O homem é uma pessoa social, um agregado de relações sociais, corporificado num indivíduo (funções sociais construídas segundo a estrutura social).<sup>4</sup> (Vigotski, 2000, p.33).

Compreende-se que o homem e a sociedade estão em permanente movimento e transformação. Vigotski explica:

... No processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas tendências naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento especificamente culturais.<sup>5</sup> (Vigotski, 1995a, p.34)

Na obra de Vigotski, o papel mediador da atividade humana do trabalho e dos instrumentos encontra-se nas raízes das características humanas, na filogênese, principalmente, no funcionamento da linguagem e, em suas relações com o funcionamento psicológico. Eles exercem a função essencial na comunicação entre os homens e na atribuição dos significados e sentidos que permitem a interpretação dos objetos, acontecimentos e fatos da realidade.

Partindo da inserção do sujeito em seu meio social e com a participação em atividades humanas historicamente construídas, ele incorpora comportamentos estáveis da experiência humana. Essa incorporação, para Vigotski ocorre pelo processo de internalização.

A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento. O processo, sendo transformado, continua a existir e mudar como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo, antes de internalizar-se definitivamente. (Vigotski, 2000, p.75)

---

<sup>4</sup> No manuscrito de 1929, publicado na Revista Educação e Sociedade, nº 71, julho de 2000, o homem é definido como personalidade social e de posse de outra tradução (mimeo) o homem é definido como pessoa social. Apoio-me com esta tradução por entendê-la como mais coerente com as referências e reflexões das obras lidas de Vigostki.

<sup>5</sup> [...] En el proceso del desarrollo histórico, el hombre social modifica los modos y procedimientos de su conducta, transforma sus inclinaciones e funciones, elabora e crea nuevas formas de comportamiento específicamente culturales.”

A mediação é simbólica e atua tanto no interior do homem como fora dele, em suas relações concretas de vida. O externo é o meio social e o interno o psiquismo individual. Nessa postulação, Vigotski demonstra as funções psicológicas superiores, ou seja, “toda função psicológica superior foi externa”; isto significa “que ela foi social; antes de se tornar uma função, foi a relação social entre duas pessoas” (Vigotski, 1994, p.66).

### 3.2 LINGUAGEM, SIGNIFICADOS E SENTIDOS

O surgimento da linguagem é visto como uma necessidade de troca dos indivíduos durante o trabalho e prioridade<sup>6</sup> no âmbito das categorias ontológicas. É uma ação transformadora do homem sobre a natureza, ligando o homem e a natureza e criando a cultura e a história humana.

A constituição dessas funções é caracterizada pela mediação dos signos, sendo a linguagem o mais importante sistema desses signos, e, também, auxilia no desenvolvimento psíquico do homem, em que há a primazia do princípio social sobre o princípio natural-biológico. O desenvolvimento ontogenético da psique é determinado pelos processos de apropriação das formas históricas e sociais da cultura.

Essas contribuições marcadamente dialógicas da interação humana levam em conta os processos de significação e sentido e a sua constituição no pensamento e linguagem, construídos socialmente.

Os significados necessitam das palavras para serem expressos: “Assim como uma frase pode expressar vários pensamentos, um pensamento pode ser expresso por meio de várias frases” (2000b, p.186). Palavra interpretada como um signo cultural, contraindo “valor de instrumento psicológico, cuja intervenção transforma (junto com outros signos) o processo psíquico natural, involuntário, em outro voluntariamente ou, mais exatamente, autodirigido.” (Vigotski, 1999, p.488)

A primeira função da linguagem é a comunicação, um meio de expressão e compreensão entre os homens, que permite a interação social.

---

<sup>6</sup> Prioridade entendida como instituinte do ser social, o trabalho é categoria prioritária, mas não única.

No processo de desenvolvimento do pensamento, a linguagem, para Vigotski, representada pela fala, assume a função de planejadora da ação, constituindo-se como fala interna, via processo de internalização.

Por volta dos dois anos, a criança apresenta grande evolução da linguagem, dando início a uma forma totalmente nova de comportamento, exclusivamente humana. Iniciam-se a formação da consciência e a diferenciação do "eu" infantil. Essa é uma mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Nessa etapa do desenvolvimento e nas decorrentes, a linguagem constitui uma forma de comunicação, mas não a atividade principal. Sua função maior é assimilar os procedimentos, socialmente elaborados, de ação com os objetos.

A adolescência é o período de desenvolvimento em que ocorre uma atividade especial no estabelecimento de relações pessoais íntimas entre os adolescentes e sua forma de reprodução, com os outros, nas relações existentes. A interação é mediatizada por determinados valores morais e éticos do grupo a que pertence. A atividade de estudo ainda continua sendo considerada importante e ocorre, por parte dos alunos, o domínio da estrutura geral da atividade de estudo, a formação de seu caráter autônomo, a tomada de consciência das particularidades individuais de trabalho e a utilização desta atividade como meio para organizar as interações sociais.

Segundo Vigotski (1996), o adolescente, nessa fase de desenvolvimento, tem um importante avanço intelectual, formando conceitos. Esse pensamento abre para o adolescente um mundo da consciência social. Por meio dele, compreende a realidade, as pessoas ao seu redor e a si mesmo. O conteúdo do pensamento do adolescente converte-se em convicção interna, em orientações dos seus interesses, em normas de conduta, em sentido ético, em seus desejos e seus propósitos. Forma ainda, os pontos de vista gerais sobre o mundo, sobre as relações entre as pessoas, sobre o próprio futuro e estrutura o sentido pessoal da vida.

As atividades histórico-culturais permitem entender como a aprendizagem e a educação se organizam, quanto intervêm no desenvolvimento e são dominantes em determinados períodos. Nesse processo o ser humano se esforça para modificar o lugar que ocupa no mundo das relações sociais. Na etapa seguinte, vai perdendo

força o desenvolvimento preponderante na esfera motivacional e de necessidades, seguindo um período com influência na formação das possibilidades operacionais técnicas.

Em vista disto, os educadores, de forma geral, precisam estar atentos às peculiaridades do desenvolvimento psíquico em diferentes etapas evolutivas, para que possam estabelecer estratégias que favoreçam a apropriação do conhecimento científico. Neste sentido, é necessário que o professor tenha clareza de como o ensino influi sobre o desenvolvimento intelectual e das características psicológicas dos alunos, e que se estudem maneiras de valorizar a eficácia dos diversos métodos de ensino no desenvolvimento do pensamento, da memória e de outros processos mentais.

O desenvolvimento do aluno ocorre quando existem avanços qualitativos no nível e na forma das capacidades e nos tipos de atividades, de que se apropria o indivíduo. A atividade escolar deve estar voltada para a experiência histórico-social, nos objetos da cultura humana, nas diversas esferas de conhecimento e na ciência. A apropriação dos conhecimentos científicos pelos alunos é o que o leva a pertencer ao gênero humano.

Outro ponto importante é o desenvolvimento da estrutura e das características do psiquismo humano, em especial, a sua forma mais complexa e elaborada, que o distingue do psiquismo dos outros animais: a consciência. Essa distinção ocorre quando o homem opera na estrutura da consciência e age deliberadamente sobre seu próprio universo psicológico, fortemente relacionado na dinâmica entre a subjetividade e sua gênese social. De modo que o homem se organiza pela dimensão chamada consciência, o que lhe é conferido pela sua imersão na cultura e na história e pelo compartilhamento de signos e significados com seus interlocutores.

Com a origem do pensamento, a atividade humana se complexifica por meio do conjunto de mediações constitutivas entre desejos, necessidades, emoções e interesses. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento possibilita essa flexibilização da atividade e a constante transformação da vida, a consciência do homem também passa a ser entendida como base afetivo-volitiva e os fins da ação.

### 3. 3 O SIGNIFICADO E O SENTIDO

O significado da palavra é um processo que transita nas diferentes dimensões do sujeito, não só na atividade do homem ao longo da história, como permite que ele elabore e planeje suas ações, e revela seus modos de pensar.

Vigotski explica que *“o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se trata-se de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento”*. (1998, p. 150)

A complexidade do significado é materializada na palavra, mas se refere a generalizações e conceitos decorrentes do pensamento. Pode-se, portanto, considerá-lo como fenômeno do pensamento.

... para compreender a fala de outrem não basta entender suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de se ter atingido esse plano (Vigotski, 1998, p. 188).

O processo de significação tem sua constituição histórica e social estabilizada na linguagem, o que demonstra a consciência social, os modos de conhecimentos dos homens, as perspectivas filosóficas, políticas, científicas, ideológicas e religiosas da sociedade pela história. Apresenta, também, outra forma de significados, em concomitância com a primeira constituição; refere-se ao que esse significado se torna para o indivíduo. O significado pessoal singulariza algo que é constituído histórica e socialmente. A partir das experiências vividas pelo indivíduo, ocorre essa singularidade.

Ao investigar a linguagem egocêntrica na infância, Vigotski descobre elementos para a compreensão das relações entre pensamento e linguagem e afirma:

... A linguagem externa é um processo de transformação do pensamento em palavra, sua materialização e objetivação. A linguagem interna é um



processo do sentido oposto, que vai de fora para dentro, um processo de evaporação da linguagem no pensamento. (Vigotski, 1998, p.307)

O autor considera a preponderância do sentido da palavra sobre o seu significado como característica essencial da linguagem interna, pois quase é uma linguagem sem palavras, que não necessita nomear aquilo de que se fala. Em forma de pensamento, objetiva-se até chegar às palavras: “*O significado medeia o pensamento em seu caminho para a expressão verbal.*” (Vigotski, 1998, p.342)

O **significado** das palavras refere-se a uma zona uniforme, abrangente e de aceitação universal entre os indivíduos. Já o **sentido** das palavras estaria em uma zona incerta, móvel e singular:

... nunca abarcamos o sentido completo das coisas e, por conseguinte, tampouco o sentido completo das palavras. A palavra é uma fonte inesgotável de novos problemas, seu sentido nunca está acabado [...] o sentido das palavras depende conjuntamente da interpretação de mundo de cada um e da estrutura interna da personalidade. (Vigotski, 1998, p.334)

Os sentidos, juntamente com os significados, podem ser manifestados por meio das diferentes formas da linguagem, como nos gestos, nas pausas, nas entonações de voz, nas contradições de discurso e também nas manifestações do inconsciente. Na prática da análise científica, estes conceitos são explicados de forma integrada, não dicotomizada, mesmo apresentando determinada unidade e fenômenos diferenciados.

Vigotski destaca as unidades de discurso e as unidades de pensamento não coincidentes, processos que revelam unidade, mas não apresentam identidade: “*A relação entre pensamento e a palavra não é uma coisa, mas sim um processo, essa relação é um movimento do pensamento até a palavra e o contrário, da palavra ao pensamento*”. (Vigotski, 1998, p. 296)

Portanto, a forma de expressão dos sentidos da palavra faz com que o sujeito também os modifique, assim como ao significado. Não se pode apreender o sentido de algo apenas por palavras e frases isoladas; é necessário conhecer o contexto em que elas foram constituídas. Por meio da palavra, parte constitutiva do pensamento, é

possível a análise dos sentidos, como forma de interpretar e de apreender o pensamento, as volições e os sentimentos dos sujeitos.

As características de cada indivíduo são formadas a partir das inúmeras e constantes interações do indivíduo com o meio físico, social e cultural. Nesse processo singular e em constante movimento, o sujeito estabelece trocas recíprocas com o meio, já que, ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém no meio em que vive.

Nesse sentido, o homem pode ser educado somente pelo homem. Educação no sentido de colocar o indivíduo em contato com os significados que circulam em sua cultura, por meio da aprendizagem de uma atividade que seja consciente, participativa e transformadora do meio em que vive, para que ele possa se apropriar deles e sobreviver. Considerando a importância da relação intersubjetiva para o crescimento individual na escola, podemos constatar que o ato de educar só pode ser vivenciado pelo homem e se realiza somente no meio social, ou seja, numa interação partilhada.

O conhecimento é continuamente criado e reinventado na presença dos sujeitos frente às necessidades do mundo e não existe separado da consciência humana; é produzido coletivamente, buscando dar sentido ao mundo.

Os pressupostos teóricos e epistemológicos de Vigotski são fundamentais para a educação, uma vez que permitem o desenvolvimento de pensamentos específicos. Além disso, considera-se insubstituível o papel da educação na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada.

O universo da educação escolar torna acessível ao sujeito o conhecimento formalmente organizado e o desafia a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais para introduzir novos modos de operação intelectual (abstrações e generalizações).

No processo educacional, o importante é a formação da consciência inferida pelas relações que a engendram, relações sociais com as quais cada sujeito realiza sua atividade coletiva, na qual o trabalho ocupa lugar central.

É fundamental que os processos de educação compreendam a realidade concreta do sujeito e se fundamentem nela, para ter maior significado. Assim, na

multiplicidade de nossa cultura, o sujeito somente pode apreender conceitos que o auxiliem a compreender-se.



[www.rionegro.com.ar/.../14/images/41\\_f1\\_p38.jpg](http://www.rionegro.com.ar/.../14/images/41_f1_p38.jpg)

### **AOS QUE HESITAM - Bertold Brecht**

Você diz:

Nossa causa vai mal.

A escuridão aumenta. As forças diminuem.

Agora, depois que trabalhamos por tanto tempo

Estamos em situação pior que no início.

Mas o inimigo está aí, mais forte do que nunca.  
Sua força parece Ter crescido. Ficou com aparência de  
invencível.

Mas nós cometemos erros, não há como negar.  
Nosso número se reduz. Nossas palavras de ordem  
Estão em desordem. O inimigo  
Distorceu muitas de nossas palavras  
Até ficarem irreconhecíveis.

Daquilo que dissemos, o que é agora falso:  
Tudo ou alguma coisa?  
Com quem contamos ainda? Somos o que restou,  
lançados fora  
Da corrente viva? Ficaremos para trás  
Por ninguém compreendidos e a ninguém  
compreendendo?  
Precisamos ter sorte?

Isto você pergunta. Não espere  
Nenhuma resposta senão a sua.

## CAPÍTULO 4

### Metodologia da pesquisa de campo

A língua é um instrumento do pensamento.  
VIGOTSKI (2000b)

#### 4.1 A pesquisa

Essa dissertação tem como objetivo investigar o sentido e o significado da escola para adolescentes em semiliberdade, e entender melhor as suas experiências sociais e culturais, compreendendo seus interesses e o contexto histórico-cultural. As experiências vividas por eles na escola os ajudam a se organizar enquanto sujeitos e atribuir sentidos e significados à escola e à sua vida.

Procurando compreender os significados e sentidos que os adolescentes atribuem à escola, aos principais problemas vividos ao retornarem à vida escolar e às perspectivas do futuro, e priorizando as vivências que os mesmos têm em relação aos temas, recorri à metodologia qualitativa.

Na perspectiva vigotskiana, se as funções cognitivas estão na dependência dos diversos processos em jogo na significação, elas não são comportamentos previsíveis ou apriorísticos, mas sofrem influência do contexto em que se produzem. Dependem-se da significação, são contextualizados historicamente. É nesse contexto que buscamos apreender o fenômeno investigado: *“em seu movimento, em seu processo de constituição, incluindo aí as determinações que lhe são constitutivas, inclusive o próprio orientador/ pesquisador”* (AGUIAR, 2002, p.134).

A escola em que a pesquisa foi realizada é de ensino médio, com turnos diurno e noturno. Está localizada na cidade de São Paulo, nas proximidades do maior complexo de internação do estado de São Paulo, dezoito unidades da FEBEM e das unidades de abrigo da semiliberdade

A partir da escolha dos adolescentes a serem entrevistados, houve um pedido formal a eles, por escrito, de consentimento para a recolha das suas falas. Ao

término de cada entrevista, optei por registrar os aspectos mais significativos do diálogo, compondo, então, um corpus de dados para a análise.

Os fenômenos psicológicos só podem ser compreendidos na sua totalidade se contextualizados histórica e socialmente. Logo, a pesquisadora precisou enxergar a realidade a partir do olhar dos adolescentes, caminhar junto com eles, para acessar uma compreensão da realidade, e do sujeito na sua relação com ela

Outro instrumento utilizado para abordagem analítica da questão foi a revisão bibliográfica, recorrendo a fundamentos teóricos que representam um processo de reflexão e construção, momento de conceitualização para explicar o recorte estudado a partir dessas referências,

Para conhecer a situação atual desses adolescentes e o tratamento dispensado ao tema da semiliberdade e medidas sócio-educativas, por nossas instituições, realizou-se uma pesquisa em documentos oficiais, já abordada no capítulo 2.

## **4.2 Instrumento: entrevista**

### **4.2.1 Sobre a realização das entrevistas**

Foi entrevistada toda a população dos alunos privados de liberdade que freqüentavam aquela escola regular do Ensino Médio, no momento das entrevistas. Conteí com cinco adolescentes com os quais já atuava. Como ressalva ética, esclareci os objetivos da pesquisa e expliquei os termos do consentimento para utilização das informações que seriam coletadas. Assim, os indivíduos envolvidos nesta pesquisa tiveram resguardado seu direito de privacidade. No texto, atendendo às normas éticas, os sujeitos da amostra não foram identificados e somente participaram da pesquisa após firmarem o consentimento livre e esclarecido. Após a autorização dos adolescentes e de seus responsáveis, foram feitas as entrevistas individuais, com uso de gravador, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2005, na Escola Estadual.

Minha aproximação com os adolescentes levou-me a considerar o instrumento utilizado na pesquisa, a entrevista, como fortalecedora dos vínculos e como prática discursiva situada e contextualizada, pela qual se produziram significados e sentidos para versões da realidade. Os pesquisados, sujeitos em medida sócio-educativa, tiveram oportunidade, nesse contexto, de expor seus pensamentos, de ser ouvidos, de exercer outro papel social – o de aluno.

A entrevista com cada um dos sujeitos, individualmente, foi organizada com perguntas-tema semi-estruturadas e recorrentes. (Anexo I). Utilizei um roteiro de entrevista amplo, cobrindo diversos aspectos do fenômeno estudado, ou seja, por meio de suas respostas, os entrevistados foram revelando o significado e o sentido atribuído à escola. Isto permitiu que a ordem das questões fosse modificada, de acordo com o andamento de cada entrevista e deu flexibilidade para explorar informações e idéias interessantes ao tema. O registro das entrevistas, em áudio, compôs um banco de dados que pode ficar disponível para outras pesquisas.

Por entendermos que facilitaria a condução do trabalho esta investigação ocorrer no próprio ambiente da vivência escolar, no qual os sujeitos pesquisados e a pesquisadora estão inseridos, escolhemos realizar as entrevistas no interior da própria escola. O local escolhido é aspecto relevante, pois não houve constrangimentos que pudessem intimidar os depoentes. Pelo contrário, o adolescente e a pesquisadora tiveram uma postura como sujeitos ativos, que, de certa forma, despertou mais interesse na situação da entrevista, e nos sentidos construídos por meio desta relação, durante a conversa.

Durante a realização das entrevistas, mergulhamos no mundo desses adolescentes. Damos voz a eles, considerando-os como sujeitos de sua vida, além de sujeitos da pesquisa. Nosso objetivo foi compreender a questão do sentido e significado da escola para esses jovens, dentro da relação pesquisadora e pesquisado, na construção dialógica entre dois sujeitos situados e datados.

Nessa perspectiva teórico-metodológica, nosso propósito foi recuperar, por meio das expressões orais, gestuais e da entonação de voz, as experiências sociais e culturais compartilhadas com outras pessoas de seu ambiente. Dessa maneira, a linguagem ocupou um lugar central na coleta dos dados.

Embora todos os alunos em medidas de semiliberdade, freqüentadores da escola na época da coleta de dados, tivessem sido entrevistados, foi feito um recorte, para a análise, em função de alguns critérios. Cada um dos jovens chegou à escola em época diferente: Adriano foi encaminhado à escola em agosto, tendo quatro meses de freqüência à época da coleta de dados. Luiz Ricardo já era aluno da escola há dois anos, desde o início do Ensino Médio, e permaneceu durante todo o período do cumprimento da medida sócio-educativa, por solicitação do juiz e a pedido da família e do adolescente; Daniela e Leonardo chegaram à escola em novembro, tendo um mês de freqüência, no momento da realização da entrevista, e Marcelo realizou a entrevista uma semana depois de sua chegada. Em função do critério de tempo de permanência da escola, apenas os dados de dois sujeitos do sexo masculino foram analisados (Adriano e Luiz Ricardo), pois já tinham entre quatro meses a dois anos de permanência na escola, tempo superior em relação aos que não foram selecionados (uma semana a um mês). Os dados de Daniela também foram analisados, pela sua expressividade quanto ao tema proposto para discussão.

#### **4.2.2 Análise das entrevistas**

Para a análise, foram feitas várias leituras das entrevistas, para posterior definição dos pré-indicadores.

Segundo estudos de Aguiar e Ozella (mimeo.2005),

Estas leituras nos permitem destacar e organizar o que chamaríamos de pré-indicadores para a construção de núcleos futuros. Irão emergindo temas os mais diversos caracterizados por uma maior freqüência (pela sua repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições, pelas insinuações não concretizadas, etc.

Assim, com as entrevistas semi-estruturadas, obtivemos informações detalhadas para uma análise qualitativa.

Nessa linha de pesquisa proposta, cada entrevista foi lida e seu discurso classificado de acordo com os conteúdos expressos, o que possibilitou os subsídios para adoção dos indicadores, interpretando-os, à luz de categorias, hipóteses e



informações contextuais diversas. Assim, procuramos entender o significado e sentido que os adolescentes atribuem à escola. A partir desses indicadores, organizei os núcleos de significação, compreendidos como eixos pelos quais os adolescentes mais se interessaram ou que propiciaram um envolvimento com o tema, um conjunto de relações, contextualizadas e organizadas nas significações básicas incorporadas no discurso.

Como bem assinala Junqueira:

Cada um dos núcleos deve, portanto, agregar questões que tenham uma íntima relação entre si e, de uma maneira geral, devem expressar questões relevantes para a compreensão dos aspectos pesquisados. Portanto os objetivos da pesquisa orientam esta organização dos núcleos. Podemos afirmar que tais núcleos se constituem em organizadores das falas expressas pelos sujeitos.

Wanda M.A. JUNQUEIRA. (mimeo, 2005)

Depois de uma primeira análise, foi possível agrupar as falas dos adolescentes em oito categorias: visão da estrutura da escola; concepção de escola; concepção do ato de estudar; papel do aluno na aprendizagem; busca pelo conhecimento; contribuições da escola e importância da escola. Cada uma das suas partes foi trabalhada nas leituras posteriores, e foram reintegradas em um todo, sob a perspectiva do substrato comum não aparente e, a princípio, não explicitado, que são apresentados nas falas dos adolescentes e que me possibilitaram formular finalmente três núcleos de significação, por meio dos quais realizei a análise: **1. Como o adolescente entende seu papel frente ao aprendizado; 2. Como o adolescente entende o ato de estudar; 3. Como o adolescente entende a escola.**

É importante registrar o processo pelo qual chegamos a esses núcleos.

A cada entrevista, o registro da anterior foi submetido à leitura dos entrevistados e revisto, o que permitiu identificar inúmeros elementos das falas: evasivas, repetições, reiterações, ênfases. Ao me familiarizar e me apropriar dessas unidades da fala com significação, organizei os indicadores, e verifiquei sua importância para o objetivo da pesquisa. Nessa perspectiva, foi possível aprofundar e clarificar as questões que foram propostas para este estudo, bem como oferecer aos próprios sujeitos a possibilidade de expor suas vivências, opiniões e sentimentos.

Em seguida, novas leituras foram realizadas, a fim de nos apropriarmos de detalhes desse contexto. A partir da primeira versão, construímos o banco de dados que foi reescrito, retirando-se os vícios de linguagem, mantendo-os preservados de alterações das idéias dos entrevistados.

A exploração progressiva das respostas permitiu um processo de agrupamento dos indicadores, pela contradição, similaridade, complementaridade, e diversidade, estabelecendo, ao mesmo tempo, correspondência com as tradicionais instâncias socializadoras, definidas neste processo (escola, família).

Com base nos núcleos, procedemos à análise dos dados referentes a cada adolescente, para depois agruparmos os dados em torno dos núcleos, possibilitando a identificação do sentido e significado que os jovens atribuíram à escola. Para a análise dos dados, consideramos o real sentido das expressões do sujeito, fundamentado na construção interpretativa do entendimento que o sujeito pesquisado tem de si, suas idéias no momento da entrevista. É possível, ainda, apreender e extrair as idéias, os valores culturais e o entendimento que ele tem de si mesmo, para o alcance dos objetivos da pesquisa.

Este momento da pesquisa é fundamental para a articulação dos núcleos de significação. Apesar de terem sido analisados separadamente, esses núcleos não podem ser separados uns dos outros, pois as falas dos sujeitos não podem ser entendidas sem a totalidade da entrevista, assim como o todo não faz sentido sem ter sido estudada a singularidade do sujeito e sem trazer à tona os significados e sentidos que atribui, para que seja compreensível a relação estabelecida com a fundamentação teórico-metodológica da psicologia sócio-histórica.

### **4.3 Sobre os adolescentes entrevistados e selecionados**

Ao analisar as entrevistas dos três adolescentes, foi possível caracterizá-los como se segue. Foi solicitado que escolhessem nomes fictícios para serem citados.

#### **4.3.1 Sexo**

Como informado, foram analisados os dados de dois adolescentes do sexo masculino (Adriano e Luiz Ricardo e de uma do sexo feminino, Daniela).

Os adolescentes do sexo masculino, em geral, predominam na população de alunos em medidas sócio-educativas. Esta é uma tendência observada nos anos de 2003 a 2005, nesta unidade escolar. A presença feminina só é confirmada no ano de 2005.

#### 4.3.2 Idade/ Escolaridade

Adolescentes	Faixa etária	Série/ 2005	Turno
Daniela	17	3ª série	Noturno
Adriano	16	1ª série	Diurno (tarde)
Luiz Ricardo	16	2ª série	Diurno (tarde)

Os adolescentes entrevistados estão na faixa etária de 16 a 17 anos. Um aluno - Adriano – está um ano acima da idade média dos alunos da série estudada, ou seja, a relação idade/ série estabelece que o aluno de 15 anos deve estar cursando a 1ª série, o que leva à conclusão do Ensino Médio aos 17 anos. O outro aluno e a aluna estão nas séries adequados à sua idade.

#### 4.3.3 Estrutura familiar

Considerando-se o núcleo familiar original como aquele formado por parentes consangüíneos, o quadro apresentado pelos entrevistados faz referência à convivência somente com parte da família constituída. Apresentam um perfil muito similar ao das famílias nucleares simples.

Luiz Ricardo faz referência em viver com a mãe, um irmão de 22 anos e uma irmã de 21 anos. Contudo, refere-se ainda a dois irmãos por parte de pai e à separação dos pais.

Daniela cita que vive com a mãe, um irmãozinho pequeno e com o filho de dois anos. Relata a constituição de uma família extensa e desagregada.

Outro quadro se apresenta com Adriano, com ausência total dos pais e o adolescente sendo tutelado pelos avós maternos.

#### **4.3.4 Moradia**

Daniela e Adriano são de São Paulo (Itaquera) e Luiz Ricardo, de São Sebastião (Ilha Bela).

Há diversidade de situações observadas pela pesquisadora, durante o tempo trabalhado na escola, quanto às cidades de origem e moradia: no grupo de alunos em semiliberdade matriculados na escola, há predomínio de adolescentes provenientes de cidades do interior de São Paulo. No entanto, no caso dos alunos pesquisados, dois são moradores da cidade na qual estão abrigados e um é de cidade do litoral norte do Estado de São Paulo.

Vale ressaltar que a forma de análise de dados, a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia sócio-histórica, nos aproximou das expressões manifestadas pelos adolescentes pesquisados: a relação entre os objetos e fenômenos, sua ação recíproca e suas influências, buscando-se o entendimento da totalidade do processo; o movimento constante, no qual tudo pode se transformar.

Para referendarmos teoricamente a análise dos dados da pesquisa, alguns dos princípios enfocados por Vigotski foram fundamentais: análise do processo e não do objeto em si; explicação do fenômeno em todas as suas manifestações externas, e olhar à mudança do comportamento humano em seu desenvolvimento histórico.

**Fundação Ernesto Frederico Scheffel**  
Novo Hamburgo - Brasil



**Despertar da Adolescência**

1953 - óleo sobre tela, - 209 x 158 cm col. Fundação E.F.Scheffel

"Eu acredito que não existem heróis.

A gente pode ter pessoas realmente espetaculares, por exemplo, figuras espiritualizadas, religiosas, que são grandes modelos para a humanidade, mas na verdade todo mundo é igual.

Eu não acredito que eu tenha uma verdade a mais. E principalmente a juventude.

Se a juventude cair nesse erro de acreditar que sim, elas inevitavelmente vão acabar descobrindo que o ídolo delas tem pés de barro."

Renato Russo

## **CAPÍTULO 5**

### **O SENTIDO E DO SIGNIFICADO DA ESCOLA PARA O ADOLESCENTE EM SEMILIBERDADE**

Para compreender a construção dos sentidos e significados da escola para os alunos em semiliberdade, matriculados em uma escola regular do ensino médio, tomamos como pressupostos teóricos os conceitos de Vigotski que explicitam como os sujeitos se apropriam dos significados sociais e como lhe dão sentidos singulares.

Para desvelar essa investigação, a pesquisadora procurou, nas experiências e situações sociais relatadas pelos adolescentes, o modo particular pelo qual eles configuram as determinações sócio-históricas, assim como as mediações presentes. (Aguiar, 2001b)

Deste modo, pode-se pensar a maneira como entendem hoje a escola como parte de suas vidas, por tudo aquilo que enfrentam no momento, e como está se dando esta significação.

Este capítulo tem, portanto, o propósito de desvelar como os adolescentes em semiliberdade compreendem a escola. Recuperando as diferentes vozes presentes nas entrevistas, foi possível organizar três núcleos de significação. **1. Como o adolescente entende o ato de estudar; 2. Como o adolescente entende seu papel frente ao aprendizado; 3. Como o adolescente entende a escola.**

Cada núcleo recupera o discurso dos adolescentes, contextualizado nas suas experiências de vida.

Para investigar os sentidos e significados, foi necessário resgatar sua vivência na escola atual; identificar-se sua as perspectivas futuras e, finalmente, recuperar como os adolescentes entendem a si mesmos e à vida escolar, seus sentimentos, condutas e as relações que estabelecem com os outros, além de se recuperar aspectos relativos à escola de origem (escola do passado).

## 5.1 Núcleo de significação: Como o adolescente entende o ato de estudar

Refletimos e tentamos analisar as manifestações dos adolescentes, por meio de suas falas e toda expressão produzida neles, a fim de salientar elementos significativos e que nos parecem focalizar questões nucleares referentes ao como expressam significado e sentido ao próprio “fazer”, o ato de estudar, que indica a constituição de um processo denominado por nós de ato discente.

Uma questão ficou marcada durante as entrevistas, em nossa tentativa de provocar discussões relacionadas às vivências dos adolescentes como aluno e ao seu exercício de autoria: ficou evidenciada a situação de desinteresse em desempenhar o papel de alunos, ou seja, estudar, e aprender. *“No momento em que me encontro, não sinto a minha mente voltada para os estudos ... (A) A simplicidade dessa resposta nos deu indícios do ”desconforto”, da sensação de incomodo expresso pelos adolescentes, em sua vida escolar. Porém, aparecem tentativas de outros movimentos, como demonstrado na fala:*

*D –... aí eu refleti, falei assim... ah! vou pegar nos livros... vou meter as caras...pra poder aprender...*

Os jovens deram a resposta possível à situação, mas expressaram ações indicativas de que, de fato, estavam cumprindo a tarefa, de que buscavam outra resposta, opções em oposição à situação inicialmente expressa e à falta de possibilidade de outro caminho e soluções para sua participação na escola.

A idéia ou representação que parecem ter de escola é de um espaço m que prevalecem a desmotivação, a ausência de necessidade de estudar e a baixa freqüência. Até que ponto essas questões, determinações podem se converter em desconfiança, medo de errar, ou aceitação da relação com a escola a que chegaram?

Os adolescentes mantiveram, na manifestação individual, o sentido pessoal atribuído ao ato de estudar, que carregam desde a escola em que iniciaram seus estudos, revelando as situações vividas, de insucesso escolar, evasão e repetência. Ao ressaltarem apenas os aspectos negativos vivenciados, parecem negar também as significações atribuídas à escola pela própria sociedade, que utiliza o discurso de

que, se estudarem e aprenderem, solucionarão os problemas apresentados em sua vida.

Para os adolescentes, **o ato de estudar é pouco valorizado**, o que se revela na falta de vontade de estudar, como afirmam:

*LR – ... Eu não tenho condição, eu preciso de alguém pra me apoiar....Eu quero ir, mas sabe, precisa, pra você estudar, alguém puxar.*

*A - ... já vi pessoas honestas aí que tem um estudo aí já “tá” embaçado de arrumar um emprego, senhora, já tem muita gente desempregada, ainda mais na minha situação que já me olham com ... porque “ó tanta gente honesta que tem estudo certinho e não consegue” ...*

A partir das respostas dos alunos dadas nas entrevistas, identifica-se que a importância atribuída ao ato de estudar não ultrapassa o nível da aparência, pois está mais ligada à aceitação deles pela escola, pelo grupo de pares e pelo mundo do trabalho.

A busca de conhecimento não tem a intenção de desvendar apenas a realidade, estabelecer críticas e transformá-la. Nesse sentido, não basta o conhecimento dos fatos e sua aceitação, como eles demonstraram, mas conhecer implica inserção social. A capacidade de intervenção foi substituída pelo sentimento de insignificância, que se manifesta quando o adolescente não se pergunta o que é mais importante para ele. O que prevalece, nos parece pelas suas falas, é o que os outros acreditam ser o mais importante. Expressam vontade de encontrar formas de atuar em consonância com os outros alunos, mas, contraditoriamente, justificam o seu fazer pela sua situação de adolescente em conflito com a lei, identificando que as decisões que os envolvem são tomadas à sua revelia. Há o impedimento de participar de sua própria vida; é tratado como objeto, submetido somente ao poder judicial. Isso aparece nas suas atitudes na escola, quando não contestam a possibilidade de conhecer e aprender, mas buscam a possibilidade de integração à sociedade. Pode-se justificar a expressão dessa necessidade quando afirmam a importância das trocas de idéias, propostas e opiniões, em contraposição ao individualismo, às críticas e não valorização, ao tentarem estudar e aprender, ampliando a cumplicidade na autoria do seu fazer como aluno.



Contraditoriamente, não conseguem se ver fora da escola: “... *mesmo que eu tenha feito alguma coisa errada assim, eu nunca me vi fora da escola ...*” (LR). A escola torna-se tão importante, a ponto de acharem que todos deveriam ter obrigação de freqüentá-la:

*D – ... E olha que eu sempre tive força de vontade, sempre, até quando eu tava na rua eu estudava, sempre estudei, mas eu achava que eu não ia conseguir...*

De maneira geral, esses adolescentes demonstram que, na atual realidade, todos os adolescentes devem estar na escola e estudar. Mas, contraditoriamente, entendem o ato de estudar como algo obrigatório e, justificam que não o fazem, pela situação de privação de liberdade, do distanciamento das famílias e outros problemas enfrentados no seu cotidiano. Muitas vezes, não estão com a cabeça voltada para o estudo, mas, mesmo assim, se esforçam para obter o sucesso escolar. Já em outros momentos das entrevistas (lembramos que foram realizadas em diferentes dias, com o mesmo foco de questionamentos), demonstram vontade de estudar. O mesmo acontece em relação a entrar na escola e assistir aula: a postura é contraditória, pois, freqüentemente, não entram em sala de aula, mas afirmam ser opção própria freqüentar a escola, estudar na escola atual, como também demonstram o gosto de estudar.

Nota-se assim que a necessidade e a vontade expressas pelos adolescentes podem ser entendidas a partir da construção humana, que se efetiva primeiro em seus pensamentos e depois, pode se efetivar nos atos e fatos. É o que aparece na fala de um dos entrevistados, quando relata o envolvimento com drogas e com o tráfico, na escola ou próximo a ela. Também o envolvimento no crime faz com que não dêem importância ao ato de estudar, em virtude da motivação externa (ficar do lado de fora) ser maior do que a interna (escola).

*D -...o que chamava a atenção estava do lado de fora ... na porta da escola...eu não conseguia estudar ... Às vezes eu estava na sala de aula ... olhava pela janela via um movimentinho lá que eu já conhecia, via a galera ... fumando um baseado, eu já queria sair da escola ...*

Ainda em suas falas, os alunos mencionam a importância das atividades desenvolvidas em sala de aula, no seu cotidiano, mesmo que reconheçam que nem sempre estão motivados a elas ou sem vontade de realizá-las, pois estão "com a cabeça cheia de problemas". De acordo com eles, a frequência irregular à escola e suas ausências na sala de aula são conseqüências de suas condições de vida precária, da inadaptação às condições institucionais específicas da escola, da frustrada tentativa da equipe escolar em manter as regras de funcionamento e conduta, e que são detectadas por eles como esvaziamento da autoridade.

Relatam ainda, que, na unidade da semiliberdade, eles não conseguem realizar qualquer tarefa escolar, porque há diversas atividades distintas do objeto de estudo.

*D – ... Ah! Não sei qual dos dois é melhor... Lá fora ou aqui dentro ...*

*LR – ... Contribui... eu não sei nem te dizer ...o aprendizado, a única coisa que a gente tem que ter é aprendizado, e com o tempo você aprende... Desanima, nossa desanimo totalmente... fico com raiva de todo mundo... acho que a culpa é de todo mundo ... eu fico revoltado ... acho que a vida não tem mais nada pra mim ... eu tenho preconceito até na minha família ...*

*D –...a vida teria sido diferente se as escolas que eu freqüentei tivessem atraído ... não teria feito nada disso na minha vida ... hoje em dia eu estava estudando ... estava belíssima ... até trabalhando hoje em dia...*

A atitude de estudar limita-se à frequência às aulas. Não utilizam as dependências do prédio para outras atividades, a não ser quando "cabulam" aulas para conversar.

Consideramos como uma reconstrução interna, a "vontade" dos adolescentes em tentar manter o fazer educativo, mas, contraditoriamente, expressam opiniões negativas dos saberes da própria prática, apropriações de um conhecimento, nas e pelas interações sociais; não se colocam nesse espaço interativo, nesta troca de experiências e saberes significativos, dificultando ou impedindo processos de autoconhecimento e da manifestação de seu fazer.

A realidade, ainda que caótica e desorganizada, é admitida como natural, e a eles compete apenas a adaptação e aceitação das circunstâncias cotidianas, para

sobreviverem. Na escola, a adaptação consiste na adoção de estratégias racionalmente concebidas para assegurar que o objetivo imediato, cumprimento da medida judicial, seja realizado. Prepondera o fazer discente não relacionado com o valor do conhecimento nem com a necessidade de estudar, mas com a instrumentalidade do fazer o necessário exigido pelo momento vivido, ou seja, a obrigatoriedade de freqüentar a escola, por se encontrarem custodiados pelo estado.

Seus discursos transformam-se em fins em si mesmos; a valorização do conceito de competência do aluno, ligado ao estudar e ao aprender, ou seja, o saber ligado à motivação, interesses e valores, as questões da sua individualidade, autonomia, iniciativa, perspectiva futura, são deixados de lado. No entanto, apreendemos que, apesar das dificuldades enfrentadas pelos adolescentes para desempenharem a sua função de estudar e aprender, demonstram desejo de continuar tentando, persistem no significado social internalizado e colocam o novo no social. Assim, vão atribuindo sentido, desde à decisão de entrar na escola atrasados, para não poderem entrar em sala de aula; pular o muro da escola, buscar negociação com o professor para aliviar sua responsabilidade enquanto aluno e procurar um interlocutor para apresentar suas necessidades e solicitações.

*A – ... prefiro a escola ... não ia ter um futuro nenhum dar “role” ... mas com o passar do tempo eu ia ver a escolha errada que eu fiz.*

*LR – ... a escola é mais forte ... pra conseguir os meus objetivos... eu gosto de estudar aqui porque eu aprendo ... eu pedi para o juiz pra continuar estudando aqui...*

Enfim, em suas idas e vindas, consideram normal o seu pouco interesse em realizar o ato de estudar. O fato de já ter vivido a experiência de aluno não garante a incorporação de valores e posturas esperadas como aluno.

Ao percebermos que as falas são desenvolvidas num dado contexto situacional, podemos identificar questões ligadas ao conceito de mediação (Vigotski), na situação pedagógica. A construção de significados do eu (como aluno) e do tu (professor) passam a abarcar os procedimentos discursivos da interação. Nesse sentido, o adolescente pesquisado não somente não faz o que o educador solicita, mas também produz um comportamento inesperado, oposto ao que é esperado ou é

importante na sala de aula. O aluno, com frequência, dificulta os processos mediadores, ao se recusar entrar em sala de aula ou, mesmo entrando, não se permite e ao professor o movimento de relações, demonstrando querer estar invisível no espaço “sala de aula”. Para poder realizar a mediação entre aluno e conhecimento, o professor necessita ter clareza da sua intencionalidade e, ao mesmo tempo, conhecer o processo de aprendizagem do aluno. Este conhecimento do aluno, no entanto, não deve restringir-se aos aspectos cognitivos; é preciso considerar a existência da inter-relação dos aspectos afetivos e contextuais (sociais e culturais) no processo de aprendizagem. Portanto, a mediação se pauta na articulação dos princípios de ensino-aprendizagem e concretiza-se pelas constantes recriações de estratégias para mapear de formas diferenciadas o desenvolvimento do aluno no decorrer do curso. Este tipo de acompanhamento possibilita ao professor modificar suas ações, com vistas a propiciar o envolvimento do aluno na escola.

Quando isso ocorre, os adolescentes se colocam em uma posição na qual há possibilidade de sua consciência estar tensionada pelos determinantes históricos e pela mediação das singularidades dos sujeitos.

Como afirmou Vigotski:

O problema não é o mestre estar inspirado, porque a sua inspiração nem sempre atinge o aluno. O problema é antes fazer os alunos ficarem inspirados pelo mesmo motivo. (2001, p.423)

Com referência ao seu papel de aluno, na escola atual, os adolescentes pendem para os extremos: de um lado, um aluno que busca recuperar o que perdeu e uma auto-imagem positiva como alunos estudiosos. De outro, assumem uma postura de autodesvalorização, do aluno péssimo, ou regular, que não sabe bem como são os outros alunos. Esses adolescentes não têm clareza do seu papel como aluno, ou seja, não apresentam um compromisso com a aprendizagem e com o estudar. Mas, afirmam que estão tentando mudar, como também se fazer presente, se sentindo uma pessoa melhor.

*A -...se eu fosse dar uma nota pra mim eu daria 5 ou 6 ... vim pra escola aqui pra buscar aprender ... tentando recuperar o que eu perdi na escola, vê se eu passo de ano ... Considero-me como aluno ... uma pessoa normal ...*

*Tornar-me uma pessoa melhor ... Sentindo-me uma pessoa melhor quando eu venho aqui pra escola...*

Deixam transparecer o valor que atribuem à competência enquanto aluno que estuda e aprende; valorizam e manifestam como atribuem sentido às trocas e ao próprio conhecimento. Em outros momentos, voltam a falar sobre o ato de estudar, porém de forma subentendida, referindo-se aos empecilhos gerados a partir das formas de sua vida e do agir do professor.

Referem-se principalmente ao ato de estudar como algo que deveria ter uma conotação de construir caminhos para atender suas necessidades e satisfação, promovendo a melhoria das condições de vida em que estão inseridos, privados de liberdade, visto que dependem de um relatório de seu desempenho como aluno, fornecido pela escola, para avaliação do juiz se deve haver abreviamento ou continuidade da sanção judicial.

A questão é que estes adolescentes não levam em conta tais determinantes, acreditando estarem construindo, de forma isolada, a sua história de vida, chegando a acreditar que não necessitam da ajuda de ninguém.

Mesmo que não saibam exprimir conscientemente e criticamente a situação em que vivem, apropriaram-se do significado atribuído pela sociedade em relação ao ato de estudar, por meio de um discurso esvaziado, ou seja, falas em que é valorizado o ato de estudar, principalmente por possibilitar uma vida futura melhor, mas que não correspondem à ação.

Dessa forma, chegamos, neste núcleo, na visibilidade das tensões, sintetizadas entre: se consideram esforçados e, se não cumprem suas obrigações, alegam que é em decorrência da situação vivida. Mas, mesmo sendo incentivadas atitudes de um fazer discente produtivo, suas falas não indicam nenhuma atitude de mudança para melhorar o seu desempenho na escola. Apenas freqüentam-na, cumprindo sua obrigação judicial, com exceção da adolescente Daniela, que acredita ser uma boa aluna. As atitudes contraditórias em relação ao ato de estudar, no entanto, podem dever-se, também, às dificuldades da própria escola em envolver os alunos em suas atividades pedagógicas.

Quanto ao **futuro**, acham que os alunos deveriam ser diferentes do que eles são atualmente. As principais expectativas futuras sobre o ato de estudar estão em harmonia com seus planos para o futuro, pois destacam o desejo de continuar estudando a vida toda, de cursar uma universidade, de freqüentar um cursinho.

*LR – ... ser o oposto de bagunceiro ... Tem que prestar mais atenção, participar de todas as aulas, vir pra escola ...*

*A – ... uma faculdade ... medicina ... eu tenho vontade ... uma responsabilidade ... Cuidar de pessoas ...*

*LR – ... Fazer uma faculdade ... constituir família ... estudar ... Eu to querendo fazer Direito ... ou ciências da computação, ou educação física? ... Eu vou tentar fazer uma força ... Estudar ...*

*A – ... prefiro a escola ... não ia ter um futuro nenhum dar “role” ... mas com o passar do tempo eu ia ver a escolha errada que eu fiz ...*

*LR – ... a escola é mais forte ... pra conseguir os meus objetivos ... eu gosto de estudar aqui porque eu aprendo ... eu pedi para o juiz pra continuar estudando aqui ...*

No contexto escolar, é possível afirmar que, para os entrevistados, a maior motivação em ir à escola reside no encontro e no convívio com os colegas, eventuais momentos de descontração e relaxamento – mesmo que suas relações com muitos desses colegas sejam marcadas pelo medo e rejeição. Quando os adolescentes atribuem sentido às interações com os colegas e preferem conversar com eles a dedicar qualquer atenção ao estudo, no entanto, estão significando uma situação essencial para o processo do próprio desenvolvimento humano.

Na situação de entrevista, os adolescentes posicionaram-se perante os questionamentos sobre o ato de estudar, revelando que, no momento, estão vivendo um confronto entre o modo socialmente constituído a respeito da vivência escolar, e o que na realidade vivem. A forma como lidam com este aspecto é determinante para a compreensão dos sentidos sobre a escola.

Nesse núcleo de significação, emerge uma realidade caótica e desorganizada, que é admitida por eles como natural, restando apenas a adaptação e aceitação das circunstâncias, para sobreviverem. Na escola, a adaptação consiste na adoção de estratégias racionalmente concebidas para assegurar os objetivos imediatos, que não

estão relacionadas com o valor do conhecimento, nem com a necessidade de estudar. Nesse cotidiano, os meios transformam-se em fins em si mesmos: entrar na escola atrasado, para não poder entrar em sala de aula, pular o muro, negociar com o professor e procurar um interlocutor para apresentar as suas necessidades e solicitações, são alguns exemplos de conduta de adaptação. Mas, tudo isso faz com que o adolescente pesquisado acredite estar se esforçando para ser bom aluno.

A meu ver, os adolescentes acreditam somente no esforço próprio e no estudo, como ideal de realização. Esse posicionamento foi decorrente da internalização de que “estudar” seria o único meio de ter acesso ao respeito e à dignidade. Esse ideal faz com esses adolescentes demonstrem o desejo de mudar tudo em suas vidas, como um sonho, para sair do pesadelo em que se encontram.

## **5.2 Núcleo de significação: Como o adolescente entende seu papel frente ao aprendizado**

Este núcleo aborda como os alunos se relacionam com a aprendizagem, com o conhecimento que adquirem na escola. As interpretações apresentadas culminaram após termos passado por um processo de releituras e análises intranúcleos, na ampliação de suas articulações. Encontramos, assim, neste e nos outros núcleos, percepções contraditórias e semelhantes, no movimento próprio desses sujeitos, revelados para além da aparência das falas. Permitem-nos identificar que a busca pelo conhecimento desses adolescentes não tem a intenção de desvendar a realidade, ultrapassando o nível de aparência das coisas (o que é, e para que serve o objeto de estudo) e estabelecendo a necessidade de mudança, de transformação, e, especialmente, sua aceitação em um dado meio social. Para eles, o conhecimento está relacionado à inserção social; em outras palavras, sua capacidade de integração à sociedade, a possibilidade de ser reconhecido pelo outro.

Apreender, das expressões, como os adolescentes reagem diante das situações de valorização do processo de aprendizagem e como expressam, no seu modo singular, essas configurações, é poder considerar as mediações conferidas pelos significados e sentidos referentes à aprendizagem. Esta não se restringe ao

que querem aprender, mas ao que o ser humano aprende, por meio de sua cultura e da interação com outros homens. No contexto atual, a aprendizagem mais importante parece estar voltada à existência, ao agir, pensar, falar e sentir, voltadas para a sociabilidade juvenil. Para eles, o aprender está associado ao fazer.

*D –...além de eu querer aprender ... eu não quero ficar lá dentro ... quero esquecer um pouco que eu estou lá ... aqui eu estou no meio de um monte de gente ... lá é só mulher ... aqui tem homem, tem mulher ... tem mulheres mais velhas sabe ... um aspecto da aprendizagem na escola que é legal ... acho que eu não sei explicar ...*

Estamos nos baseando que, para o desenvolvimento dos indivíduos, os seres humanos trabalham com conceitos culturalmente construídos que constituem, representam e expressam não só os pensamentos, mas como os alunos se relacionam com o conhecimento que adquirem na escola. Isso significa uma análise sobre o significado e o lugar de aprendizagem na vida deles, ultrapassando o nível de aparência das coisas. Nesse sentido, conhecer implica inserção social; em outras palavras, sua capacidade de integração à sociedade, mas não a transformação da sua realidade, com a apropriação do conhecimento.

As respostas apresentadas permitem identificar que a escola também é vista como um lugar de aprendizagem, não importando se vão utilizá-los no futuro. Importa para eles o fato de sempre estarem aprendendo algo.

Levando-se em conta os aspectos inerentes ao processo de privação de liberdade e à vida em uma instituição da FEBEM, o impacto exercido pelo retorno à escola regular remete à idéia de auto-exclusão do processo de aprendizagem. Experimentam apenas aprendizagens espontâneas ou naturais que circulam na vida cotidiana, mas necessitam fundamentalmente das atividades desenvolvidas na escola, recuperando a idéia de que a passagem por ela é central, na concepção de desenvolvimento nas sociedades escolarizadas. No entanto, ainda não desenvolveram a idéia de aprendizagem como expressão de seu pensamento, articulado pelas questões da emoção e da cognição, ocasião de configuração de novos sentidos referentes ao saber, como ato educativo intencional, para desenvolver o ato de pensar.



Para os adolescentes, o aprender está associado ao realizar-se como pessoa. Isso pode significar, ou quem sabe, consolidar a relação negativa que estabelecem com a adolescência sem liberdade, com a perda de tudo e com o abandono, que provoca sentimento de medo, incompetência, estranheza e dúvida. Parecem considerar que essa fase poderia ser normal, se a condição atual fosse outra.

*D – ... nem antes de eu ter filho, eu tive adolescência, nem infância eu tive ... Porque não é uma adolescência normal ... Ai, o mundo do crime, ... com quatorze anos já indo presa... conhecendo como que é o sistema de uma FEBEM ... Reincidi ... Quando eu sai e voltei ... Tive o Gabriel e voltei ... E na verdade é minha terceira passagem pela FEBEM, a minha primeira eu tinha treze anos, a segunda tinha quatorze e a terceira dezesseis. Então, daí ... Perdi tudo ... Os estudos ... ah! minha família ... perdi minha família ...*

Pelas expressões dos adolescentes, são fundamentais, no processo de aprendizagem, as relações interpessoais. Mas não se responsabilizam totalmente pelo ato de estudar e acreditam que a aprendizagem é função do incentivo e da capacidade e competência do professor.

*A –... Ah! tem que se esforçar bastante ... tem que ter um incentivo grande da família... dos professores também eu acho... é que a pessoa não tá indo muito bem... vai deixar a pessoa lá de canto ... ele tem que tentar se esforçar... buscar ensinar a pessoa... acho que isso incentiva bastante ... se tá desanimada nesse mundão, não dá um apoio, uma assistência... não vai adiantar de nada... vai ficar daquele mesmo jeito... se você colaborar ... ajudar a pessoa ... incentivar a pessoa ... ela vai se sentir melhor pra estudar ...*

As orientações sobre a aprendizagem escolar para a vida são marcadas pelo negativismo. “... tudo de ruim e tudo de bom, aprendi na escola ...”; “... escola sem regras ...”; “... aprendi a usar drogas na escola, com meus amigos ...”. Mas, também, em outros momentos, destacam a aprendizagem para a vida, em situações violentas, e que os ensinaram a ter atitudes positivas: não traficar e não usar drogas dentro da escola, e ainda valorizar os professores, que ensinam lições de vida, além de ensinar a matéria.

*D - ... Aprendi muita coisa para a minha vida ... ensinou a beber ... aprendi muita coisa errada na escola ... tudo de ruim, sabe, eu aprendi na escola ...*

*Acho que não tinha muita regra ... entrava, usava droga dentro da escola, fazia acontecer, levava faca para dentro da escola, para assustar os outros ... tem vários professores que me dão lição de vida ... Tudo que eu aprendi na escola ... aplico na minha vida, até as coisas erradas ... Usar drogas, a primeira vez que eu usei drogas foi na escola, na porta da escola, a primeira vez que fumei maconha, foi na porta da escola ... foi lá ... É, de dentro da escola com os amigos ...*

Valorizam a aprendizagem para a vida, em aspectos tais como a solidariedade.

*D – ... Eu gosto daqui ... Ah! de tudo, eu gosto de tudo daqui... E eu falo que a minha escola é a melhor lá, vivo falando a minha escola é a melhor, não vejo a hora de vir pra escola ... Aplico tudo que aprendi na vida ...*

Há uma tendência dos entrevistados valorizarem o conhecimento veiculado pela escola e considerarem que tudo que aprendem é importante e que as informações são necessárias. Aprendizagem seria sinônimo de pensar, agir e sentir, fortemente marcada pelas questões históricas e culturais, pelo percurso educacional, com ênfase nas questões cognitivas, mas constituída por novas formas de expressar e por novos sentidos, vistos como importante na vida dos adolescentes. Estes, no entanto, não necessariamente avaliam as experiências de aprendizagem como positivas, muitas vezes considerando insuficiente o que aprendem.

Os conhecimentos escolares que reconhecem são a leitura, a escrita, os elementos da matemática. Identificam que, para se apropriar desse embasamento fornecido pela escola, precisam buscar a integração com a vida:

*A – ... Ah! “ta” legal sim, os professores buscam ensinar o aluno, eles se esforçam bastante pra poder melhorar bastante a escola ... “To” satisfeito ... Ah! mas é quando eu “to” com um problema na cabeça ... É comigo mesmo ... Não sei, eu vou fazer terminar o meu curso, que amanhã eu tenho curso, eu vou arrumar uma saída pra eu estudar ...*

Da descrença em relação à sua vida e à função educativa da escola, decorre um ideal de professor, considerado como o único responsável pelo processo de aprendizagem. Esses adolescentes não se colocam como sujeitos no processo educativo, pois isso exige uma atividade mental que não estão dispostos a realizar. Tanto a escola como os conhecimentos definem-se como uma teia de significados e sentidos por sua instrumentalidade: meios para obtenção de um objetivo.

As ambigüidades, descritas em suas falas, mostram a internalização dos valores e a reprodução das idéias, cópias da realidade externa, permitindo construir sentidos pessoais por meio dessas relações e experiências vividas.

Evidenciamos, mais uma vez, como a aprendizagem está articulada com a emoção, pelos indícios nas falas desses adolescentes. Tentamos expor como seus conhecimentos e os sentimentos estão impressos na realização de seu próprio pensar, agir e sentir. Pudemos sinalizar um movimento dialético e transformador, marcado por um traço essencial que caracteriza a possibilidade da boa aprendizagem com o professor, uma plena convicção de que só aprenderam “*coisas boas*”, destacadas como: *escrever, ler, preservar o livro emprestado*. Mas, contraditoriamente, não relacionam esse aprendizado (conteúdos escolares) e sua utilização com o que fazem em sua vida.

*A – ... o que eu aprendi, a melhorar a minha escrita ... a conversar com as pessoas também ... lições ... escrever ... ler ... tudo essas coisas assim ...*

De acordo com o embasamento teórico utilizado nesta pesquisa, entendo o adolescente como sujeito histórico; levo em consideração a heterogeneidade constitutiva do ser humano e o percebo em contexto. Portanto, encontrei este aluno ocupando posições e espaços que podem vir a expressar a sua condição de juventude, social, e culturalmente construída. Encontrei-os, na maioria das vezes, fora da sala de aula, no espaço imediato à volta da escola, nos corredores. E o não-acesso ao cotidiano das aulas não os impede de ocupar e permanecer neste espaço. Circulam, permanecem nos grupos, conversando, namorando e expressando suas condições cotidianas de vida. Parecem felizes; encontrei a alegria tanto dentro quanto fora da sala de aula. Observamos expressiva reação, quando os adolescentes percebem que não estão ali para ouvir determinações, mas para poder expressar-se sobre sua própria atuação, seu próprio sentir como pessoa.

Os entrevistados demonstram um prazer muito grande em freqüentar a escola. No entanto, aprender está associado à condição futura de liberdade e associado ao fazer, à prática. Expressam um relativismo pelo qual, para o momento vivido, o sujeito aluno não precisa nem de estudo e nem esforço. Em suma, a verdadeira vida do

adolescente, em seu interior, passa ao largo e acontece apesar da organização escolar.

Cabe salientar o aparecimento, nos depoimentos, da idéia de “insignificância” diante do mundo, de si, dos outros e das circunstâncias, e, conseqüentemente, seu desprezo pela sua vida e pela escola, revelada muitas vezes em atos hostis. Essa idéia aparece, ao meu ver, para encobrir a angústia e o sofrimento por se julgarem menos valiosos.

Na experiência de pesquisa com adolescentes, constatei a importância e o valor atribuídos à escola. A escola coloca-se na vida do jovem como uma instituição de grande significado. Além de ser uma das primeiras instituições a manter contato, é um local eminentemente coletivo, que proporciona ao adolescente a experimentação da formação da sua identidade, para além da família. Nela, o adolescente pode escolher suas próprias amizades, desenvolver seus próprios interesses, identificar-se com seu grupo e formular seus primeiros projetos para o futuro. É neste momento que o indivíduo adquire consciência da sociedade da qual participa, percebendo os condicionamentos sociais a que está sujeito, as diferenças sociais existentes, argumentando consigo próprio e com o mundo sobre as alternativas de mudança.

Esses adolescentes não sublinham as atividades de participação, de colaboração, da ética, entre outros, como alicerce das relações, das práticas, dos diálogos, da troca de experiência e da construção do conhecimento. Demonstram apenas a importância em relação às interações com os outros, especialmente no aspecto da convivência amigável e não, como aprender a conviver com o outro.

*A – ... Assim, as pessoas que eu simpatizei, com certeza eu saindo daqui, nunca vou esquecer dessas pessoas, gosto muito dessas pessoas ... Essas pessoas que foram legais comigo aqui me ajudou bastante, conversou comigo, a pessoa desabafar, trocar uma idéia comigo, nunca vou esquecer, isso faz parte da minha vida essas pessoas ...*

A aprendizagem é vista em sua dimensão educativa, como possibilidade de crescimento, amadurecimento, aprimoramento da sociabilidade, sendo uma importante contribuição para os campos profissionais, prioritários no sentido de uma possibilidade de mudança de vida para conquistar a sonhada liberdade.

*D – ... Acho que o trabalho tem que estar relacionado com a escola ... de acordo com o que você está aprendendo e trabalhar ... porque se você não fizer uma coisa assim com um trabalho que você já entende, lógico que você não vai muito bem no trabalho ... Eu acho que o Ensino Médio está me ajudando a ir pra frente ... para fazer computação ...*

Pode-se entender, nas suas falas, que ora sonham com melhores condições, ora caem num desespero de que não têm mais jeito. Buscam na escola uma perspectiva de futuro e valorizam o conhecimento relacionado à educação para a cidadania. Portanto, há uma contradição, pois têm vontade de mudar de vida, e também se consideram insignificantes, pouco capazes de escolher, de mudar.

*A –... os professores saber conversar com os alunos, ter um diálogo melhor ... tem que trocar uma idéia de igualdade ... eu gostaria de ter um sustento ... queria ter oportunidades de me integrar com a sociedade ... aproveitar a vida ... curtir, ter um emprego ... curtir a família ... aproveitar a vida...Ah! pra mim nesse momento, eu gostaria de ter um curso ... pra me deixar mais na frente do mercado de trabalho ... Pior é que eu nem sei o que eu quero ser quando eu crescer ... Eu acho que mais pra frente, eu vou saber aproveitar melhor o conhecimento que eu adquiri na escola.*

Ao serem questionados sobre liberdade de escolha, já que estão matriculados por ordem judicial, os adolescentes afirmam que, num primeiro momento, não escolheriam a escola atual, porque não a conheciam. Agora se dão conta que a escola atual é uma boa escolha, principalmente pelo relativo prestígio junto à comunidade, pela qualidade de ensino e suas condições de funcionamento.

*A – ... eu venho pra escola em busca de conhecimento ... eu que escolhi. Não, indiretamente já encaminham pra escola já, mas é uma escolha minha também ... Eu falei, eu quero ir pra escola sim. Eu quero sim aprender ... agora não tenho toda essa liberdade ... uma matéria que não estou entendendo ... aí vai da minha pessoa se eu quero ou não ... vou me esforçar. Se eu não quiser então tanto faz ...*

Ao final dos depoimentos, destacam o que seria o término do ensino médio em suas vidas. Demonstram, em suas falas, que são adolescentes que buscam melhorar na vida e ter um futuro, ingressando no mundo do trabalho.

*D – ...eu vou ficar muito feliz ... vou sentir uma felicidade imensa ... não vou acreditar que eu terminei! ... Porque sei lá eu acho que é uma vitória você*

*conseguir estudar, porque tem gente que não consegue ... Pra mim vai ... Eu quero continuar estudando ...*

*A – ... um sentimento de alívio, terminar os estudos ... aí eu posso pensar em fazer a minha vida daqui pra frente, agora ... eu vou buscar um emprego, vou continuar estudando, fazer um curso, para melhorar minha forma de vida ... melhorar da melhor maneira possível ...*

### **5.3. Núcleo de significação: Como o adolescente entende a escola**

Neste núcleo, agrupamos os aspectos relacionados à escola de origem, a atual, a futura (concepção, contribuições e sua importância), com o intuito de buscar a união íntima entre a forma das falas dos sujeitos pesquisados e os significados e sentidos que revelam. O ponto de partida adotado na entrevista foi resgatar a visão em torno da escola, suas características, objetivos, finalidades e o significado que a instituição adquire na vida desses jovens.

Para eles, a **escola de origem** (de onde vieram para escola atual), é interpretada por uma visão negativa, porque reconhecem que não tiveram uma boa aprendizagem de conteúdos. Não concordam com o procedimento pedagógico, que os aprova sem que tenham aprendido o suficiente, nem frequentado as aulas. Consideram preocupante essa situação, porque, na escola atual, percebem que estão desatualizados, despreparados e sem possibilidade de um bom desempenho futuro.

*D – ... a última escola que estudei ... eu também quase não frequentava lá ... morando na rua ... mas contudo eu, mesmo com pouca frequência, eu não deixei de ir a escola ... na FEBEM eu terminei a 7ª série ... passei para a 8ª série ... Na metade do ano em junho fiz uma prova de reclassificação e passei, fui para o 1º ano ... Eu nem cheguei a fazer dois meses do 1º ano ... fiz outra prova e passei ... fui para o 3º ano do Ensino Médio...*

O depoimento a seguir exemplifica o preconceito sofrido pelos adolescentes, tanto da escola de onde vieram quanto na escola atual, especialmente no que diz respeito ao rótulo de marginais, atribuído por colegas e profissionais da educação. Além disso, quando precisavam da equipe pedagógica, não encontravam apoio.

*A – ... eu fiquei um tempo nas atividades na rua ... aí virou um certo preconceito contra a minha pessoa ... na escola que eu estava estudando. É!: ó ... o marginal chegando ... os professores também falavam ... eu não*

*me sentia muito bem ... por isso eu acho que ela não contribuiu muito pra mim, porque na hora que eu precisei dela, ela não ajudou ... quando eu tava tentando parar ...*

Também demonstram uma auto-imagem negativa e atitudes de autojustificativa quanto às agressões cometidas, em função desse sentimento.

*A – ... um aluno esforçado ... não um aluno disciplinar (sic) ... eles não me consideravam como aluno ... Marginal, vândalo ... Qualquer coisa que acontecia na escola ... Era eu ... aí o diretor deu um soco no meu peito e eu não gostei ... fui pra cima dele também ... fui explicar ... não deu nada ...*

*LR - ... Bagunceiro ... Um aluno que chegava na sala ... às vezes pelo fato de não estar entendendo a matéria ... tentava prestar atenção mas não conseguia ... fazia outra coisa, pensava em outra coisa ...*

Entendendo esses adolescentes como sujeitos históricos e considerando a heterogeneidade constitutiva do sujeito, eles mostram que já se apropriaram do discurso vigente na sociedade em relação a pessoas como eles. A partir desse discurso social, o sujeito faz a sua interpretação do mundo real, internalizando-o ao longo de sua trajetória histórica (Vigotski, 1996b). Deste modo, o que foi produzido por uma cultura é internalizado e passa a ser constitutivo do sujeito. As condições de vida em que esses alunos se encontram, os sentimentos contraditórios, dúvidas e convicções, satisfação e insatisfação, são fatores que evidenciam e determinam os padrões nas suas relações sociais.

No cumprimento dessa medida sócio-educativa, eles são obrigados a freqüentar a escola. Durante o início do cumprimento da semiliberdade, esses alunos não foram à escola, por decisão dos responsáveis do Estado. Somente uma estudante optou por se afastar da escola por um ano, em virtude de uma gravidez. Mas, os adolescentes demonstram, em suas falas, contradição entre a importância que dão quanto a freqüentar a escola e sua constante ausência dela.

*LR - ... Lá não é bom ... lá não tem que estuda, mas lá eu não ficava dentro da sala e passava de ano ... era feio ... Ah! é que tem coisa que desanima ...*

Assinalam ainda que não se envolviam com nenhuma tarefa escolar em casa, apenas iam à escola à tarde.

Apesar disso, os adolescentes atribuem importância à **escola atual**, porque acreditam ser uma escola que favorece a aprendizagem, ensinando-os a ter uma postura adequada em relação ao aprendizado e tem abertura para as dificuldades existenciais.

*D – ... A escola pra mim é tudo ... eu tenho vontade de estudar ... a escola é legal e me atrai para dentro dela, me dá condições de estudo ... eu quero me esforçar e estudar muito ... atualizar no mundo de hoje e no tempo perdido da ilha, que hoje é passado ... é ordem do juiz, se tem que ir e fazer, que nem quando eu estava no fechado, você tem que estudar ... Eu, eu quero ir ...*

Observa-se nesses adolescentes desorientações, ao retornarem a uma escola de ensino regular como esta em que estão. Sentem-se abandonados, rejeitados, inseguros, instáveis, pois o retorno à escola não fazia parte de suas metas. Relataram, durante as entrevistas, receio de não conseguir a re-inserção na escola, pelo fato de conviverem, na unidade de atendimento, com cerca de cem adolescentes, o que dificulta as relações interpessoais e a preservação da individualidade (os espaços são únicos, inclusive o dormitório) e, na escola, com oitocentos alunos no período freqüentado. Além de a quantidade de pessoas dificultar as relações, acreditam que os alunos da escola têm uma imagem negativa deles, pelo fato de sua condição diferenciada. Sentem-se desmotivados e alegam que sua opção por não assistir às aulas é em razão da desorganização da classe, barulho e porque não realizam atividades produtivas.

Completando o quadro de contradições, têm de si e projetam aos outros uma imagem associada à condição de adolescente em conflito com a lei<sup>7</sup>, portanto, com poucas possibilidades de crescimento pessoal e de aprendizagem.

*D -... eu parava de entrar pra escola, porque achava que a escola não era legal ... era escola de idiota ... lá não tinha o que eu queria, então ... eu ficava na porta da escola ou na esquina, usando droga com outros alunos que pensavam a mesma coisa que eu ... entrava, usava droga dentro da escola, fazia acontecer, levava para dentro da escola, para assustar os outros. ... tava devendo por drogas, trafico dentro da escola, entendeu? ...*

---

<sup>7</sup> Vangloriam-se de suas ações delituosas, de sua periculosidade, geram medo aos demais (alunos e professores), o que os torna poderosos aos seus próprios olhos.



Os adolescentes deixam implícitos, em seus depoimentos, a aguda tensão que a escola gera, na medida em que têm maiores dificuldades de articular as diferentes lógicas sociais, na construção de sua identidade. A apropriação do discurso social é vista como a estrutura subjetiva de sua identidade, a qual se organiza nessas relações progressivas e dialéticas entre o “eu” e o “outro”. Ao mesmo tempo, a construção de uma experiência adolescente na relação com seus pares, freqüentemente se choca com a cultura e organização escolar, que exige obediência às regras e resultados positivos, no desempenho escolar. O potencial juvenil de expressar as questões cruciais da sociedade e de se constituírem atores privilegiados da conflitualidade social se choca com essas exigências. Os adolescentes se consideram mais capazes de gerir de forma autônoma as diversas lógicas de ação colocadas diante de si; e constroem sua experiência juvenil, na escola, explicitando o conflito com os adultos. Há uma verdadeira concorrência entre os jovens e os adultos, numa tentativa de horizontalizar as relações e de reivindicar mais autonomia por parte dos primeiros. Como aparece nas falas descritas:

*A – Ah! quando eu cheguei aqui, sei lá as pessoas ficaram sabendo que eu era da semi ... não sei como ficou sabendo ... Eu falei também pros meninos ... Aí os professores ... Eu falei pros professor sim, pelo meu jeito de ser , eu não sei o que eles acham da minha pessoa, ficaram, vamos dizer assim, com medo de mim ... É sei lá ... Eu tava lá assim chegava pra conversar, as pessoas ficavam com medo de trocar idéia comigo, sei lá. Não sei o que se passa na cabeça das pessoas, acho que ficavam com medo de roubar eles, sei lá, qual que é ...*

*A – Ah! tem dia que eu não me sinto muito bem, to de cabeça cheia... com os pensamentos, nessas coisas aí ... não vejo a hora de ir embora ... aí acaba atrapalhando ... assim que o meu comportamento na escola ... às vezes, um aluno com alguma brincadeira que eu não gosto assim ... aí eu já to com a cabeça cheia ... por isso que eu até to assim ...*

*D - ... tem vez que eu não entro na minha sala, porque é muita bagunça ... eu não consigo ficar lá...aí eu vou pra sala ... fico prestando atenção na aula ... porque os alunos ... também não ficam prestando atenção; é só alguns que prestam atenção e só os da frente mesmo ...*

Mesmo com esses significados atribuídos à escola, as falas dos alunos revelam uma visão da escola atual como bem conceituada e rígida. Em razão disso, eles

assumem uma postura crítica em relação às dificuldades que encontram como alunos e explicitam que vieram para a escola atual sem saber nada e, atualmente, precisam estudar mais.

*LR – ... É uma escola que é bem conceituada ... tem nome ... tem muita coisa que faz eu vim pra escola ... eu sou um aluno que sofre o tempo inteiro ... que tem dificuldade ... que vem pra cá sem saber nada ... É uma escola rígida ... aqui eu estudo ...*

A **primeira impressão da escola atual** foi um sentimento de estranheza, uma sensação de alívio, de ser a segunda casa, o melhor lugar de freqüência, mas também, contraditoriamente, a sensação de causar medo aos outros, como aparece nas falas descritas acima, pelo que representam.

*D – ... eu me senti estranha ... fiquei louca no primeiro dia de aula ... não agüentei ficar na sala de aula ... queria ir embora ... era muito barulhento ... ninguém prestava atenção no professor ... explicando a matéria ... todo mundo falando ... eu não me senti bem ...*

Para entender esse lócus do conhecimento, a escola, na perspectiva do adolescente em semiliberdade, é necessário entendê-la como constituída num sistema aberto que faz parte da superestrutura social formada por diversas instituições como família, igreja e meios de comunicação entre outros, considerando-se que o psiquismo humano – pensamento, memória, atenção, raciocínio, resolução de problemas etc. – se organiza pela apropriação dos modos e códigos sociais (Vigotski, 1984), pelas relações sociais que o sujeito estabelece com o outro ser, com o mundo, com os objetos.

Para conseguir interpretar o recorte “escola” na vida desses adolescentes, se faz importante destacar a instituição família, que é considerada, por Rizzini (2001), Souza e Peres (2002), a relação mais importante para o desenvolvimento dos sujeitos, mesmo que não atenda os padrões ideais estabelecidos. É nesse espaço que vão se constituindo os laços afetivos, a violência, o desamparo, a negligência, os conflitos e os abusos que podem vir a se instalar também em relação à escola. É, portanto, um marco institucional em que se definem e representa condições

relevantes da vida dos jovens pesquisados, o cenário em que todas as variáveis se articulam. É importante levar-se em conta como o adolescente define, por meio do cenário material e simbólico que descreve, a rede das relações em que está em jogo sua vida social.

Os adolescentes pesquisados, referindo-se à família, destacam afinidades, dificuldades e conflitos. Quanto à constituição familiar, todos moram com irmãos, mas dois deles destacam somente a figura materna e o outro mora com os avós maternos e nos mostra a inexistência da relação pai e mãe, revelado por um profundo discurso de rejeição.

Demonstram, em seus depoimentos, períodos de crise no relacionamento com a mãe e familiares. A aluna pesquisada considera amiga apenas sua irmã; a relação é mais difícil com a sua mãe e, com o pai de seu filho, destaca a total ausência de contato. Adriano aponta como amigo uma pessoa fora da constituição familiar e a relação mais difícil, com a sua irmã. Para Luiz Ricardo, a relação mais amigável é com a sua mãe e a mais difícil, com o seu pai.

A família dos adolescentes é relacionada, quase sempre, à complexidade dos problemas que permeiam sua vida cotidiana. Os jovens ressaltam os impasses e os problemas surgidos por cumprirem a medida sócio-educativa e relacionam família à responsabilidade, ao apoio e à felicidade. Para os adolescentes, as relações familiares são valorizadas, naturalmente, para e em sua vida futura, mas, no momento presente, deixam a desejar.

Essa reflexão possibilitou a percepção da existência de um processo de significação da invisibilidade, na instituição família, sob a forma de ser determinante o seu lugar afetivo na significação de referências e valores desses adolescentes. Essa invisibilidade também se instala na escola.

Contraditoriamente, a negatividade, apresentada em suas ações e algumas falas sobre a escola, demonstra um desejo de recomeçar a vida.

*A – ... tudo diferente pra mim, começou uma nova vida, vamos dizer assim, eu não sabia como funcionava, eu fui me adaptando, pegando o ritmo da escola ... fiquei aliviado sim, porque agora eu to tendo a oportunidade de estudar, fazer um curso.*

*D - O que que eu quero hoje? Seguir minha vida pra frente ... Então, eu quero seguir pra fora do crime, e fora do crime, eu quero fazer minha vida, sabe, quero estudar mesmo ...*

Como desdobramento da idéia de que o pensamento é motivado pelos desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo, Vigotski ressalta que a relação entre pensamento e emoção é dialética. Por trás do pensamento, encontra-se a tendência afetiva e volitiva. Na sua perspectiva, não se dissocia o aspecto intelectual da consciência, o afetivo do volitivo. Afirma que é preciso estudar a história dos fenômenos, examinar as relações entre o intelecto e o afeto, com os signos sociais, evitando reducionismos e dualismos. (Vigotski, 1934<sup>a</sup>/1977<sup>a</sup>, p.343). Como nos relatam os adolescentes pesquisados:

*LR – ... De vez em quando não quero entrar na sala ... principalmente quando eu tenho problemas ... em casa ...*

*A – É que tem dia também que sei lá ... eu não ... assim ... meio [a fim} de vim pra escola ... tem dia que eu quero fazer um role ... ir pro shopping ... conhecer umas pessoas, como se fosse um adolescente normal ... Ah! não sei ... depende do dia ..., depende da minha disposição ... aí tem dia que você acorda mal pra vida ... Ah! tem dia que você acorda com o pé esquerdo ... pensando em ficar mais sozinho ... tem vez que eu penso em não vir pra escola e vou pro parque ... ali e fico sozinho ... só pensando ... refletindo um pouco ... dia que eu não to muito bem eu evito vir pra escola pra não criar problema ...*

*D - É ... tem vezes que eu quero entrar ... Tem vezes que eu não quero entrar ... tem vez que sabe que eu falo ... ai meu Deus eu quero ficar olhando aqui um pouquinho ... quero ficar aqui um pouquinho ... quero ficar aqui fora daqui a pouco eu entro ...*

Valorizam a escola, mas como um fim em si, ou seja, pelo que praticamente deve propiciar, em termos de trajetória de vida: prepará-los para a entrada na universidade ou para o mercado de trabalho. Tentam explicar que a escola é uma grande experiência de socialização, de convívio com as diferenças, de todos os tipos e em todos os níveis.

*D- ... se relacionar com os alunos porque influencia ... não vai querer mais vir pra escola ... motiva a vir pra escola não só pra estudar ... pra ver as pessoas ...*

Os adolescentes tentam expressar que a escola não é importante apenas pelo conteúdo pedagógico que transmite; ela exerce vários outros efeitos sobre o aluno. Diversos aprendizados que não estão inscritos no currículo formal são experimentados pelo adolescente em sua vida escolar.

A experiência escolar tem uma repercussão marcante na consolidação do ser sujeito, seja contribuindo para o seu fortalecimento ou prejudicando-a. Na escola, o adolescente tem a oportunidade de conviver com outros alunos, outros adultos e de identificar outros modelos de referência, tanto no sentido positivo quanto no negativo. Nela, muitas vezes, o adolescente busca formar o seu "grupo de iguais".

Esses alunos não têm grandes expectativas de mudança na **escola futura**, ou seja, não demonstram perspectivas combinadas com a transformação de suas vidas e da sociedade. Limitam o horizonte de trajetórias de vida futura em seguir estudando para: "... o que eu quero hoje? Seguir minha vida pra frente ... seguir pra fora do crime ... quero estudar mesmo ..." (D). Tendem a valorizar a escola, quando percebem que existem influências das relações interpessoais e quando se sentem capacitados a vencer os desafios.

*LR – ... todos os professores são legais, perguntam da minha vida, como eu to ... Acho que se preocupam comigo ...*

As influências positivas vêm dos familiares, dos professores, dos colegas e de alguns técnicos da instituição. A motivação de estarem na escola se deve ao fato de encontrar os amigos, de ser um momento de descontração e relaxamento (esquecem que estão privados de liberdade).

*A – ... o meu avô fala para ficar de boa ... os daqui, eles falam que a gente precisa estudar, ir pra escola que é um lugar pra você conhecer pessoas, trocar amizades, estudar ... Das técnicas, elas conversam bastante para mim pra escola ...*

*LR – ... É até na minha casa, minha mãe também estuda, minha mãe tem 44 anos e estuda ... eu fico feliz por saber que tem alguém que se preocupa comigo, minha mãe que me ergueu ...*

A influência negativa vem principalmente dos amigos que estão fora da escola. Eles precisam do apoio de outras pessoas, para não desanimarem.

*D- ... o pessoalzinho que fica lá o lado de fora, que não entra na escola, fica lá bebendo, aí chama, vem tomar uma, você entra na segunda aula ...*

*LR – ... eu preciso de alguém pra me apoiar ... Eu quero ir, mas sabe quando precisa pra você estudar, alguém puxar ... pra te apoiar, pra ajudar você ...*

Deste modo, identifica-se o conflito em que vivem os jovens, diante de discursos ideológicos distintos da realidade existencial deles. Esses adolescentes estão em processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social, e podem incorporar facilmente as mensagens discriminatórias e contraditórias que permeiam as relações sociais. Tornam-se grupos segregados, uma vez que estão fora das normas apregoadas pela sociedade. No entanto, há alguns profissionais, na sociedade, que se preocupam em defender os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente, a inserção desses adolescentes no espaço escolar, porque é uma possibilidade de crescimento e aperfeiçoamento de suas atribuições sociais, o que viabilizaria uma ressocialização.

Para os adolescentes, a escola é um lugar de sociabilidade juvenil, um lugar privilegiado de fazer amizade, nesta fase de vida. Essa significação se articula às outras significações atribuídas por eles à escola, – um dos meios em que o ato de aprender e estudar ocorre na relação com o outro, mas, por isso mesmo, relações configuradas de modo tenso e contraditório.

Na tentativa de compensar o fato de que não reconhecem os valores de seus pais, pela marcada ausência destes em suas relações, ou por terem laços somente com uma figura familiar (mãe/ avô), a atitude destacada foi a de omissão ou ausência de parâmetros que lhes sirvam de guia. Se não há um referencial claro, o jovem se sente perdido. Essa lacuna nas relações está na raiz de vários problemas que esse adolescente, nas entrevistas demonstra estar vivenciando.

Esse fenômeno aumenta a importância da escola, porque ela é uma referência marcante na vida deste adolescente. É um espaço no qual valores são colocados e vivenciados, permeando a vida e a prática educativa, seja de forma explícita ou implícita.

A escola apresenta-se como uma porta aberta para um futuro viável para todos: “... escola é o futuro de qualquer um, desde um idoso a uma criança. É o que eu quero fazer ... quero estudar ...” (A)

Eles demonstram insegurança em relação a procurar uma ocupação, pois entendem que a sua situação em conflito com a lei interferirá negativamente na capacidade de absorção de sua mão-de-obra, pelo mercado de trabalho. Notam que são preteridos nas contratações; ao mesmo tempo, identificam a melhoria do grau de instrução como determinante na inserção no trabalho. No discurso sobre a perspectiva de vida, os alunos identificam as causas individuais do fracasso, mas também utilizam essa situação para se isentar de responsabilidades, transformando-se em vítima impotente de uma situação adversa, contra a qual não há muito que fazer. No entanto, quando o assunto é o contexto vivido de violência, eles acreditam que a única maneira da escola proteger os alunos é atraí-los para dentro e fazê-los estudar.

*D – ... eu acho que a escola não pode fazer nada ... a melhor forma da escola proteger os alunos é atrair eles pra dentro dela e fazer eles estudar...*

A adolescência é vista como a fase da vida em que se deve aproveitar. Sob o rótulo da liberdade, é possível localizar o significado real de sua vivência, sublinhada por eles como uma fase que combina com o período de escolarização, ou seja, uma escola voltada para a formação do jovem. Mas, para eles, a fase de adolescência que estão vivendo não é encarada como a dos demais, mas como uma situação de privação de liberdade, como um período de abandono e perda de tempo para seus estudos.

*D – ... A fase da escola é a fase da adolescência ... eu acho que combina os dois, a adolescência e a escola ... A adolescência para mim ... eu não, sei eu não vou saber explicar, eu acho que não tive adolescência. Eu sou uma adolescente, mais acho que a minha adolescência mesmo foi pro beleleu ... Saí por aí ... liberdade. Liberdade pra fazer tudo ... Quando é adolescente, quer fazer tudo que quer, quer ter o mundo. Sei lá, nunca tive nada disso, quando tinha quatorze anos, nem pensava nisso ...*

Com essa compreensão, o adolescente se torna apático, reforçando o individualismo e uma visão de ação social unidimensional. Ele não potencializa a ação, criando estratégias para enfrentar seus problemas. Por meio do silenciamento, intensifica o sentimento de coisificação ou invisibilidade, uma angústia paralisante, de modo que suas potencialidades se tornam comprometidas por não acreditarem que as possui, ambicionando pouco das suas atividades ocupacionais futuras.

Pelo contexto histórico-social, o mundo simbólico desses adolescentes é marcado pela privação de liberdade, pelas relações contraditórias e ambíguas que permeiam sua constituição enquanto sujeito. Esses aspectos acabam construindo um lugar bem delimitado no imaginário pessoal, porque eles acreditam que são tratados de modo particular e diferenciados.

Demonstrando que são solitários no mundo, eles mostram que perderam a concepção de família como núcleo sócio-afetivo, o que garantiria sua construção de homem como ser social.

No percurso de idas e vindas no assumir-se enquanto adolescente em conflito com a lei, ou responsável por suas ações delituosas, muitas vezes, tornam-se vítimas das ações cometidas, pois acreditam que essas ações foram praticadas em decorrência das relações interpessoais conflituosas e das privações de sua vida, e não como uma construção sua. Sentem-se vítimas; não se reconhecem como vitimizadores.

Essa postura de vítima é reafirmada pelo silêncio do outro em relação a eles, pela ausência de contato físico e afetivo de outras pessoas para com eles, pela rejeição do seu grupo social, o que aparenta lhes causar sofrimento. A forma de comunicar-se sobre esse tema, nas entrevistas, é o silêncio ou, no melhor dos casos, as frases entrecortadas. Também em aula, muitas vezes, eles mantêm-se em silêncio, recusando-se a participar das atividades propostas, com receio de ser rejeitados ou ridicularizados e, outras vezes, preferem sair da sala, para não executar determinadas tarefas que acreditam “que não servem para nada”, ou até mesmo por preferirem ficar isolados.

A reversão desse quadro é revelada contraditoriamente em suas falas, quando detectado que a escola significa um lugar de aprendizagem, de intensa



sociabilidade. De maneira especialmente nítida, isso aparece na fala de Daniela: “*tudo de ruim ou bom, eu aprendi na escola*”. A partir desse foco de sua fala, identificamos a construção deste núcleo de significação e dos demais. O aprender significa convergências, divergências, comparações, enfim, é o elo de ligação entre os núcleos analisados. O conteúdo ‘aprender’ permeia os discursos sobre a escola. Consideramos que o eixo central e articulador dos núcleos se encontram no aprender.

Ao longo da estruturação dos núcleos de significação, uma análise intranúcleos foi revelando conteúdos e manifestações recorrentes da ordem dos sentimentos e emoções contraditórios ou semelhantes. Ampliando esta análise, constatou-se que os movimentos contraditórios permaneciam nos sujeitos pesquisados, caracterizados por tensões: medo/ ousadia; segurança/ insegurança; prazer/ desprazer e outros. Observando-se as relações entre os componentes, foi possível reconhecer o aprender apresentado em todas as relações, com certas características de complementaridade, bastante significativas, principalmente nas relações intrapessoais e interpessoais. Relações complementares, fecundas e especialmente freqüentes no universo dos sujeitos pesquisados.

Assim, as aproximações ocorridas entre os sujeitos pesquisados e a pesquisadora, durante o processo de entrevistas e os “depoimentos espontâneos”, mostram como as convergências e similaridades foram se dirigindo para um mesmo ponto. Esses adolescentes mostram-se descontentes com a sua qualidade de vida e acham que a escola contribui pouco para reverter esta situação. Fazem críticas à sociedade e às pessoas, uma vez que acham que há dificuldade de inserção social, porque são relegados ao descaso, ao abandono.

*A – ... Hoje eu não tenho qualidade de vida ... pra mim é ter ... é aquele que moram com a sua família, moram com os meus pais ... procurar me empenhar mais na escola, procurar fazer uns cursos, fazer mais esportes, largar de vez essas más influências aí, aproveitar mais a minha família, mudar esse estilo de vida é isso aí que eu quero curtir juntinho com ele e a minha namorada também ...*

Esses jovens sentem-se insatisfeitos com suas vidas, mas se consideram incapazes de alterar uma situação que julgam cristalizadas. Mais do que isso, não

cogitam em nenhuma possibilidade de mudança, pois a situação dada é considerada como inevitável, sem possibilidade de mudança: nem deles, nem da escola. Entendem que lhes resta simplesmente aceitar os fatos e adaptar-se às circunstâncias.

*A – ...do jeito que eu tava, não tinha qualidade de vida não ... É esses 16 anos, eu não soube aproveitar ... eu não aproveitei nada ... eu fiquei mais na rua, só chegava em casa e ia pra rua ...*

Os adolescentes assinalam a grande distância que há entre a vida que levam e a felicidade, liberdade, entusiasmo, espontaneidade, otimismo. A cultura da juventude, tão divulgada pela mídia e pelo mercado de trabalho, é considerada por esses jovens como elemento central para a conquista da liberdade e para se sentirem felizes:

*D – ... passar o final de semana na praia ... dançar muito até os pés ficar tudo estourado ... Para me deixar feliz? ... Eu bebo ... Bebo, para me deixar feliz eu fico mais alegre, eu fumo cigarro ... me deixa feliz quando eu fumo um baseado ...*

Contudo, chama a atenção, no conjunto das respostas levantadas, ao longo da pesquisa, o fato da escola aparentar para eles uma dimensão instrumental, não relacionada ao saber escolar, mas às possibilidades únicas oferecidas neste momento vivido de cumprimento da medida sócio-educativa, para que tenham escolarização. Na fala dos adolescentes, a importância da escola acentuou-se, em decorrência do contexto de transformações em que vivem. Vivem uma realidade bastante diferente, privada de liberdade, sentindo-se muitas vezes desnorteados, e com dúvidas constantes se devem freqüentar a escola, já que é o único lugar em que se sentem bem, em que mantêm relações afetivas, amigáveis. Demonstram que ela não gera diferenças significativas em termos de avanço em relação à solução da aprendizagem, e em contraponto, na fragilidade das proposições não explícitas em relação ao ensino, o que poderia revelar avanços escolares. Contraditoriamente, os entrevistados apresentam noção de pertencimento e de identificação com a escola atual, maior até que a maioria dos alunos que a freqüentam, se referindo a ela, por exemplo, pelo nome próprio.

*A – ... Ah, eu que escolhi senhora. Não, indiretamente já encaminham pra escola já, mas é uma escola minha também ...*

*D - ... então eu comecei estudar lá fora que é a escola atual, esta é a escola x, e comecei a ter vontade de estudar...*

Ainda duvidam se devem se comportar de acordo com a identificação constatada por eles entre o real e o ideal (estar dentro da escola, mas fora da sala de aula), muitas vezes demonstradas em suas falas. Parece que deixaram de acreditar que a vida possa ser mudada, pois, as utopias nem sempre estão presentes. A realidade social é encarada contraditoriamente o tempo todo, ora como natural e inevitável, ora como uma realidade ideal ou uma vida que possa ser enfrentada contra a exclusão simbólica.

Neste sentido, a compreensão perpassada pelos adolescentes que encontrei pode conter o significado da escola como espaço de sociabilidade, tanto quando dirigido de dentro para fora da sala de aula, como quando dirigido de fora para dentro dos portões da escola.

Ao discorrerem sobre a escola, não demonstram interesse em discutir aspectos mais específicos da mesma (conteúdos transmitidos), mas manifesta, o tempo todo, a importância de estar nesse espaço, o que remete à condição sócio-cultural que os identifica fora desse espaço. O sentido atribuído ao mundo da escola, pode ser entendido como expondo e reforçando a sua condição de jovem, como um modo particular de estar no mundo, uma base material vinculada com a idade e estereotipada pela sociedade. Portanto, sua expressão de ocupar um espaço que os deixa felizes remete ao modo particular de estar no mundo e de atribuir sentidos, segundo hábitos, costumes e gostos culturais, que são os signos culturais, que, por si só, não têm um significado inerente.

Este estudo com o adolescente socialmente excluído nos mostrou que ele é um sujeito produzido e produtor de suas ações, mas que, no seu imaginário, parece não ter assumido o papel que gostaria de ter como um adolescente ativo, na concretude de suas ações e na inserção no seu meio social, num contexto participante e cidadão. Estão expostos às mais diferentes influências e mesmo que a função socializadora de formação da adolescência não seja trabalhada por

instituições como a escola, meios de comunicação, família, percebemos que eles são influenciados no seu modo de ser e agir no mundo.

Suas falas muitas vezes contraditórias nos levam a supor que eles entendem essa escola como ilusória, irreal, uma passagem curta de sua vida, como também a possibilidade crescente e constante de vivências e experiências possíveis, prováveis e reais para mudar o rumo de suas vidas (viagem). A mensagem transmitida é que, para de fato ter condições de estudar e estar na escola, ele tem que ser o jovem idealizado pela sociedade.

As idéias agrupadas neste núcleo denotam a possibilidade de alcançamos o nosso objetivo de investigação: o sentido e o significado da escola para o adolescente em semiliberdade. Ao nos remetermos a uma de nossas questões norteadoras: a escolha entre a escola ou fazer outra coisa, identificamos que os adolescentes demonstram reconhecer a dimensão educativa da escola, reproduzida pelo significado social atribuído a ela pela sociedade, perpassando pela idéia que as atividades educativas, os valores culturais, os modos de organização social, modalidades de pensamento e construção de conhecimentos são historicamente definidos e que possibilitarão a quem frequenta a inserção ao meio social, ao mercado de trabalho e ascensão social. Entretanto, ficam as contradições, as ambivalências de sentimentos, os conflitos com o meio familiar e social e a percepção de que o contexto histórico determina essas opções e escolhas. Nosso mundo é simbólico-cultural e os significados são construídos pela mediação. Nesse processo, as necessidades materiais, emocionais, afetivas, sociais de cada adolescente permitirão a construção dos sentidos pessoais.

A tentativa nesta pesquisa qualitativa foi de identificar, nas manifestações orais dos sujeitos, os sentidos e significados atribuídos à escola. Dentro do seu discurso, procuramos identificar as formas próprias de manifestação dos adolescentes, nas suas relações sociais e culturais, como elementos reveladores de significado e sentido e de novas produções de sentidos, no seu movimento dialético e transformador.



[guardararquivos.weblogger.com.br/img/jovens.jpg](http://guardararquivos.weblogger.com.br/img/jovens.jpg)

***Vamos Fazer Um Filme***

Renato Russo

[...]

A minha escola não tem personagem

A minha escola tem gente de verdade

Alguém falou do fim do mundo,

O fim do mundo já passou

Vamos começar de novo:

Um por todos, todos por um.

[...]

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As indagações centrais deste trabalho foram: Qual o significado e o sentido da escola regular para os adolescentes em semiliberdade que são obrigados a freqüentá-la? O que essa situação representa em suas vidas? Ao se garantir a oportunidade de acesso ao serviço “escola”, no âmbito externo à unidade de abrigamento, será que o adolescente em conflito com a lei constrói relações, nos parâmetros de significação considerados adequados pela sociedade? Ou a escola assume outro significado? Qual será o entendimento dele sobre a escola?

Assim, no registro desse processo de trabalho, considero importante recuperar o encontro inicial, o primeiro contato, a primeira escuta do discurso desses jovens, que revelou a grande dificuldade que seriam esses contatos informais. Fundamental contribuição para os apontamentos preliminares do estudo.

Os jovens foram, contatados individualmente, sendo oferecido, por parte da pesquisadora, abertura ao diálogo. No entanto, a resposta inicial desses adolescentes foi demonstrada nos gestos, no não olhar para quem esta falando, a apresentação de traços de irritabilidade e nervosismo. Pode ser percebido o desafio a ser enfrentado, pela forma de se relacionarem a pesquisadora / diretora da escola em que se deu a pesquisa e os adolescentes. A figura da pesquisadora está ligada a uma posição de autoridade, diante do olhar desses adolescentes. Ao mesmo tempo, é comum escutá-los dizer que “não dão mole para esse tipo de gente”, demonstrando isso nos gestos e atitudes furtivas e no olhar desafiador e curioso. Retratam uma experiência que toca o limite do desafio, transformando o medo em silêncio, e demorando a substituir essa reação pela fala tão necessária à pesquisa.

Essa situação perdurou por algum tempo, levando-nos a hipotetizar se essa dificuldade em fazer uso da linguagem para contar suas histórias não estaria relacionada à situação vivenciada no abrigamento, pois é comum que digam que “não há nada a ser dito sobre suas vidas” ou mesmo “para que falar, se nada vai mudar?”.

Hoje parece ser uma descrição de uma cena comum. Entretanto compreendendo as suas histórias e constituindo vínculos afetivos, aquelas vozes começaram a representar bem mais que isso. Naquele momento, não entendia essas imagens e essas falas, paralelamente à teoria que estava estudando. Na atualidade, percebo que não são apenas cenas da minha memória, mas grandes e irreversíveis avanços para um trabalho efetivamente em transformação, no meu trabalho: um desenvolvimento que englobou a estrutura das relações humanas sob uma nova perspectiva, introduzindo novos elementos, criando novas demandas, mas provocando também mais frustrações e expectativas.

O intuito com esta pesquisa não foi caracterizar os adolescentes como inseridos em uma determinada escola e sim mostrar que, enquanto sujeito, eles podem estar inseridos em qualquer estrutura e o que os marcará é como cada um se posicionará no espaço que está vivendo.

Assim, na singularidade de cada um, o seu modo de inscrição social nesta escola se revelou, enquanto sujeitos em suas diferentes vivências, em suas distintas histórias pessoais. Foi preciso, sobretudo, resgatar o lugar da fala, de forma que cada adolescente fosse acolhido e escutado, passando assim da palavra para o ato, estabelecendo laços sociais (vínculos afetivos) que lhes trouxesse a reflexão sobre o sentido particular de sua existência, da sua história, do seu ser e das suas relações com a realidade da escola.

Encontramos as respostas a esta pesquisa, na síntese teórica dos fundamentos deste estudo, no mapeamento do problema, no envolvimento desses sujeitos nas entrevistas, clareando assim os sentidos e os significados da escola para o adolescente em semiliberdade, particularmente ao ouvir suas vozes, suas valorações, necessidades, sentimentos e materialidades em relação às situações vividas por eles.

A intenção com este estudo foi o de buscar, nos depoimentos desses adolescentes, oriundos de unidade de abrigamento da FEBEM/SP e que freqüentam uma escola regular da rede estadual de ensino médio da cidade de São Paulo, elementos que permitissem ampliar a compreensão do pensamento que têm sobre a escola, a partir de suas próprias culturas e de suas experiências de vida. O processo de pesquisa desvela desigualdades que acontecem na escola, reproduções de

segregações sociais, formas de enxergar o cotidiano escolar. Expressa tensões e revela certas tendências dos adolescentes, ao buscar corresponder à função da escola: “ensinar”, ao padrão de juventude idealizado pela nossa sociedade, negligenciando os valores referentes à cultura dos considerados diferentes, podendo levar à acentuação do preconceito desse adolescente que está em situação de conflito com a lei e contra esse adolescente.

O panorama educacional vive hoje um momento de muita indefinição. A universalização do ensino vai-se aproximando da realidade, mas é preciso avançar quanto à qualidade das escolas, dado que muitas escolas de ensino médio, em especial esta, na qual realizamos a pesquisa, passam pela falta de identidade, oscilando entre: oferecer um ensino profissionalizante com caráter de terminalidade ou oferecer um ensino voltado ao prosseguimento dos estudos em nível superior, não tendo clara a definição de seus objetivos e o modelo de educação que deseja oferecer, não atendendo, assim, às finalidades desta etapa, como estão definidas na LDB/1996, Essa universalização do atendimento tem ainda como desafio consolidar uma proposta pedagógica com qualidade social para todos os alunos, incluindo também o sujeito social em medidas sócio-educativas em meio aberto, ou seja, adolescentes em conflito com a lei que, por estarem custodiado pelo estado, são matriculados compulsoriamente, por ordem judicial.

No entanto, essas diretrizes provocam perplexidade nos atores educacionais: consideram que a educação voltada ao atendimento de adolescentes é uma fonte de problemas, pois estes estariam em uma etapa de desenvolvimento conflitiva. Além disso, o atendimento obrigatório aos adolescentes em conflito com a lei, pelas medidas estabelecidas pelo ECA, cria antagonismo, na escola, principalmente em aceitar aqueles jovens que tenham apresentado problemas de comportamento ou que apresentam problemas de inadaptação. Os atores da escola mencionam uma série de intervenções pedagógicas e disciplinares que foram tomadas e que não surtiram nenhuma mudança de atitude desses alunos, seja em rendimento escolar, seja em termos de conduta. Será que a escola perdeu não só seu potencial educativo, em assegurar a todos os alunos, a transmissão de uma cultura, respeitando as suas



diferenças, mas também o seu papel socializador, formador de hábitos, valores, modos de conduta?

Pesquisar sobre o significado e o sentido da escola para o adolescente em semiliberdade, colocando-o em processo de seu fazer, agir, pensar, pode mostrar como seu pensamento é expresso, no conhecimento e na emoção de ser e estar como aluno.

Embora o tema da ação política não tenha sido diretamente abordado nesta pesquisa, que se centrou nos sentidos e significados da escola para os adolescentes em semiliberdade decorrente ou não da vida escolar, o conhecimento, mesmo que rudimentar, acerca da subjetividade desses jovens, permitiu identificar condutas sociais vigentes entre eles, e provavelmente em uma parcela significativa dos demais participantes da escola, que mostram que a luta contra a exclusão social ainda está hoje longe de ser concretizada. Vimos, nesse cotidiano escolar, o estabelecimento de relações impessoais, do esforço de um doutrinamento de um ideal de conduta, sem considerar a especificidade da história de cada um. Age-se como se todos tivessem os mesmos interesses, as mesmas aptidões, os mesmos desejos, aparentemente na busca da anulação das diferenças individuais.

Na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano e suas implicações metodológicas de pesquisa, fui buscando as respostas o que eu precisa saber sobre o desenvolvimento desses adolescentes, a sua inserção no mundo da significação e da cultura.

A partir dos pressupostos de Lev Semionovich Vigotski (1866-1934), podemos afirmar que esse adolescente é uma criação social e histórica e não apenas um fato biológico. Não é apenas o que aparenta no momento atual, mas o que ele vem se tornando em sua vida, realizando-se valorativamente, a partir das contradições que a constituem.

Para compreender esses adolescentes, foi necessário buscar o processo de constituição do sujeito ativo, singular e social, nas e pelas mediações sociais, por meio do processo de internalização realizado ao longo do seu processo da vida.

A referência essencial nessa abordagem é a linguagem e o pensamento, que refletem determinadas significações culturais da sociedade. Quando da análise de dados, apreendo, da fala e gestos dos adolescentes, em todas suas formas de

expressão, como significam a escola, e procuro resgatar o desenvolvimento de suas histórias, presente em sua vida escolar. Na realidade, foram evidenciados, nesta pesquisa, a palavra carregada de sentidos e significados, os sentimentos transmitidos das verdades ou mentiras, das coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, pela qual conseguimos compreender as reações provocadas neles, os sentidos reconstruídos.

Este sujeito singular é uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-Outro, pela mediação de múltiplas determinações. Segundo Vigostki, "tornamo-nos nós mesmos através dos outros." (1984, p. 35)

A investigação nos mostrou que existem hoje duas forças se contrapondo: a primeira, são os adolescentes com suas identidades, culturas, valores, clamando por uma escola / sociedade que os acolham como sujeitos em desenvolvimento, que já estão sendo e não como sujeitos provisórios que ainda serão. A segunda força é a escola, que se encontra presa a uma didática, projetos pedagógicos, dentre outros, centrados em si mesmos, com uma imensa dificuldade em flexibilizar seus atos com seus alunos-adolescentes.

No subtexto das falas dos adolescentes, foi possível detectar os principais resultados das análises apresentadas neste estudo, aqui relatadas como manifestações dos sentidos e significados atribuídos à escola. Esperamos que colaborem para melhor compreensão de como se vem estruturando a escola na vida destes adolescentes.

Pode-se afirmar que dois indicadores dos significados e sentidos da escola em sua vida sobressaíram durante todo o processo de pesquisa: a questão de a escola ser de um lugar para a inserção social e de possibilidade de aprender coisas novas. Os adolescentes se debateram em movimentos contraditórios, apresentando a necessidade da escola para se orientarem para a vida e para conhecer gente nova. Dão destaque importante ao estabelecimento de uma intensa sociabilidade na vida escolar, ao convívio com os outros, ao mesmo tempo em que ficou exposta a não existência de um espírito de grupo ou de uma consciência coletiva. Embora busquem a formação grupal com os seus iguais, os impasses se sobressaem à vontade de superá-los, as soluções buscadas são individuais e não grupais.

Aprender, nas suas falas, está intimamente associado a fazer; é prática. Para eles, interessa o conhecimento e a informação que possam ser utilizados imediatamente na vida. A apologia da prática é a do tempo presente e o seu reverso, rejeição à teoria da herança cultural originária do passado e dos esforços para mantê-la no futuro. O aprender manifestado por eles não implica reflexão e crítica; significa a aceitação da realidade tida como natural e imutável. Nesse sentido, os conteúdos que devem ser aprendidos são apenas os já existentes e o querer saber manifesta-se em saber como se movimentar nesse mundo. Assim, o conhecimento e da escola é visto pelos adolescentes como um fazer instrumental. Portanto, estudar não significa aprender, mas valorizam apenas o aspecto opinião, o que significa exercitar sem censura as manifestações individuais do pensamento, em que toda afirmação é válida. Para eles, aprender na escola não deve requerer nenhum esforço, mas é um ato espontâneo.

Os depoimentos ressaltam a importância das relações interpessoais, no processo de aprendizagem. Os adolescentes não querem se identificar no papel de aluno e depositam muitas expectativas na personalidade do professor, que deve motivá-los, que goste deles e não apenas de dar aula, e que procure resgatá-los para a aprendizagem.

São variadas as razões apresentadas pelos adolescentes para estar na escola e, ao mesmo tempo, estar ausente constantemente da sala de aula. No entanto, as justificativas predominantes se relacionam com o momento histórico de suas vidas, com as ligadas às indisposições, às frustrações ao processo social e até ao desejo de abandonar a escola para buscar outros interesses.

Na contradição que entrelaça histórias de vida e contexto sócio-cultural, a conduta de adaptação exibida pelos adolescentes pesquisados não significa aceitação da realidade. Pelo contrário, a insatisfação é presente, e, no entanto, tida como inevitável. Não acreditam que possam mudar a situação vivida e não vêem alternativa senão a adaptação.

Além disso, sua conduta vai além da interpretação da realidade, consistindo numa ação manipuladora, estratégica, calculista e racional para atingir os meios e os fins. Enfim, mantêm um certo controle da realidade que o cerca.

Nesse sentido, há movimentos contraditórios, que apontam para a superação, apropriação individual e vontade de mudar a situação vivida, mas não mostram formas de lidar com as novas práticas de ser e estar como aluno. Na realidade, o que demonstram é o receio latente de enfrentarem essas mudanças.

A análise dos sentidos e significados da escola, para estes adolescentes, demonstrou que a socialização juvenil se realiza apenas para ajustá-los ao meio social e não como processo de interiorização da capacidade de aprender. Ainda, demonstram que as características da escola são construídas por uma teia de relações que se constituem e são constituintes dos seus modos de ser e estar no mundo.

Essa maneira de pensar e agir, encontrada nestes adolescentes apontaram-nos alguns elementos do contexto sócio-histórico de suas vidas, dentre eles, a desigualdade social caracterizada pela insuficiência de condições materiais, emocionais e de acesso aos bens sociais, econômicos e culturais, bem como a desigualdade de oportunidades. Como desdobramento desta condição desigual, justificam as situações de violência que vivenciaram ou que ainda vivenciam, como assaltos, roubos, tráfico e seqüestros. Para eles, essas situações que provocaram ou provocam é uma consequência da falta de perspectiva de vida. O mesmo está associado ao envolvimento com drogas.

Entre as muitas falas registradas, ecoa a demanda destes adolescentes por serem sujeitos participantes de suas vidas e do mundo em que estão inseridos.

Este estudo, nesse cenário, nos indica que é urgente a discussão, no interior da escola, de uma proposta educacional que vise tornar os adolescentes em conflito com a lei sujeitos de sua história.

Para que isso ocorra, será preciso que a escola reconheça o adolescente como sujeito ativo e não passivo de seu desenvolvimento. A escola deve criar espaços de diálogo, discussão e convivência entre seus alunos, e com outros segmentos, proporcionando reflexões a respeito das diferenças presentes, favorecendo o reconhecimento e a valorização de ações que promovam um conhecimento de si e do outro, em prol da reconstrução das relações desgastadas pelas diferenças e divergências.

Esses adolescentes da nossa pesquisa somente deixarão de representar o sujeito ilegal, para se tornarem verdadeiros protagonistas do seu desenvolvimento social e da sociedade em que vivem, se tiverem acesso à educação, que compreende tanto uma completa formação como a plena escolarização.

O grande desafio na escolarização desses adolescentes relaciona-se à sua perda de motivação pelos estudos, o que é compreensível, na medida em que, nessa idade, o mundo que se descortina para ele apresenta muitas outras opções de interesse, nem sempre compatíveis com os estudos. A convivência com os pares adquire função vital e a atração pelo sexo oposto ocupa espaço prioritário de sua vida e de sua imaginação. Por sua vez, o desenvolvimento intelectual traz novas competências cognitivas, que permitem uma reflexão sob outras bases de raciocínio e de abstração do real. O adolescente, do ponto de vista do seu desenvolvimento cognitivo, busca experiências que lhe permitam ampliar a qualidade de sua reflexão, que exercitem sua inteligência. Torna-se, portanto, fundamental que ele seja estimulado a ter uma visão crítica da realidade. É preciso que, em seu cotidiano, existam desafios intelectuais, para que, por meio de reflexões e debates, ele se entusiasme a buscar novas descobertas.

As vivências escolares do adolescente são valiosas no seu processo de socialização e de desenvolvimento. Cabe lembrar que os professores e a família representam uma presença educativa e de referências positivas. Portanto, exercem uma influência muito importante enquanto modelos alternativos de identificação, permitindo que o jovem reconstrua suas próprias referências e relações com as figuras de autoridade, por meio dos exemplos de que o jovem necessita, nesse seu momento de incertezas, angústias, instabilidade e necessidade de afirmação.

O desenvolvimento emocional e cognitivo na adolescência se realiza no decorrer das diversas atividades oferecidas no espaço educativo da escola. Além disso, é importante que possa exercitar na escola seu desenvolvimento social, na sua participação no coletivo, enquanto cidadão de direitos e de deveres. A escola representa o acesso ao direito de educação, acompanhado de exercício de cumprimento dos deveres e das responsabilidades consigo mesmo e com o outro. Atividades de cunho coletivo que exercitem a participação democrática e, sobretudo,

que ofereçam referências para a vida em coletividade tornam-se fundamentais nesta fase do desenvolvimento. A sala de aula constitui um excelente fórum para o exercício de cidadania, no qual as habilidades e valores relativos à vida comunitária podem ser exercitados.

Finalizo este trabalho valorizando o pensar, o agir, o reconhecimento e o respeito às necessidades do outro, à ética das relações e à convivência com as diferenças. Mas, com o sentimento da impossibilidade de concluí-lo, pois os ensinamentos apropriados nesta pesquisa nos mostram a necessidade de continuar dialogando com esses sujeitos e lhes permitindo a expressão de seu pensamento e fala, para que possam refazer as suas trajetórias e suas ações.

Aos educadores, deixa-se um pensamento que causa inquietação: após décadas, foram incorporadas e aceitas a cultura e a complexidade infantil. Por que não se pode pensar em aceitar a cultura e a complexidade da adolescência?

Este texto sempre poderá ser retomado, reescrito, superado, transformado. As palavras de Herzer (adolescente) encerram e apontam os obstáculos, a angústia e a solidão em que se encontra a maioria desses jovens:

Fiz da minha vida um enorme palco  
sem atores, para a peça em cartaz  
sem ninguém para aplaudir este meu pranto  
que vai pingando e uma poça no palco se faz.

Palco triste é esse meu mundo desabitado  
Solitário me apresenta como astro  
Astro que chora, ri e se curva à derrota  
e, derrotado, muito mais astro me faço.

Todo mundo reparou no meu olhar triste  
Mas todo mundo estava cansado de ver isso  
E todo mundo se esqueceu de minha estréia  
Pois todo mundo tinha um compromisso.

... Mas um dia meu palco, escuro, continuou  
e muita gente curiosa veio me ver  
viram no palco um corpo já estendido  
eram meus fãs que vieram prá me ver morrer.

Esta noite foi à noite em que virei astro  
a multidão estava lá como eu queria  
suspirei eterna e vitoriosamente  
pois ali o personagem nascia

e eu, ator do mundo, com minha solidão...  
morria!<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> A adolescente passou boa parte de sua vida internada na FEBEM de São Paulo. Ela morreu, em 1982, após cometer o suicídio. Este é um trecho de uma poesia de sua autoria: “Minha autoria”.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, V. J e Ozella, S. Os sentidos atribuídos por jovens de camadas populares ao futuro profissional In: Ozella, S. (Org.). *Adolescências Construídas*, Ed. Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. (mimeo, 2005).

\_\_\_\_\_. *Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica*. In: BOCK, Ana M. Bahia, GONÇALVES, M. Graça M., FURTADO, Odair (orgs). *Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)*. São Paulo: Cortez, 2001 (a).

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. *A Pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate metodológico*. In: BOCK, Ana M. Bahia, GONÇALVES, M. Graça M., FURTADO, Odair (orgs) . *Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)*. São Paulo: Cortez, 2001 (b).

AGUIAR, Wanda Maria J, BOCK, Ana M. Bahia. *Psicologia da educação: em busca de uma leitura crítica e de uma atuação compromissada*. In: BOCK, Ana M. Bahia (orgs). *A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *M. Psicologia da educação: em busca de uma leitura crítica e de uma atuação compromissada*. In: *A perspectiva sócio-histórica na formação em Psicologia*, Ed. Vozes, 2003.

AGUIAR, Wanda M. Junqueira, BOCK, Ana Mercês Bahia, OZELLA, Sergio. *A orientação profissional com adolescentes: um exemplo da prática na abordagem sócio-histórica*. In: BOCK, Ana M. Bahia, GONÇALVES, M. Graça M, FURTADO, Odair (orgs). *Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)*. São Paulo: Cortez, 2001.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ANDI – Agência de Notícias sobre os Direitos da Infância. *Pesquisa Infância na Mídia, janeiro a dezembro de 1999*. Brasília, ANDI/IAS, 2000.



BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas (1966). A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1999.

BRASIL, Coleção Garantia de Direitos - Série Subsídios – Prêmio Sócio-educando. Brasília, Ministério da Justiça – SNDH/DCA, 1999.

BRASIL, Coleção Garantia de Direitos - Série Subsídios – Tomo II, Políticas Públicas e estratégias de atendimento sócio-educativo ao adolescente em conflito com a lei. Brasília, Ministério da Justiça – SNDH/ DCA, 1998.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, Ministério da Justiça. A situação dos adolescentes em conflito com a lei. Brasília, SEDH/DCA, 2000.

BRASIL, Código de Menores – Lei n. 6.697 – 1979. 2.ed Brasília, Senado Federal – Subsecretaria de Edições Técnicas, 1984.

BRASIL. Constituição, 1988, Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, 1988.

BRASIL, Lei n 8069 – 13 de junho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Estatuto da Criança e do Adolescente, Belo Horizonte: ISJB-CESAP, 1999.

BRASIL, Lei n 9.394 – de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação Nacional. Lei de Diretrizes e Bases CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da Adolescência: normalidade e psicopatologia. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTRO, Mônica Rabello de (1997). Retóricas da Rua: Educador, Criança e Diálogos. Rio de Janeiro: EDUSU/ AMAIS, 1997.

COSTA CIAMPA, Antonio da. A Estória do Severino e a História da Severina, um ensaio de psicologia social. Ed brasiliense, São Paulo. 2001.

BOCK, A. M. (Org.). A Perspectiva Sócio-Histórica na Formação em Psicologia Petrópolis: Vozes, 2003.

BOCK, A. M. (Org.). e Psicologia o Compromisso Social. Editora Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_, A. M. O trabalho e a escolha profissional. In: Ozella, S. (Org.). Adolescências Construídas, Ed. Cortez, 2003.

CALIL, M. I. De menino de rua a adolescente: análise sócio-histórica de um processo de ressignificação do sujeito. In: Ozella, S. (Org.). Adolescências Construídas, Ed. Cortez, 2003.

CEDES, Educação & Sociedade, Revista Quadrimestral de Ciência da Educação, Vigotski – O manuscrito de 1929, n. especial 71, Campinas, SP, 2000.

DUARTE Newton. Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotski – Polêmicas do Nosso Pensamento. 3 ed. Campinas, SP, 2001.

GOMES SOUZA, S. M. (Org.). Infância e Adolescência: Múltiplos Olhares. Goiânia: Edit. UCG, 2003.

FONSECA, Cláudia. Trajetórias paralelas: uma avaliação de algumas meninas egressas da FEBEM-RS. Porto Alegre, 2000.

FOUCAULT, Michel, Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 1996.

FRANCO, M.L.P.B. Ensino Médio: desafios e reflexões. 2 ed. SP: Papirus, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da indignação cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia saberes necessários à prática educativa. 28 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2003.

FUNABEM. Paulo Freire & Educadores de rua – Uma abordagem crítica. Rio de Janeiro, UNICEF/FUNABEM, 1985.

GADOTTI, Moacir. Escola vivida, escola projetada. São Paulo, Papirus, 1992.

GOMES DA COSTA, Antônio Carlos. Aventura pedagógica. São Paulo Columbus Cultura Editora, 1990.

IBGE.(2000). Crianças e adolescentes: indicadores sociais.

IBGE/UNICEF (2000). Indicadores sobre crianças e adolescentes. Brasília, Rio de Janeiro.

LURIA, A.R. Curso de psicologia geral, vol.I, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

MARTINS, S. T. F. Educação científica e atividade grupal na perspectiva sócio-histórica. In: Ciência & Educação, Bauru: Unesp, v.8, n.2, p.147-159, 2002.

MEC. Plano Decenal de Educação Para Todos, (1993) Brasília, MEC. (primeira versão para debate).

\_\_\_\_\_. Plano Decenal de Educação Para Todos, (1993) Brasília, MEC. (versão acrescida).

OLIVEIRA, Marta K. de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio- histórico. São Paulo: Scipione, 1995.

\_\_\_\_\_. O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. cadernos Cedes, Campinas, n. 35, pp.9 – 14, 1995.

OZELLA, Sergio. Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003 (a). A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais.

\_\_\_\_\_. Adolescência: Uma perspectiva crítica. In: CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery, KOLLER, Silvia Helena, BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos (orgs). Adolescência e Psicologia: concepções práticas e reflexões críticas. Brasília. Conselho Federal de Psicologia, 2002.

OZELLA, Sergio. Pesquisar ou construir conhecimento – O ensino da pesquisa na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. Bahia. (org). A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003 (b).

PLACCO, V. Representações sociais de alunos sobre AIDS, violência. Relatórios de pesquisa/ PED/PUC-SP, (1998-2002).

PRADO DE SOUSA, C. & PLACCO, V. (1996) Representações sociais de professores e alunos sobre práticas educativas. Relatório de Pesquisa PED/ PUC-SP.

RIZZINI, Irene. A criança e a Lei no Brasil – Revisitando a história (1822-2000). Brasília, UNICEF; Rio de Janeiro, USU Ed Universitária, 2000.

SILVA, Roberto. Os filhos do Governo. São Paulo, Ática, 1997.

UNICEF: FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (2000). Situação Mundial da Infância. Relatório. Brasília-DF

VOLPI, Mário & SARAIVA, João Batista, O adolescente e a lei. Brasília, ILANUD, 1998.

\_\_\_\_\_, M (org). O adolescente e o ato infracional. 3ª ed. São Paulo, Cortez editora, 1999.

VVAA (1995). Documento preliminar para debate e aprofundamento: sugestões ao Departamento da Criança e do Adolescente do Ministério da Justiça, para a implementação das medidas sócio-educativas previstas no ECA. Apoio: Unicef.

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. A Construção do Pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_, L.S. A Formação Social da Mente. O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (a).

\_\_\_\_\_, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (b).

\_\_\_\_\_, L.S. Educação & Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação. Vigotski – O Manuscrito de 1929. Temas sobre a Construção Cultural do Homem. 2 ed, 2000.

\_\_\_\_\_, L.S. Implicações Pedagógicas do Modelo Histórico-Cultural. 2 ed, 2000.

\_\_\_\_\_, L.S. Teoria e Método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_, L.S. A formação social da mente – O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998. e 1984.

\_\_\_\_\_, L.S. Teoria e Método em Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_, L.S. Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (original 1930)

\_\_\_\_\_, L.S., Obras escogidas. Madrid: Centro de Publicaciones Del M.E.C. y , Visor Distribuciones, 1993. v.2

\_\_\_\_\_, L.S., Obras escogidas. Madrid: Centro de Publicaciones Del M.E.C. y , Visor Distribuciones, 1993. v 4.

\_\_\_\_\_, L.S., Obras escogidas. Madrid: Centro de Publicaciones Del M.E.C. y , Visor Distribuciones, 1991.

\_\_\_\_\_, L.S. História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Havana: científico-técnica, 1987.

\_\_\_\_\_, L.S., "Concrete Human Psychology", Soviet Psychology, v.XXVII, n.2., 1986 (tradução para o português de Enid Abreu Dobrãnszky, 1989).

VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem (coletânea de textos). São Paulo: Ícone, 1988.

REGO, Teresa Cristina Rego. Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

## **ANEXO. 1**

### **Roteiro de entrevista recorrente**

#### **Apresentação**

1. Apresentação da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa: os significados e sentidos da escola para os adolescentes.
  
2. Breve apresentação de cada adolescente:
  - a) nome
  - b) idade
  - c) cidade de origem
  - d) familiares

#### **Escola**

1. Há quanto tempo está na escola atual?
2. Com que idade começou a estudar?
3. Ficou algum tempo sem estudar?
4. Já estudou nesta escola? Sempre estudou em escola pública?
5. Você acha importante freqüentar a escola? Por quê?
6. Como se sente em freqüentar a escola?
7. O que escola oferece para a sua vida?
8. Você acha importante uma pessoa estudar? Por quê?
9. Como seria a sua vida em geral se você não freqüentasse a escola?
10. Se não freqüentasse a escola que atividade faria no seu lugar?
11. Considera alguma atividade que possa vir a substituir a escola? Em quais aspectos?
12. Para que serve a escola?
13. O que você aprende na escola?
14. Como você aprende?
15. O que você mais gosta na escola?
16. Costuma estudar o que é ensinado na escola? Aonde?

17. Executa os trabalhos, pesquisas solicitados? Aonde?
18. Você costuma chegar atrasado na escola? Por quê?
19. Você consegue entrar na escola no dia em que chega atrasado? Como?
20. Você falta muito às aulas? Por quê?
21. Como é o bom professor?
22. O que é a escola para você?
23. Você acha que o que você aprende aqui você pode aprender em outros lugares, outros espaços?

#### Lazer

1. Você tem amigos aqui na escola?
2. De onde e quem são seus amigos, aqueles com que você conversa e se diverte?
3. O que você faz para se divertir? Com quem?
4. Você conhece algum adolescente que não frequenta a escola? Por que acha que ele não frequenta?
5. Você acha importante a pessoa de sua idade frequentarem a escola?

#### Família e vida afetiva

1. Como é o seu relacionamento com seus familiares?
2. Com qual familiar você se relaciona melhor? Por quê?
3. Com qual familiar você se relaciona pior? Por quê?
4. Você acha que é compreendido pelos seus pais/ familiares?
5. Orientam você de alguma forma? Em que situações? Você acha que dá para concordar/ aproveitar/ seguir o que eles falam?
9. O seu grupo social (família, amigos, parentes, monitores ... ) dá importância a escola?
10. Você recebe influência para frequentar a escola? De quem?
11. Você recebe influência para não frequentar a escola? De quem?
12. Tem alguém de seu grupo social que acompanha sua vida escolar? Incentivam ou pressionam você a ir para a escola?

13. Você acha que tem membros na sua família que são um bom exemplo/ modelo de vida a seguir? O que você faria diferente na sua vida?

Encerramento

1. O que é ser adolescente para você? O que significa a adolescência?

2. Você acha que como adolescente hoje tem qualidade de vida?



## ANEXO 2

### Depoimentos (anexo apenas um como referencial)

#### Entrevista Daniela (2005)

M – Vamos lá ... gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco de você ...

D – Meu nome é D....., tenho 17 anos.

M – Você mora em São Paulo?

D – Moro em São Paulo, moro lá em Itaquera, no Jardim Norma, ali na “Pires do Rio”.

M – Você mora com pai, mãe, como é que é?

D – Com a minha mãe, com meu irmãozinho pequeno, com meu filho.

M – Você tem um filho?

D – Tenho um filho.

M – Quantos anos?

D – Dois anos.

M – Dois anos? E o seu irmão tem quantos?

D – Meu irmão tem 21. Tenho uma irmã de 16, um irmão de 14 e o mais novinho, que mora com a minha prima. Que em casa não “mora” os três. Não moram com a minha mãe.

M – São casados?

D – Não, a minha irmã preferiu sair da minha casa por problemas particulares, e o meu irmão também.

M – Só você e o seu irmãozinho?

D – É. O meu outro irmão fugiu de casa, o Pedro. Eu nem sei, tem 4 anos que eu não vejo ele. Fugiu já tem “mó” tempo. Ele fugiu eu tinha uns 13 anos. Não, ele tinha 10 anos, que agora ele está com 14. Então, 10 anos ele tinha.

M – E seu irmão pequeno que está lá, quantos anos ele tem?

D – Tem 7.

M – Sete? Seu filhinho, como que chama?

D – Gabriel.

M – Gabriel. E a mãe?

D – Minha mãe “chama” Elis.

M – E o seu pai?

D – Meu pai morreu.

M – Morreu? Tem muito tempo?

D – Já. Tem muito tempo. Eu era pequena. Eu era criança ainda.

M – Você tem outros parentes em São Paulo ou só sua mãe?

D – Tenho! Tenho tia, avó. Avó por parte de pai, parte de mãe, um “monte” de família. A maioria é tudo aqui de São Paulo.

M – Há quanto tempo você está aqui na escola?

D – Um mês.

M – E antes, você estava em outra escola?

D – É. Eu estudava lá dentro, “né”.

M – Lá dentro?

D – É. Lá dentro onde eu estava presa. Mas, antes de eu estar presa eu também estudava.

M – Você estudava onde?

D – A última escola “que” eu estudei foi no Bacite. Lá na Zona Sul, porque eu morei um tempo na Zona Sul. Também saí de casa por um tempo. Aí, eu morei lá na Zona Sul. Aí eu estudei lá no Bacite.

M – E lá na internação, você estava em que série?

D – Eu estava na sétima série. Sétima série...

M – E agora você está ...?

D – Estou no 3º!

M – Como?

D – É que é assim! Conhece a Paula Souza?

M – Ah! você fez os exames para a eliminação de matérias?

D – Eles “fez” uns negócios lá, pra todas as unidades de Febem.

M – Ah! Você fez o supletivo? ... Ou só aquela prova?

D – Não. É que antes disso, antes disso, eu já tinha passado. Eu passei pra 8ª normal ... Normal pra 8ª. Fui normal pro 1º.

M – Certo.

D – Aí do 1º eu já fui pro 3º.

M – Você fez a reclassificação?

D – Isso! Eu fiz a reclassificação. Fiz a prova e passei.

M – Fez a prova e passou. Você está regular. Então, você já está no 3ª série?

D – É. Estou seguindo de acordo com a minha idade.

M – O que a escola significa pra você?

D – Ah! A escola pra mim é tudo. Às vezes, eu não dou valor muito, sabe? Porque eu quero ficar lá fora. Eu quero ficar zoando, mas é tudo porque “aí a gente sem a escola” não consegue nada, nada, nada. E eu tenho vontade de crescer.

M – Tem? Tem vontade de fazer o quê?

D – “Ó”. Eu tenho vontade de fazer duas faculdades. De Ciências da Computação e de Música. Eu sou apaixonada por música.

M – Você canta?

D – Eu canto. Pior que sou cantora!

M – Que lindo!

D – Eu canto em grupo de rap. Sou “back” vocal.

M – Você é muito bonita.

D – Aí, eu tenho vontade de fazer música e Ciências da Computação porque eu sou apaixonada por Informática. Apaixonada. Eu amo Informática!

M – Que bom!

D – E vou fazer curso de Inglês e Espanhol também. Mas, o curso de Inglês e Espanhol “é” o que mais vai me ajudar, também, “fazer” minha faculdade de Ciências da Computação. Porque Informática mexe muito com inglês. Mas, eu também gosto de inglês. Aliás, adoro!

M – E lá na internação você estava na 7ª?

D – É.

M – Mas, você está conseguindo acompanhar a 3ª? Como é que está?

D – Ah! Só em algumas matérias que não. É muito difícil assim! Lá, o ensino não é “que nem o daqui”. O ensino daqui do mundão é muito melhor. O de lá de dentro é

matéria que é de 8ª série ... 7ª série, “nóis tava” vendo no 1º. Entendeu? Eu acho que eu estou bem, bem atrasada. Assim... Eu acho. Eu acho que eu estou. Estou bem atrasada. Inclusive, eu estava até conversando com as meninas da sala, mostrando pra elas meu caderno, com as matérias de lá e elas “mesmo” falaram. O ensino daqui do mundo, “nossa!” É bem melhor do que o de lá de dentro. É bem melhor!

M – E o que você acha que a escola pode contribuir pra você se atualizar?

D – Ah, eu gosto de ler.

M – Você gosta de ler?

D – Gosto. “Bastante livro”. “Bastante livro”. Até pedi um “pra” professora. Pra ela me ajudar. Uma professora “que” eu gosto muito dela. Ela é substituta. Eu nem sei o nome dela, ela é baixinha, magrinha.

M – A Flavinha?

D – Não sei o nome dela. Aí ela conversa bastante comigo. Eu faço... É, tem vez que eu não entro na minha sala porque é muita bagunça. Aí eu não consigo ficar lá. Eu fico louca, porque eu acostumei, “né”. Lá dentro era tudo quietinho, assim. Aí, tem vez que eu fico louca com a bagunça da sala. Aí, eu vou pra sala dela. Fico prestando atenção na aula dela, porque os alunos da outra sala que ela está dando aula, também não ficam prestando atenção. “É” só “algum” que prestam atenção e só os da frente “mesmo”. Aí, eu fico lá na sala dela. Fico vendo a matéria que ela está dando. Pra eu poder até treinar um pouco. Pra “mim” ficar atualizada, porque eu acho que a escola precisa me ajudar bastante pra contribuir.

M – Você acha que a escola contribui, então, para a sua vida?

D – Contribui.

M – Em que mais você acha que ela pode contribuir? Não só essa, a escola de um modo geral. O que ela pode contribuir hoje pra sua vida aos 17 anos?

D – Eu acho que me ajuda um pouco também a esquecer, sabe?

M – A esquecer?

D – Os problemas! Nossa! Porque lá dentro ... Eu fico lá dentro o dia inteiro. Eu não vejo a hora de “vim” pra escola.

M – É? Você gosta de vir pra escola?

D – Gosto.

M – O que você faz de manhã?

D – De manhã eu levanto 6 horas da manhã. Aí não faço nada. Aí cada um vai fazer. Limpar a parte da casa que tem que limpar. Aí as meninas, que “é” de manhã, “faz” curso de corte e de costura. E da tarde também. E eu faço corte e costura a tarde.

M – Só isso?

D – Que de manhã eu não faço nada. Aí, à tarde, as meninas que fazem o curso de manhã não “faz” nada a tarde.

M – Eles oferecem outros cursos lá?

D – É. Eu faço de dança do ventre também. E os outros cursos não oferecem mais nenhum. Os outros cursos que “é” de lá de dentro na Semi não oferecem mais nenhum. Mas eles encaminham pra outros cursos aqui fora.

M – E aí você faz algum?

D – Ainda não.

M – Ainda não?

D – Não.

M – Faz quanto tempo que você está lá na casa?

D – Tem uns 2 meses, 1 mês e meio. "Pô" aí. Não tem muito tempo não.

M – Você demorou pra vir pra escola. Por quê?

D – Eu? Eu não sei dizer.

M – Mas, por quê?

D – Porque eles também têm que procurar. Porque "tem escola que fala" que não tem vaga... Que não aceita porque está no final do ano... É "mó" ... "mó"...

M – Difícil?

D – "Mó" difícil.

M – Então foi isso. Agora me diga, eles falaram assim: você tem que ir pra escola ou eles perguntaram se você queria vir pra escola?

D – Não. Você tem que ir.

M – Tem que ir.

D – É. É ordem do juiz. "Cê" tem que ir e fazer. "Que nem" quando eu estava no fechado. Você tem que estudar.

M – Tem que estudar?

D – Tem que estudar.

M – Quando você sai você pensa: "eu tenho que ir por obrigação "ou" eu quero ir"?

D – Eu quero ir.

M – Mas, você quer vir por quê?

D – Ah, "pô" causa de tudo. Além de eu querer aprender, é por causa que também ... Ah, eu não quero ficar lá dentro, sabe? Quero esquecer um pouco que eu estou lá. Aqui. Do mesmo jeito que eu fico aqui. Aqui, eu estou no meio de um "monte" de gente. Lá é só mulher. Aqui tem homem, tem mulher, tem mulher mais "velhas", sabe?

M – E quando você chegou aqui, o que você sentiu?

D – Quando eu cheguei aqui? Ah, eu me senti estranha. Eu fiquei louca no primeiro dia de aula. Eu não agüentei ficar na sala de aula. Eu queria ir embora. Aí eu fiz "mó fuzuê" aqui ainda. Eu falei um "monte", pro vice- diretor, acho.

M – O Pedro.

D – Eu falei um "monte" pra ele. Eu queria ir embora de qualquer jeito. Eu não agüentei, achei que essa escola era muita "muvuca".

M – Muito barulho?

D – Mais é! Eu não estava acostumada, porque lá "a escola é "mó" silêncio". Não pode falar na sala de aula. Lá é "mó" silêncio! Daí, eu acostumei.

M – E aqui? Então, por que você acha que vem hoje para a escola?

D – Acho que porque meu interesse de estudar voltou mesmo. Por causa que, "ó", porque quando eu estava lá dentro, quando eu fiquei sabendo que eu tinha passado pro 3º, "nossa", eu chorei. Eu chorei de raiva porque eu não queria ter passado pro 3º. Eu achei que ... Eu achei que era "mó" patifaria, mesmo. Eu, passar pro 3º!! Eu "to" no 1º ... não sei nada, sabe? Eu achei "mó" patifaria de lá de dentro. Aí eu falei que eu não ia mais estudar. Eu falei ainda, pra coordenadora de lá, pedagógica. Que lá tem uma coordenadora pedagógica também. Aí eu falei que eu não ia fazer. Que eu não ia "entrá" pra escola. Eu não vou entrar pra escola. Eu não quero. Quero voltar pro 1º. Aí foi aquele inferno "né". Daí ela falou: D....., "mais" isso não é por nós, não tem como.

M – Não será porque você mostrou que você tinha competência para fazer essa série? Se você fez a prova e passou! ... Você não demonstrou que aprendeu?

D – Daí eu “peguei”... Depois eu “peguei” e falei assim: ah! já estou no 3º. Estou de acordo com a minha idade, é bom também porque é mais fácil de eu arrumar um emprego, e eu também quero fazer minha faculdade, e se eu continuasse no 1º, “nossa”, eu ia ficar “mó” atrasada, ia demorar pra “mim” fazer minha faculdade. Aí eu refleti. Falei assim: ah! vou pegar nos livros, vou meter as “cara” pra “mim” poder aprender. E foi assim que eu aprendi.

M – Você acha que todo mundo deveria freqüentar a escola?

D – Acho. Todo mundo ... Todo mundo. Quem não tem escolaridade, principalmente, quem não tem. Criança, também, que os pais não colocam. Crianças de rua, “nossa!” Tem tanta criança na rua, que não estuda ... Não estuda ... Tem tanta criança que não sabe nem escrever o nome!”.

M – Por que você acha que tem que vir pra escola?

D – Ah! Porque escola é o futuro “né”.

M – Você acha?

D – Eu acho. Escola é o futuro de qualquer um. Desde um idoso a uma criança. Um idoso tem que ter uma escolaridade.

M – Mas você acha que é o futuro de quê? Tem gente que não tem escola e está aí no mundo trabalhando.

D – É o futuro de tudo.

M – Você acha?

D – Um futuro pra você conseguir um emprego melhor. Porque trabalha. Tem gente trabalhando mais. Não é muito. Ou tem que ser rico, de berço bom ou se for pobre, ter um empreguinho, “né”? Quem não tem escolaridade, assim, geralmente. Eu penso assim, “né”, não sei se é assim.

M – Não. Está certa. Isso é o que você pensa. Você acha que hoje tem qualidade de vida?

D – Como assim, qualidade de vida?

M – Você acha que a sua vida é legal? Assim, você está satisfeita com sua vida?

D – Ah! Mais ou menos.

M – Mais ou menos?

D – Mais ou menos.

M – Como é que é ter uma qualidade de vida pra você, ter uma vida legal?

D – Ah! Pra mim? Ter uma vida legal, trabalhar.

M – Hoje?

D – Hoje.

M – Hoje aos 17 anos?

D – Trabalhar, ter condições pra você ter um lar, um bom lar, ter condições pra você colocar as crianças na escola. Como eu, que tem um filho. Ter condições de colocar meu filho em uma escolinha. E meu filho tem só 2 anos! “Mais” tem criança que já está bem mais avançada. Tem criança que só tem 2 anos e já está entrando em um cursinho de computação, já está aprendendo a montar as palavrinhas com brinquedinhos, “né”? Que tem uns brinquedinhos. Tem criança que já está assim.

M – Seu filho está na creche ou não?

D – Não. Meu filho não está em nada. Nem na creche.

M – Está com a sua mãe?

D – Está com a minha mãe.

M – Sua mãe que cuida?  
D – Minha mãe que cuida dele. Eu acho que, sei lá... Pra ter uma qualidade boa de vida, acho que é isso.  
M – Só? Trabalhar?  
D – Trabalhar.  
M – O que mais?  
D – Ah, ser feliz.  
M – O que é ser feliz? Pra uma menina de 17 anos, mãe?  
D – Mãe?  
M – Não. Não só a mãe. A D..... de 17 anos?  
D – Poder levar meu filho num parquinho de diversão e ele brincar muito.  
M – É?  
D – Sair... Ai, meu Deus!  
M – Você gosta do quê?  
D – De música.  
M – E de sair?  
D – De sair?  
M – Sair pra onde?  
D – Ah, eu gosto de sair. Geralmente eu gosto de sair pra salão. Passar o final de semana na praia ... Ai, meu Deus! Não faço nada disso ... Não faço nada disso!. Passar o final de semana na praia, dançar muito. Até os pés “ficar tudo estourado” ... Ai, meu Deus!  
M – Você gosta de dançar o quê?  
D – Tudo!  
M – Tudo?  
D – Por isso que eu quero fazer faculdade de música. Menos ... Não gosto muito assim, de forró ... E música sertaneja. Gosto de psicodélico, “black”. Ai, amo “black”! amo dançar charge, samba ... Muito samba ... “Forregae regae” ... Rap. Eu amo música! “Techno” ... Adoro! Só música sertaneja que eu não gosto muito.  
M – Além da música, de sair, ir para praia, você curte outras coisas ou não?  
D – Para me deixar feliz?  
M – Isso.  
D – Eu bebo.  
M – Bebe?  
D – Bebo. Para me deixar feliz. Eu fico mais alegre. Eu fumo cigarro ... Me deixa feliz também. Eu sei que mata, mas me deixa feliz. Parece que eu tenho que respirar, meu Deus, aquela fumacinha, sabe? Eu amo cigarro, me deixa feliz quando eu fumo cigarro. De vez em quando, que eu fumo um baseado ... Não sei se posso falar, “né”?  
M – Fique à vontade. Fale o que quiser.  
D – Eu fumo um baseado.  
M - E o namorado?  
D – Namorado?  
M – Você tem, hoje?  
D – Não, não tenho namorado, eu que procuro, mas não tenho ainda.  
M – Com essa “carinha” linda?  
D – Não tenho namorado.  
M – Você se relaciona melhor com a sua família? Com quem?

D – Com a minha irmã.

M – Com a sua irmã mais velha?

D – Não, mais nova que eu. Eu sou a mais velha das mulheres. Das mulheres eu sou a mais velha. A minha irmã, “vichê”, eu sou completamente louca por ela! Nossa! Eu amo minha irmã!

M – Por que você se relaciona melhor com ela?

D – Ah! Não sei. Acho que é porque eu conto tudo pra ela, sabe? Tudo o que eu faço eu conto pra ela. Ela que me fala ... Ela sabe meu lado. Se eu fizer errado ou certo ela vai ficar do meu lado. Eu sei que ela sabe o meu lado. Se eu estiver errada ou certa. Ela gosta de mim. Ai, Eu adoro ela! Nossa! Ela é tudo pra mim! Ela e o meu filho. Minha mãe também!

M – E a sua mãe como é que está?

D – Ah! Com a minha mãe é um pouquinho mais difícil a nossa relação. Porque eu acho que eu sou muito igual a ela quando era ela na adolescência dela. Acho que eu faço as mesmas coisas que ela fez na adolescência dela também. Eu acho que ela, sabe lá ... Eu acho que ... Sabe? Ela não encara. Eu também não. “Nóis” não se dá bem”, muito ... Assim ... Mas, agora a gente “tá” se dando bem.

M – É?

D – Agora sim. Agora, eu converso com ela, sabe? Parece que ela é minha amiga. Tudo com ela. Antigamente eu tinha vergonha. Eu nunca tinha fumado na frente da minha mãe. Eu só fumei na frente da minha mãe, a primeira vez, foi quando eu estava presa lá dentro e ela foi me visitar. Foi à primeira vez que eu fumei na frente da minha mãe. Eu nunca fiz isso na frente dela. Eu não bebia na frente dela. Eu achava, sei lá, não conseguia, sabe? Eu não era aberta assim com ela.

M – Agora você está se abrindo?

D – Agora?! Agora, “vichê”! Eu falo tudo o que eu faço. Tudo o que eu faço. Se é errado ... Certo ... Tudo eu falo pra ela. Tudo.

M – Sua mãe trabalha?

D – Não, não trabalha.

M – Você tem amigos?

D – Ah! Muitos.

M – Quem que você acha que é seu amigo, de verdade? Quem você considera assim “esse é meu amigo!”

D – Alguém que eu considero meu amigo? Ah, minha irmã! Ela é minha amiga. O resto? Ninguém é amigo de verdade. Ninguém é amigo de ninguém nesse mundo. Ninguém.

M – O que é amigo pra você?

D – Amigo é você “tá” ali com a gente. Quando você mais precisa. Você, “que nem” eu falei que a minha irmã é comigo.

M – Nesse momento que você está passando, você tem algum amigo que está junto com você?

D – Junto? Como assim?

M – Que está te apoiando.

D – Que “tá” me apoiando?

M – O que eu estou falando. Quem era antes seu amigo e agora está junto de você?

D – Tenho.

M – Tem?

D – O meu irmão Hector. A gente não é irmão de sangue, mas a gente fala que a gente é irmão, Hector ... Geni.

M – É?

D – Também, “nossa!” me dá a maior força ele. Nossa!

M – Então, você tem amigos?

D – Os dois. Ah! Os dois, “vai”, que eu considero.

M – Então, não é só sua irmã. Você tem outros amigos?

D – Nossa! Eles são, “viche”, lado a lado comigo, me dão “mó” força.

M – E lá na casa você tem algum amigo?

D – Não ... Ah! Tem uma, a Cindy. Só que ela é amiga assim, na “nossa”, né. Eu conto os barato que eu faço pra ela ... Nem tudo. Algumas “coisa” eu escondo, outras coisas eu minto. Mas eu “tô” ligada que ela faz a mesma coisa. Algumas “coisa” ela esconde de mim, entendeu? Ela não é amiga daqui de fora. É amiga de lá de dentro mesmo. Porque quando saí pro mundão, ela mora lá no Capão Redondo, eu moro aqui em Itaquera, entendeu? “Nóis não vai se trombá”, apesar que eu também moro no Capão Redondo. Eu moro nos dois, na Sul e na Leste.

M – E aqui na escola você tem amigos?

D – Nossa! Bastante.

M – Alguém que você se identifica?

D – Tem mais. Ele não costuma, muito, vir pra escola não. O. Chuck.

M – É?

D – É. O Rodrigo.

M – Ele falta muito?

D – É.

M – E por que você se identifica com ele?

D – Ah! Sei lá. Acho que ele é do jeito que eu sou.

M – É?

D – É. “Nóis” se identifica. “Nois troca mó” idéia. Ele é “mó” firmeza.

M – E o que você acha de maior firmeza nele?

D – Ah! Ele troca uma idéia comigo. Ele me apóia. Ele ... Tem vez que eu chego aqui na porta, que eu falo: Ai, hoje eu não quero entrar na escola. Hoje eu quero dar um “rolê”. Daí ele “falô”: Não, não vai entrar! Vai entrar, sim . Porque ele sabe que eu sou da Semi. Ele fala assim: Vai “entrá”, sim. E você tem que “entrá” pra você não “ficá” agitada. Você tem que estudar... Que não sei o quê. E ele não entra, né? Ele não entra na escola.

M – Mas te coloca para dentro?

D – Me põe pra dentro. “Viche”, ele me põe pra dentro ... Tem dia que eu não quero nem entrar na escola! Hoje mesmo foi um dia. Ele me colocou pra dentro. Ele falou: Vamos, você vai entrar.

M – E ele entrou?

D – Entrou só até ali e saiu de novo.

M – Mas você falou que espera o dia inteiro pra vir pra escola e quando você chega na porta ...

D – É. Ah, não. Têm vezes que eu quero entrar.

M – É?



D – Têm vezes que eu quero entrar. Tem vez que, sabe? Que eu falo: Ai, meu Deus, eu quero ficar olhando aqui um pouquinho. Quero ficar aqui um pouquinho. Quero ficar aqui fora. Daqui a pouco eu entro. Daí, ele que me põe pra dentro.

M – Por que lá fora é melhor?

D – Ah! Não sei qual dos dois é melhor.

M – Não entendi?

D – Não sei qual dos dois é melhor. Aqui dentro é muito bom, mas lá também.

M – É?

D – Eu adoro essa escola. Mas no primeiro dia eu não gostei, sabe? Eu acho que é porque eu tinha acabado de sair, aí não quis ficar assim, de jeito nenhum. Agora eu adoro. Nossa! não vejo a hora de vir pra cá. Mas chego aqui, às vezes, “né” ... Tem vez que eu não paro nem aí. Já entro, direto. Tem vez que eu paro e falo: Ai, hoje eu vou entrar ou não vou entrar? ... Ah, mas se eu não entrar? Eu fico pensando ...

M – Tem um professor ou professora que você já se identificou ou não?

D – Tem a pequenininha que eu falei pra você.

M – A Flavinha?

D – Eu adoro ela.

M – O que faz você gostar mais dela do que dos outros?

D – Ah! Porque ela me dá “mó” força também. ela sabe que eu sou da Semi. Na verdade, todo mundo sabe! E eu não falei pra ninguém!

M – O quê? Como eles sabem?

D – Não sei. Eu sei que no dia que eu entrei na escola, aí uma menina perguntou pra mim se eu era da cadeia ... Não sei o quê ... eu falei que sim.

M – Como? Sendo que aqui há um sigilo.

D – Daí eu falei assim ... Eu falei assim: Por quê? Aí ela falou assim: “Eh” ... Ah, não, porque no dia que você entrou, “eh” ... Todo mundo, saiu “mó” comentário na escola, que chegou a “mina” da cadeia.

M – Todo mundo? E você se sentiu discriminada?

D – Eu não!

M – Eles te discriminam?

D – Não! “Vichê”, troca “mó” idéia, e nem parece que eu sou da Semi. Nossa!

M – E os professores?

D – Também não!

M – Como ficaram sabendo?

D – Não. “Mais” a única professora que sabe é ela. Eu não sei se os outros sabem. Mas ela? Eu sei que ela sabe.

M – Porque aqui nesta escola vocês são todos alunos. Procuramos ser sigiloso para que todos sejam tratados igualmente. Então, não passamos isso para ninguém.

D – Eu sei que ela sabe. “Mais”, os outros, eu não sei se sabem, não.

M – É? E aí. Então como você está?

D – Normal.

M – Ninguém te discrimina?

D – Não.

M – Você falou que pulou da primeira pra terceira série. Está com alguma dificuldade? Como você está na sala?

D – Ah, eu fico um pouquinho ansiosa.

M – Ansiosa?

D – É. De vez em quando eles passam algumas coisas que eu não entendo.  
M – E aí, o que você faz quando não entende?  
D – Então, daí eu pergunto pras meninas.  
M – Para as meninas?  
D – Eu tenho vergonha de perguntar pro professor. Aí, eu pergunto pras meninas. O que é isso? ... Ah! não sei o quê ... Como que é? Como que faz? Daí eu fico prestando atenção. Assim, pra “mim” tentar aprender alguma coisa. Tem vez que eu pergunto umas “palavra” lá que eu não entendo.  
M – Mas, você pergunta, às vezes, ou não, para os professores?  
D – “Unh”! Não, eu não costumo perguntar não.  
M – Não?  
D – Eu só pergunto mesmo ... Pra quem eu pergunto, mesmo, é a professora Flavinha, que eu falei dela. “Vichê”, pra ela eu pergunto um monte de coisa. De português, de matemática.  
M – De tudo?  
D – De tudo!  
M – Você se dedica algum tempo?  
D – Pra estudar?  
M – Fora daqui.  
D – Me dedico. Eu leio bastante livro.  
M – Lê?  
D – Eu gosto de livro.  
M – A atividade que é dada aqui. Você faz alguma coisa com ela depois, ou não?  
D – Lá na casinha. Oh! Pra dizer a real mesmo, é muito difícil. “Que nem” agora. Eu tenho um trabalho pra “mim” fazer e eu vou ter que ... Eu vou ter que conversar com a senhora de lá, entendeu? Pedir pra ela me liberar prá “mim” ir numa biblioteca pesquisar. Prá “mim” procurar, porque lá não tem muito livro ... Lá não tem livro nenhum, eu acho.  
M – Aqui tem uma biblioteca também e você pode emprestar.  
D – Tem? Então, de vez em quando eu venho aí, também. Eu até “tava” pensando em fazer a carteirinha! Só que ela falou que eu ia ... Só semana que vem eu vou pode fazer. Daí, lá, eu tenho que conversar com a senhora primeiro. Pedir pra ela liberar, porque geralmente eles não “libera” porque eles “pensa” que a gente vai “dá rolê”, sabe? “Que nem” hoje. Eu fui procurar emprego. Nossa! Tinha um “monte” de lugar pra “mim” ver um emprego! Só que eu não pude, porque se eu chegasse lá muito tarde ela ia acabar falando: Não, porque você chegou tarde, não sei o quê. E aí, ia “embaçar na minha”, aí, então, eu cheguei lá e falei a real ... Senhora, eu tinha um “monte” de emprego. Daí ela falou assim: Por que você não foi ver? ... Claro que eu não fui! Primeiro que eu tava sem passe. Aí ela tinha me dado dois “passe”. Só tinha me dado dois “passe”! E dois “passe” de metrô! E depois, porque se eu chegasse aqui muito tarde ela ia falar que a senhora me mandou pro mundo. Que ela me mandou lá pra e perco a liberdade. Daí eu falei. Aí ela falou: Não bem. Não sei o quê. Porque, tipo assim, ela tem uma certa confiança em algumas meninas, porque querendo, ou não, eles passam a conhecer a gente, entendeu? Sabe? Eles “vê” “nois” no dia-a-dia da gente. Vê como “nois” age na casa. Porque lá é uma casa normal e lá eu ajo normal. Do meu jeito mesmo. Eu não vou mudar o meu jeito ... Não vou ... Não é só porque eu “to” presa! Aí, eles acabam conhecendo a gente de dentro.

E ela então ... Ela pega uma certa confiança. Ela sabe quem é quem. Aí Lea falou comigo: Não, se você “quisé” tal ... Daí ... “Que nem”, eu tenho esse trabalho pra fazer agora, e eu vou até conversar com ela. Ela vai até me liberar, porque ela “tá” pegando uma certa confiança em mim.

M – Eles encaminham vocês para trabalharem?

D – Encaminha, mas só que como eu tenho 17 anos o tipo de emprego que eles “encaminha” não “pega”. Só “pega” de 1º ano ... 1º colegial. Pra eles “acompanhá” os estudos. Porque eles pagam a faculdade também. A metade da faculdade eles pagam, entendeu? No Pão de Açúcar. Em outros “lugar” ... No metrô ... No metrô ... Qualquer tipo de metrô. Então, eles encaminham “nois” e eles têm esse problema. Eles “qué” acompanhar os estudos desde o 1º colegial pra eles pagar a faculdade. Então ele ... então pra mim é um “pico” difícil, fui eu que pedi pra ela. Falei: Oh senhora, faz um currículo pra mim e eu vou atrás, entendeu? E ela já tem uma confiança “ne” mim, que eu não sou da bagunçada nem nada. Não chego lá muito “loca”. Cumpro todas as ordens.

M – Você vai todo final de semana pra casa?

D – Vou. Só que esse final de semana não sei se eu “vou ir”. Acho que vou ficar, porque tem muita coisa pra fazer. Eu tava até pensando. É a minha primeira mancada. Eu tava até conversando com ela, pra ela me liberar esse fim de semana. Porque na sexta feira eu vim “até pra” escola. Só que não teve aula. Aí eu falei assim: vou dar um “rolê”. Só que, como tem a papeletinha, “né”? Que tem que carimbar. Daí ela colocou que não tinha aula e se eu chegasse lá no horário normal da escola ela falava: por que “tá” chegando agora? Daí eu peguei e falei: Ah! Vou voltar só na terça. Saí na sexta, nem voltei pra lá. Voltei na terça-feira que foi o dia do feriado. Daí ela nem falou nada pra mim. Daí eu fiquei trocando idéia com ela. Aí eu falei: Vai senhora ... Não sei o quê ... É a minha primeira mancada ... Ela falou: Ah! vou pensar no seu caso. Aí, acho que ela vai me liberar pra “mim” sair.

M – Mas me fala como seria a sua vida sem a escola? D – Interna?

M – Não, esquece a D..... interna. a D.....

D – Sem a escola?

M – É.

D – Ah! Acho que ... Nossa! Acho que eu não ia ser nada.

M – É?

D – Acho que ia até “tá” usando droga, se eu não estudasse. Acho que ia “tá” usando droga pior do que maconha ... la “tá” aí na pior ... Acho que ia ficar “pô” aí andando com a roupa suja, sabe? “Ficá” 3... 4 dias sem tomar banho ... “Ichê”.

M – D.....podemos voltar a conversar outro dia?

D – Sim.

## RETORNO

MA - Eu queria que você me falasse hoje um pouquinho, qual o desejo de ser aluna? Você tem algum desejo como aluna?

D - Como aluna?

MA – É, como aluna.

D - Ah! tenho.

MA - O que motiva você para vir a escola? Quais são os seus desejos de aluna?  
D - Aprender mais.  
MA - É!  
D - Ter mais conhecimento, de tudo.  
MA - De tudo!  
D - De tudo, porque na escola não ensina só lição, ensina tudo né praticamente, ensina tudo eu tenho vontade de ser aluna porque eu gosto de ta aprendendo, eu gosto de aprender.  
MA - Você gosta?  
D - Gosto.  
MA - Do que você gosta de aprender?  
D - “Unh”! de matéria assim o que eu mais gosto é geografia, história, adoro história ... história do Brasil, geografia, política, meu Deus política.  
MA - Por que?  
D - Não sei.  
MA - Por que você gosta de geografia e da política?  
D - Ah! acho que é por que fala do mundo.  
MA - É!  
D - Acho que porque fala assim da história do mundo, eu gosto de saber da história do mundo.  
MA - É!  
D - Eu adoro, nossa de política, nossa eu adoro, debate com os políticos, viche eu sou fascinada.  
MA - É! E o que você acha que aprendeu com os seus professores?  
D - O que eu aprendi? Ai! depende, com alguns eu aprendi muitas coisas não só de lição, da vida também.  
MA - Fala mais claro.  
D - Ah! com alguns eu não aprendi só lição.  
MA - Então ... O que de importante você aprendeu?  
D - O que de importante eu aprendi?  
MA - O que você aprendeu com os professores?  
D - O que eu achei que é importante?  
MA - É.  
D - Estudar.  
MA - E o que não foi importante?  
D - Dar motivos para eu estudar, motivação pra estudar, pra você continuar, pra você não parar de estudar, aprendi isso, acho que um monte de professor me deu força pra caramba pra eu não parar de estudar, porque se não eu já tinha abandonado.  
MA - Você aprendeu alguma coisa negativa com eles?  
D - Não. Ah!  
MA - Ah! o que?  
D - Nunca aprendi nada negativo com os professores não.  
MA - Não?  
D - Mesmo que eu discutisse com eles ou revidava, nunca aprendi nada negativo não, acho que todos os professores que eu tive foram bons professores.  
MA - Agora vamos ver se você lembra ... quando você foi pela primeira vez na escola? Você fez a pré- escola ou a primeira série?

D - Na pré- escola.

MA - Você lembra do primeiro dia?

D - Não.

MA - Não!

D - Não lembro.

MA - Agora, então ... qual foi a sua impressão do seu primeiro dia aqui nessa escola?

D - Aqui eu fiquei louca.

MA - Por que você ficou louca?

D - Eu quis "sair", a minha impressão, eu odiava essa escola no primeiro dia. Eu não quis mais voltar pra escola, falei: que eu não ia vir mais. Não queria mais voltar, no primeiro dia, aí eu falei: ah! não vou ir porque, pra aprender também.

MA - Mas o que foi essa impressão de ódio que você falou?

D - Aí eu achei que era muito barulhento, ninguém prestava atenção no professor. A professora lá falando e explicando, uma professora de inglês, que quando eu entrei aqui, eu sempre fui do 3ºM, só que eu confundi o M com N, 3ºN, que é lá em cima, aí eu fui pra lá, aí lá tinha uma professora de inglês explicando a matéria, e todo mundo falando sabe, como se ela tivesse falando sozinha, todo mundo conversando e ela lá explicando lá na frente e ninguém prestando atenção, a única que tava prestando atenção era eu, eu também nem tava prestando atenção na verdade, eu tava olhando pra ela explicando ... mais tava pensando em outra coisa, mas ela era a única que tava lá falando, eu era a única que tava lá olhando pra ela.

MA - No final você sentiu o que?

D - Ah! sabe eu não me senti bem, falta de interesse, né?

MA - É! Dos outros ou de você?

D - Dos alunos.

MA - Você achou?

D - É não quer aprender

MA - Esse foi o seu primeiro impacto?

D - Falei: aí meu Deus! aqui ninguém me deixa fazer lição, aqui ninguém deve, os professores deve falar e ninguém deve nem dar ouvido, nem fazer prova nem nada, não deve nem ter prova nessa escola, foi isso que eu pensei a primeira vez.

MA - Você teve alguma afinidade com alguma coisa aqui ou não? Você gostou assim, de alguma coisa ou achou tudo negativo?

D - Não, não eu gostei daqui.

MA - E hoje o que você gosta?

D - Eu gostei de tudo dos alunos também, me trataram super bem, né eu era aluna nova e logo no final do ano, dos alunos, dos professores.

MA - Mas você falou que ficou louca e quis ir embora ...

D - Não, no primeiro dia, no primeiro dia foi, mas depois no segundo, no segundo dia eu já comecei a conversar com mais gente, já vieram me perguntar, e eu já conhecia um menino daqui que tinha estudado com ele lá no Brigadeiro, lá em Itaquera. Aí ele já começou a me apresentar pra todo mundo, no começo no primeiro dia eu não quis dar nem meu papelzinho aqui que da matrícula. Eu nem dei só no segundo dia que eu dei o papelzinho da minha matrícula. Eu nem dei no primeiro dia aí depois no segundo dia eu já gostei de tudo. Não ... mas no primeiro dia uma coisa que eu gostei aqui tirando a sala de aula foi o Anfiteatro, que tava tendo, tava tendo trabalho

que tava sendo apresentado, eu amei, eu amei, amei, amei.

MA - E o que estava sendo apresentado?

D - Na, no primeiro dia que eu cheguei aqui tava sendo apresentado trabalho de, era de música né, o trabalho que tava tendo era de techno, musica technica, nossa eu amei, eu amo musica technica, amei o trabalho e também outra coisa que eu gostei é que teve futebol, né. Na escola a noite, geralmente nem tem, futebol feminino, masculino também, geralmente não é todas escolas que tem futebol feminino não que tem faz campeonato, eu gostei também.

MA - E você sentiu assim alguma resistência de alguém, alguma dificuldade?

D - Não.

MA - Não!

D - Não. Pelo que eu vi assim não, aparentemente não.

MA - Facilidade? Você achou mais fácil aqui em relação à outra escola que você estava?

D - Achei, a biblioteca.

MA - É!

D - Bem mais fácil de você achar livro.

MA - É!

D - Orra! bem mais fácil, e eu amo lê, né. Adoro livro, bem mais fácil.

MA - Como que você se considera como aluna D.....?

D - Ah! eu me considero uma péssima aluna.

MA - Por que? Tão inteligente!

D - Não eu me considero boa aluna sabe, mas eu me considero boa aluna só do começo do ano ate o comecinho do 4º Bimestre, 2º Semestre, depois quando chega no final do ano, bem no finalzinho parece que da um desanimado, até no final do ano é o que tem mais né, que tem bastante prova, mas quando chega no final do ano eu desisto sabe, parece que da uma desmotivação, não quero vir pra escola.

MA - E hoje como você se sente aluna? Que nota que você daria para você?

D - Pra mim! 7 e meio.

MA - É!

D - 7 e meio, eu daria.

MA - Como explica esse sete e meio?

D - 7 e meio porque ... ah! eu gosto de estudar, eu presto atenção, eu tenho força de vontade, que quando eu pego pra fazer mesmo, quando eu pego pra estudar, eu vou viche, eu mergulho, mergulho nos estudos, meus trabalhos saem super bons, eu mesmo acho bom. Tem gente que até me acha convencida, mais tem uns trabalho que eu faço, redação meu Deus, tem umas redação que eu faço que quebra, é nota mil quando é redação, umas que eu faço, agora os outros 2 e meio, que faltou que é negativo, fica por causa disso, porque quando chega no final do ano eu nem quero mais saber de nada.

MA - Me explica uma coisa, você acha que alguém te influencia sobre a escola?

D - Como assim? Negativo ou positivo?

MA - Tanto faz.

D - Os dois.

MA - Os dois.

D - Sempre tem uma influencia negativa e positiva. Positiva a influência acho que tem de todo mundo, dos alunos que estejam entrando, dos professores que falam:

vamos entrar pra escola, vamos entrar pra sala de aula; da família também que fala: vai estudar pra você ser alguém na vida; até de mim mesma também, uma influência positiva assim na escola. Agora negativa, também o pessoalzinho que fica lá o lado de fora, que não entra na escola, fica lá bebendo, aí chama, vem tomar uma, você entra na segunda aula, essa é a influência negativa.

MA - Você acha que são dos amigos?

D - Ah! eu acho.

MA - Dos amigos?

D - “Unh”! rum...

MA - E o que você acha quando fala: uma hora estou péssima e outra hora que estou bem ... Então ... o que é ser uma boa aluna?

D - O que é ser uma boa aluna? Ah! vir todo dia pra escola, e estudar mesmo, tirar assim uma nota dez, estudar, vir pra escola todo dia e estudar.

MA - É! E então o aluno tem a função de fazer o que?

D - Ah, eu acho que estudar mesmo.

MA - É!

D - Só de estudar.

MA - Estudar?

D - É.

MA - E como é que está sendo a sua vida hoje como aluna?

D - Hoje como aluna? Mais ou menos.

MA - Mais ou menos! Será por essa coisa de querer da “rolê”? No ultimo ano ...

D - Ai! ai no último ano, nem me fala.

MA - É! D.....!

D - No ultimo ano.

MA - Como é que você esta agindo como aluna?

D - Ai! péssima.

MA - Por que?

D - Porque no começo do ano, eu até tinha, eu tenho nota boa, acho que o meu histórico ainda não veio pra cá, minhas notas é maravilhosa, tudo boa, mas acho, sabe, é por isso mesmo quando chega no final do ano, eu vou indo vou ficando uma péssima aluna, logo no ultimo ano.

MA - Mas e aí, você acha que tem condição de superar?

D - Ah! eu acho.

MA - Como?

D - Fazendo trabalho, ai, acho que eu tenho, pra mim me superar, pra mim me levantar de novo nos estudos, eu tenho que voltar a mergulhar de novo nos estudos, e, ah! só ter força da vontade eu acho.

MA - É! E você vai fazer qual opção?

D - Ah! eu acho que eu vou ter força de vontade, porque esse ano eu quero passar. O ultimo ano.

MA - Com certeza! Você acha que teve mudanças na sua vida como aluna? Como a aprendizagem por exemplo.

D - Tem.

MA - O que? Houve alguma mudança?

D - Ô, nossa, muita coisa que eu não sabia. Ah! viche eu não sabia nem acentuar as palavras, se eu tivesse que escrever uma carta, não colocava nem acento, comia as

palavras, tipo assim, eu colocava, eu ia colocar assim, que nem aprendizagem, eu so colocava o zagem, sabe eu comia, eu pensava que eu tinha escrevido aprendizagem, eu escrevia muito rápido, e já ia colocando as palavras pela metade, eu ia escrevendo muito rápido e escrevia as palavras pela metade, e hoje em dia eu não faço mais isso, hoje em dia eu já presto mais a atenção pra escrever, já presto mais a atenção.

MA - Por que mudou isso? Só por que você presta atenção? Ou acha que teve outro fato para ter essa mudança?

D - Ai! não sei.

MA - Não sabe? E você acha que teve alguma mudança que ocorreu na sua vida com o conteúdo que a escola te ensina?

D - Teve sim. Muito, não só nos estudos também não viu, até a escola mesmo me ensinou a ter um conteúdo mais de cabeça também.

MA - É!

D - Porque a gente que, conforme vai passando a gente vai crescendo né, a gente não fica sempre mulecona né, e o que eu aprendi, fui aprendendo tudo mesmo, tudo. Ah! na verdade eu acho que tudo que eu tenho hoje tudo, tudo, acho que foi a escola mesmo que me ensinou, porque minha mãe, não tinha como ela me da conselho, nem falar nada porque ela trabalhava, eu também não parava em casa, também quase nunca morei com ela né, então?

MA - Você morou com quem?

D - Teve uma época que eu morei na minha avó. E eu não ficava na casa dela, eu ficava na casa dela 6 meses, saia, e ia pra casa de outra pessoa, "vichê" eu já morei na casa de amiga, de tia, de vó, já morei até na rua.

MA - É! Por que?

D - E mesmo eu tando na rua eu ia pra escola, "enh"?

MA - Que bom!

D - Eu estudava lá no Caetano de Campos.

MA - Legal, e ai? Mas o que fazia você querer mudar de um lugar para o outro?

D - Ah! sei lá, acho que eu queria ser livre mesmo na verdade.

MA - É!

D - É, só queria fazer zoeira, só queria.

MA - E você acha que é livre?

D - Não.

MA - Não! D..... por que?

D - Não me acho livre, ainda, mais eu vou ser livre um dia.

MA - E você acha que está o seu grau de autonomia, liberdade pra escolher, aqui dentro da escola?

DA - Acho que tenho.

MA - E na sua vida como aluna você fala: isso eu quero aprender, isso eu não quero?

D - Tenho.

MA - Tem! Como é que você faz isso?

D - Eu determino, se eu falar que não, eu não vou aprender e pronto, se eu falar que eu quero aprender, eu vou aprender.

MA - Mas o que te faz escolher essa opção? Isso eu quero, isso eu não quero.

D - Eu escolho o que eu acho que é melhor pra mim.



MA - E o que é melhor pra você?

D - Ah! o certo né.

MA - Que certo?

D - Mesmo que é mais difícil, né.

MA - O que você acha que é o certo?

D - Ah! segui os estudos.

MA - Sim! Mas eu estou falando assim: de repente o professor está ali dando uma matéria ... e essa matéria eu digo: ah! essa eu quero ou não quero aprender. Você faz essa opção?

D - Acho que não.

MA - Nunca fez? Você aprende tudo que o professor explica?

D - Não matemática.

MA - É! Ai você fala isso eu não quero aprender?

D - Ai eu falo eu não quero aprender.

MA - Por que?

D - Nem quero saber de matemática.

MA - Por que?

D - Ai! É muito chato matemática, nossa matemática e física, química meu Deus!

MA - O que você acha chato?

D - É que eu não entendo sabe, não entra na minha cabeça. Não matemática ainda algumas coisas ainda passa ainda, agora física e química não entra na minha cabeça. Não entra daí eu fico sem paciência porque eu não to aprendendo, e toda hora eu fico me explica de novo, me explica de novo, e uma hora enche o saco, né?

MA - Mas por que você acha que não entra na sua cabeça?

D - Não sei. Não entra, eu não consigo entender sabe, às vezes eu falo, finjo que entendi, mas eu não entendi nada, eu falo, eu peço a explicação, uma, duas, três vezes, aí eu não entendi eu falo ta bom já entendi, já entendi.

MA - Mas não entendeu?

D - Mas eu não entendi nada e nem quero entender.

MA - Mas por que você acha que você não entende?

D - Ah! Não sei.

MA - Não sabe? E aquilo que você fala: isso eu quero aprender?

D - Eu tenho que gostar pra mim querer aprender.

MA - É! E o que você gosta?

D - Eu tenho que gosta. Ah! eu gosto de, tipo assim, de matéria, em relação à matéria.

MA - É!

D - Eu gosto de ... eu gosto de quase todas menos essas que eu falei que é de química, ai eu gosto, se for uma matéria assim que eu achar que eu vejo que eu vou entender, que eu vejo que ta no meu alcance, porque se eu mergulhar assim eu vou conseguir, ai eu vou e procuro entender, procuro entrar na minha cabeça, fazer entrar na minha cabeça.

MA - Mas então aquilo que você gosta é aquilo que você determina por que?

D - Ah! porque tem que ser assim.

MA - Eu sei! Mas o que estou querendo dizer é assim: eu gosto, eu gosto desse brinco porque eu acho que ele me enfeita. Como hoje você está com um brinco lindo, porque acho que você gosta. O seu cabelo esta super transado. Você se enfeitou

toda pra vir pra escola, então acho que você tem um motivo, então qual? Que motivo que te faz querer aprender determinadas coisas, de matutar e pensar?

D - Acho que à vontade de eu crescer.

MA - Crescer? E matemática você acha que não cresce?

D - Eu acho que cresce , mas o que vai me fazer crescer, uma coisa que eu gosto de fazer tem que estudar matemática.

MA - E o que é que você quer fazer?

D - Ciências da Computação.

MA - E ai como que você vai resolver?

D - E tem quer estudar matemática.

MA - E como você vai resolver isso?

D - Ai, eu vou fazer, eu vou determinar que eu vou fazer e eu vou querer aprender, e eu vou enfiar na minha cabeça de um jeito ou de outro.

MA - E como é que você vai resolver isso? Só enfiar na cabeça?

D - Vou ter que correr atrás.

MA - Como correr atrás?

D - Procurar saber mais, ler bastante livro de matemática, prestar a atenção por que eu acho assim, porque não tem coisa melhor do que você prestar atenção e perguntar, se não entendeu perguntar, porque tem gente que tem vergonha, né de perguntar. Eu não tenho vergonha não já pergunto, não entendi, explica de novo .

MA - E em relação à avaliação da escola, como é que você acha, ela avalia bem, não avalia?

D - Não! Avalia bem sim, apesar de que eu só fiz duas avaliação, hoje eu fiz uma e fiz outra logo no comecinho, mas avalia bem sim.

MA - É!

D - Eu acho que avalia bem.

MA - Você tem alguma preferência em fazer determinados trabalhos da escola?

D - Trabalho como assim?

MA - O professor deu uma aula e ele solicita alguns trabalhos, não solicita?

D - “Unh”! rum ...

MA - Que tipo de trabalho você gosta de fazer?

D - Trabalho, eu prefiro fazer trabalho de individual, e eu não gosto muito de fazer trabalho em grupo porque não da muito certo, sabe, depende do trabalho também. Tem alguns trabalhos que é até legal e até melhor você fazer em grupo, mais, tem certos trabalhos que eu não gosto de fazer em grupo eu prefiro fazer individual porque eu gosto assim de fazer trabalho, eu gosto de procurar de pesquisar. Ah! do que eu mais gosto é de História.

MA - História!

D - E Política é o que eu mais gosto o que eu mais amo.

MA - E por que você prefere fazer trabalho individual? Prefere fazer sozinha?

D - Não porque eu acho que eu trabalho melhor a minha mente e eu pensando ali se tiver, pensando sozinha, eu acho que eu trabalho melhor a minha mente, e em grupo assim eu acho que fica muito embolorado, muita gente, uma pensa uma coisa outra pensa outra ai descorada não bate pra colocar no trabalho, eu acho que não da muito certo, agora tem outros trabalhos que da pra unir tudo, o pensamento de um, de outros, sabe, tem uns que não dá, que eu prefiro fazer individual.

MA - E o relacionamento hoje com os alunos como é que está? Você acha

importante você se relacionar com os alunos?

D - Eu acho bom você se relacionar com os alunos porque influencia, né. Se você não se da bem na escola, você não se da bem com os alunos você não vai querer mais vir pra escola. Agora se você se da bem com os alunos, já fala com todo mundo, acho que também te motiva a vir pra escola não só pra estudar prá ver as pessoas, acho que influencia sim.

MA - E ai como é que está esse grau de relação?

D - Tá bom!

MA - Tá bom? Com a sua sala, está legal? E com os professores?

D - Também.

MA - Qual o professor você acha que você se relaciona melhor?

D - O que eu me relaciono melhor é a professora Flavinha.

MA - E com os funcionários?

D - Tudo bem! Adoro todos.

MA - É! Por que você adora todos?

D - Porque eu gosto.

MA - É!

D - Só não gosto de uma aqui.

MA - Mas o que te faz gostar deles?

D - Ah! eles me trata bem, eu gosto deles, eles me trata bem.

MA - Você já viveu algum momento de desânimo com a escola?

D - Já.

MA - Já! Então me fala desse momento de desânimo.

D - Ah! foi no dia que eu queria ir embora.

MA - É!

D - E não podia me liberar ... ai, eu queria ir embora, queria porque queria ir embora, eu não queria ficar aqui.

MA - Por que você queria ir embora? Que desânimo foi este?

D - Eu tava louca.

MA - Louca? Mas o que é “essa louca” que você está falando?

D - Eu tava louca, tava muito nervosa, e foi no primeiro dia de aula que eu não quis ficar, eu ate fiquei, eu fiquei ate a ultima aula, quando foi na ultima aula eu não agüentei mais ficar lá, eu já tava lá ficando louca na sala de aula. Primeiro eu fui lá pro fundo, fiquei lá sentada tal, prestando atenção, e como eu te falei eu não entreguei o papelzinho então eu nem fiz nada, não fiz lição nem nada, fiquei lá só olhando, quando chegou na ultima aula era ate da professora Cida de história, eu não quis ficar. Falei: ah! professora eu to saindo ... sai, fui embora, ai, ai foi mó desânimo, aquele dia eu tava desanimada, eu tava péssima.

MA - Como é que você enfrentou depois desse desânimo e voltou no dia seguinte com todo esse “pique”?

D - Ah! eu enfrentei normal.

MA - Como?

D - Ah! todo mundo tem um dia de stress, né, que não quer ficar na escola, que não quer ficar em lugar nenhum.

MA - Você acha que foi só um dia de stress?

D - Foi! Só um só.

MA - Qual seu nível de satisfação hoje com essa escola?

D - Hoje? Ah, eu acho que aqui é nota dez.

MA - Não tem nada que você acha que precisa melhorar?

D - O que precisa melhorar aqui? Não, não sei de manhã e à tarde, à noite assim eu acho que não, porque eu acho que tá bom, o ensino é bom, os funcionários são bons também, trata a gente bem, os alunos também, eu vejo assim, da minha parte assim, os alunos daqui não ficam arrumando confusão, sabe, eu acho que é bom sim.

MA - E se você tivesse que optar, pois não foi você que escolheu ... você escolheria essa escola para estudar?

D - Não porque, eu não, eu não conhecia aqui.

MA - Mas agora você já conhece ... saindo lá da casa ... estando livre, você escolheria essa escola?

D - Continuaria estudando aqui.

MA - Seria sua opção?

D - Minha opção.

MA - Então, o que te mantém aqui?

D - Aqui? Eu gosto daqui.

MA - O que você gosta daqui?

D - Ah! de tudo, eu gosto de tudo daqui.

MA - "Tá" legal!

D - Tem gente que fala que a primeira impressão é a que fica "né" mas não é não. Que a primeira impressão que ficou ne mim é, eu não gostei daqui, mais depois quando eu comecei a conhecer assim eu gostei, amei aqui. E eu falo pra meninas ate de lá a minha escola é a melhor de todas vocês porque não pode estudar todas juntas, tem que estudar em escola diferente e eu falo que a minha escola é a melhor lá, vivo falando a minha escola é a melhor, não vejo a hora de vir pra escola.

MA - Com o decorrer desse 1 mês você acha que você se aproximou mais da escola?

D - Acho que sim.

MA - Sim? Dos professores?

D - Conheci mais os professores também.

MA - E dos alunos se aproximou?

D - Muito!

MA - Agora eu quero saber da D..... o seguinte: como é que vai ser chegando dia 22 de Dezembro? Terminando o Ensino Médio? O que você vai sentir?

D - Ai! eu acho que eu vou ficar muito feliz, nossa nem me fala quando eu terminar. Ai, não sei, acho que eu vou sentir uma felicidade imensa, acho que eu não vou acreditar que eu terminei, eu vou falar, meu Deus eu não acredito!

MA - Por que?

D - Porque sei lá eu acho que é uma vitória você conseguir estudar, porque tem gente que não consegue.

MA - E para você vai ser uma vitória?

D - Pra mim vai.

MA - Vai? E você pretende fazer o que depois disso? Terminou, ficou feliz e ai?

D - Eu quero continuar estudando.

MA - É!

D - É. Eu vou ter terminado ai eu não vou poder estudar mais aqui mas eu quero fazer um cursinho, é, no Educafro, você já ouviu falar?

MA - Já.

D - Então quero fazer um cursinho lá, quero ficar lá mais ou menos uns dois anos, antes de eu entrar pra faculdade, ai eu quero fazer, quero continuar.

MA - E a Faculdade?

D - Eu quero fazer duas faculdades de Musica e de Ciências da Computação. Mas, primeiro eu quero fazer de Ciências da Computação que é o que eu mais gosto daí eu quero me formar em pós- doutorado, mestrado, doutorado e pós- doutorado, quero fazer depois a faculdade de música.

MA - Você vai querer estudar a vida inteira?

D - A vida inteira.

MA - Legal!

## RETORNO

MA – Voltando ... tem algum aspecto da aprendizagem na escola que é legal para você?

D - Uma forma de ensinar?

MA – O que você já aprendeu na escola que você acha interessante, se você consegue dar algum exemplo de aprendizagem.

D - A acho que eu não sei explicar

MA – Você aprendeu algo para a sua vida?

D - Aprendi muita coisa.

MA - E o que você aprendeu que você acha que é um exemplo para sua vida?

D - Um exemplo para minha vida ... na escola?

MA – É.

D - Eu acho que me ensinou a beber, eu aprendi muita coisa errada na escola.

MA - Me explica isto.

D - No Ruth, você conhece o Ruth?

MA - O Ruth Cabral?

D - Isso.

MA - Descobriu o que?

D - Lá que a menina morreu dentro do banheiro.

MA - Como?

D - Não tem como, mulher, já mataram menina grávida lá dentro, morreu a mulher e a criança ...

MA - Você viu ou só ouviu falar?

D - Não eu vi.

MA – É! E como foi essa experiência me conta?

D - Foi um pouco ruim “né” apesar que tipo na época eu já era um pouco envolvida mais, é ruim é triste você ver uma coisa que nem essa acontecendo dentro da escola, mais acho que hoje em dia já está melhor.

MA - Porque você acha que aconteceu isso?

D - Acho que não tinha muita regra, “né”, o “nego” entrava usava droga dentro da escola fazia acontecer, levava faca dentro da escola, para assustar os outros.

MA - E foi assim que ela morreu?

D - Foi.

MA - Ela estava envolvida com drogas isso?

D – “Tava”, “tava” devendo por drogas, trafico dentro da escola entendeu? ... e eu acho que para mim foi uma lição ver aquilo ali, não eu vi que aquilo ali é ruim para mim, já pensou se acontece uma coisa dessas comigo, eu fiquei pensando.

MA – É! E ai?

D - Devendo droga ela tava a menina, acho que pra mim foi uma lição.

MA- Você fez o que com essa lição para a sua vida?

D - Eu guardei, e hoje em dia assim ... é que nem eu já trafiquei né, traficar dentro da escola jamais e muito menos pegar droga de alguém que trafica porque eles não querem saber da pessoa, se tiver devendo eles vão la e matam, para eles é mais fácil, eu aprendi, apesar de ser um pouco ruim outro caminho, eu aprendi uma lição.

MA - E você acha que o que aprendeu, outras coisas você aplica na vida?

D - Aplico.

MA - O que você acha que você aplica na sua vida?

D - Tudo que eu aprendi na escola eu acho que aplico na minha vida, até as coisas erradas.

MA - Então me fala o que você aprendeu de errado?

D- Na escola de errado?

MA – É.

D - Usar drogas, a primeira vez que eu usei drogas foi na escola, na porta da escola, a primeira vez que fumei maconha, foi na porta da escola do Brigadeiro, do Brigadeiro Aroldo Veloso, foi lá.

MA - Você aprendeu com os amigos?

D - É, de dentro da escola.

MA - O que você guarda de ruim da escola?

D - De ruim, eu era muito encrenqueira também hoje em dia não sou mais sabe, nem quero saber de confusão Deus me livre dessas coisas para o meu lado, mais eu era muito encrenqueira eu arrumava não queria nem saber se era grande ou pequeno eu queria bater, tudo de ruim sabe eu aprendi na escola

MA - E você acha isso ruim?

D - Eu acho.

MA - E com os professores você já aprendeu alguma coisa?

D - De ruim não. Coisa de ruima não. Acontece que algumas coisas eles falaram para meu bem e eu achei ruim, mais de ruim eu acho que nunca aprendi nada com um professor não.

MA – Não.

D - Eu acho não, tenho certeza ainda mais professor vai ensinar alguma coisa de errado para aluno né.

MA - Você acha?

D - Eu acho, tenho certeza

MA – Por que?

D -Não sei, eu acho que eles estão aqui para ensinar “nós”, não só matéria lição, um pouco de tudo eles ensinam pra nós também, eles ensinam lição de vida também, tem vários professores que me dão lição de vida. Viche um professor uma vez, o professor Paulo, ele me deu uma lição de vida, ele começou contar uma história da vida dele, mas ele não falou que era ele, ele começou conta tal o que que ele fez, que ele é um profesor de Educação Física, como que ele chegou a isso. Contou tudo que ele vendia bala na rua, já ofereceram varias vezes pra ele vender droga, tal, ele

sofria discriminação racial, que ele é negro mesmo sabe, sofria discriminação racial, não consegui trampo de jeito nenhum, nunca tinha trabalhado só tinha vendido bala no farol, sabe? Ele começou contar assim né, eu achei que aquilo era uma lição de vida pra mim, e ele falou pra mim e ele falou eu nunca apreciei fazer nada disso, e ele é um professor de lá de dentro, ele dava aula dentro da Febem, e ele, e eu tava na informática né, no curso de informática, e ele contando pra nós, toda vez que a gente ia mexer no computador ele dava uma lição pra gente sabe? De vida assim, e ele falou pra nós, e eu achei, nossa aquilo ali pra mim foi maravilhoso, aprendi muita coisa com muitos profesoress, aprendia gostar de ler, eu não gostava de ler, eu não suportava ler, eu odiava, eu só gostava de ler gibis, aí depois eu comecei, o primeiro livro que eu li foi um livro de romance, Machado de Assis, Helena, meu amei esse livro, me apoixonei, eu queria comer o livro, eu lia o livro e ficava aí que delícia, aí que gostoso, aí meu Deus eu quero continuar lendo, sabe? Não queria mais parar de ler o livro, depois eu comecei ler, e li um monte de livro, sabe? Lia um monte de livro, sabe o que que eu fiz? Eu ia nas bibliotecas e lia, lia, lia, eu gostava tanto do livro que quando eu acabava de ler eu ia arrancava a página que eu mais tinha gostado e levava embora.

MA - E aí?

D - Eu tinha gostado do livro, tem várias páginas de livro aqui na minha agenda.

MA - É.

D - Que eu catei.

MA - E aí, quando o outro vai lá ler?

D - Hoje em dia eu não faço mais isso, mas antes quando eu tinha começado assim no começo a ler, nossa a página que eu gostava eu levava embora.

MA - Por que hoje em dia você não faz mais isso?

D - Ah! porque tem outras pessoas que quer ler também né, principalmente biblioteca e se for um livro assim eu prefiro comprar um pra mim de deixar lá guardado e quando quiser ler aquela página eu vou e leio ela quantas vezes eu quiser, agora de biblioteca assim é meio ruim né, porque tem outras pessoas que as vezes vai gostar e você vai lá e tá faltando uma página, aí fica sem entender nada né, fica sem entender por causa de uma página.

MA - Com certeza.

D - E eu aprendi muitas coisas, assim, como lição de vida, na escola e de ruim e bom.

MA - E de aprendizagem e conteúdo que você estava falando, você acha que esse conteúdo que você aprende na escola, hoje, você usa na sua vida?

D - Ah! eu acho que, aí eu não sei, nessa parte assim eu não sei te dizer.

MA - É!

D - Acho que algumas coisas sim, e agora outras acho que não.

MA - O que por exemplo?

D - Ah! escrever, escrever eu uso na minha vida eu aprendi na escola, escrever, ler, tudo essas coisas assim.

MA - Você outro dia estava falando que você ficaria muito feliz, você vai ficar muito feliz quando você terminar? O que pretende fazer além da faculdade?

D - Além de estudar na faculdade?

MA - Isso. Tem alguma coisa a mais?

D - Trabalhar.

MA - Trabalhar?

D - É.

MA - Mas você vê alguma relação da escola com trabalho?

D – Ah! eu acho um pouco cansativo né, porque trabalho e escola assim é cansativo, ter que levantar 6 hs da manhã, 6 não mais cedo, levantar 5, 4 hs da manhã pra ir trabalhar e depois ir e estudar a noite, mas mesmo que seja cansativo, eu sou jovem ainda, tenho bastante força, e eu vou trabalhar e estudar.

MA - Você acha que o trabalho tem que estar relacionado com a escola?

D - Acho.

MA - Acha? Como?

D - Tipo assim, relacionada tipo assim de acordo com o que você está aprendendo e trabalhar, eu acho, porque se você não fizer uma coisa assim com um trabalho que você já entende, lógico que você não vai muito bem no trabalho, que nem você trabalha de vendedora e fica o dia inteiro lá vendendo né porque mexe com bastante conta e tudo isso ajuda sim sabe? É que nem eu quando eu vou trabalhar assim eu procuro bastante serviço, mas se um dia fosse pra mim trabalhar mesmo e ficar lá no meu serviço bastante, eu queria trabalhar na area de computador.

MA - O que você quer?

D - Que é o que eu quero. É o que eu quero fazer e é o que eu quero estudar.

MA - E você acha que o Ensino Médio está te ajudando a ir pra frente ... para fazer computação?

D - Eu acho.

MA - Por que?

D – Ah! porque.

MA - Qual referência que está te dando pra você entrar na universidade?

D – Ai, só o fato de eu saber que eu “tô” no Ensino Médio, mesmo que eu estivesse no primeiro, acho que eu nunca pensei que eu ia chegar até o Ensino Médio pra falar a verdade eu achava que eu não iria passar da 7ª série.

MA - Por que?

D - Por que? E olha que eu sempre tive força de vontade sempre, até quando eu tava na rua eu estudava, sempre estudei, mas eu achava que eu não ia conseguir, porque como eu te disse, toda vez quando chegava no final do ano eu parava de ir pra escola e eu sempre repetia, por causa de falta, dois meses de falta ja repete, e eu sempre repetia porque eu faltava dois meses, não é seguido assim, entendeu, eu ia entrava um dia da semana e faltava o resto sabe? Então eu não achava que ia sair da 7ª série, mais ai quando eu cheguei no Ensino Médio, nossa isso me deu uma, nossa e eu sempre quis fazer faculdade sempre, só que quando eu era pequena eu não pensava em fazer faculdade de computação, eu pensava em fazer Cardiologia, de Médico, aí quando eu cheguei no Ensino Médio assim sabe, ai eu, eu falei, sabe, eu to no Ensino Médio primeiro.

MA - E você acha que as disciplinas te ajudam para Ciências da Computação?

D - Disciplina? As matérias?

MA - Isso.

D - Duas ajudam, e são as duas que eu não gosto. Matemática e Física.

MA - Como você vai resolver isso?

D – Ah! não sei, gostar, vou ter que aprender a gostar porque se eu gosto de computador eu vou ter que gostar de Matemática, muita matematica né.



MA – Você acha que para entrar no mundo do trabalho a escola do Ensino Médio vai te ajudar?

D - Com certeza.

MA - Como?

D - Por causa que hoje em dia assim, eles não pegam muito quem tem só Ensino Fundamental, eles, tem que ter uma boa escrita, tem que ter postura também, eles avalia tudo isso né, na entrevista pensa que não, mas ele olha tudo, como você escreve, sua leitura, se você acentua bem, tudo, tudo.

MA - Tudo?

D - Tudo. Eu acho que a Ensino Médio tem tudo a ver com trabalho.

MA - Agora vamos mudar um pouquinho de assunto... fala pra mim em termos de amizade como é que está a sua vida hoje? Me conta um pouquinho.

D - Da amizade?

MA - É.

D – Ah! eu não tenho muito amigo não, eu tenho poucos amigos, mas eu gosto deles eu gosto bastante dos amigos que eu tenho. Alguns eu gosto muito, já alguns são meio erradinho, sabe? Vai pelo lado errado assim, mas eu gosto deles, é só eu não me misturar, eu converso com eles, mas é só não entra no embalo deles e outros que não são errados eu adoro eles, nossa, me dão mó força, fala pra mim não zua, até os que errado mesmo me coloca pra dentro da escola quando eu não quero entrar.

MA – É! Mas amigo para você de fato são só essas relações que você acha que você está tendo lá fora? Quem são seus amigos?

D - Precisa falar nome?

MA - Não.

D - Eu tenho uma amiga minha que ela tem, ela, apesar dela, ela ainda ta na 6ª série ainda, e apesar de ela ser um pouco assim criança assim, sabe? Que ela é criança mesmo, ela tem 17 anos, não tem, vai fazer 17 anos agora, mas eu gosto muito dela porque ela me ajuda pra caramba, assim a tudo.

MA - Como que é essa amizade?

D - Prá mim não quebrar a medida, tal, quando eu estou sem força, quando eu não aguento mais, eu falo eu não aguento mais, vou parar com tudo, vou embora pra minha casa, ela fala não você vai ficar, ficar, porque quando eu to sem força, porque quando eu não quero mais ficar aqui você também me ajuda, e ela fala e assim a gente vai levando, porque quando eu não tiver com força, você me da força e quando você tiver sem eu te dou entendeu? Eu acho ela uma grande amiga, “iche” a gente conversa sobre tudo, tudo, “viche” ela é muito amiga mesmo.

MA – É.

D - Muito amiga.

MA - E ela está te ajudando, ela te dá força?

D - Ela me dá muita força, ainda mais nesse momento difícil, sabe, porque eu ando extremamente nervosa, e ela vem e fala, não calma, não é assim, tal.

MA – E o que te deixa nervosa?

D - Na verdade eu sou nervosa, eu to aqui conversando com você completamente nervosa.

MA - Como?

D - Eu não sei, sei lá acho porque eu tenho um distúrbio nervoso, eu já até fiz

tratamento já, fiz até em médico, fiz tratamenteo, porque eu acho que eu sou muito nervosa.

MA - E o que te deixa nervosa?

D - Não sei, eu sou nervosa.

MA – Você não acha que tem “algumas coisas” que deixam “a gente” nervosa? Tem coisas que você não gosta? Que te deixa nervosa?

D - Não tudo, se eu não me sentir bem eu fico nervosa.

MA – Então, você não se sente bem com o que?

D - O que que eu não me sinto bem? Um monte de coisas, ficar com vergonha, ficar timida,sabe? Isso me deixa nervosa, eu oseio ficar nervosa, mas eu sou nervosa, eu percebi que eu sou, eu não tenho paciencia pra nada, pra esperar pra nada.

MA - Não tem paciência?

D - Prá nada.

MA - Você acha que já passou por uma grande humilhação na sua vida?

D - Já, da minha mãe, ainda.

MA – É! E você, consegue me relatar?

D - Minha mãe, uma vez, quando, meu filho tava novinho ainda, com 4 meses, eu morava na casa dela, e eu fazia curso, curso de informática, telemarketing, um monte de cursos, era trita cursos, só que num só, entendeu? E eu tava, eu não tinha nada sabe? E eu não queria mais voltar pra vida do crime porque meu filho tinha acabado de nascer, e eu falei assim, ah! eu não vou me separar do meu filho, porque eu ja tava ciente né, se eu voltasse uma hora eu seria presa, ai eu falei nao vou voltar pra vida do crime porque meu filho acabou de nascer, e nesse curso, eles pagavam uma bolsa de 60 reais, e esses 60 reais, eu gastava tudo com o Gabriel, meu filho sabe, comprava tudo as coisas pra ele, teve uma vez que eu comprei um monte de coisa pra ele, um monte de lata de leite ninho, e nisso a minha mãe ela tava com depressão, que ela sofre de depressão, e a depressão dela tava atacada, tava depressiva, ela não falava com nós nem nada, até ai tudo bem. Aí ela começou a tirar as coisas de dentro de casa, tudo, ela começou a tirar tudo de dentro de casa, até que ela tirou tudo e levou tudo lá pra dentro, pra dentro do quarto dela, ela fez do quarto dela a casa dela, entendeu? Levou tudo, gás, fogão, tudo, não tinha nada e eu fiquei mó preocupada, eu falei meu Deus como é que eu vou fazer a coisa agora pro Gabriel? Aí eu peguei e comprei alcool, e coloquei uma tabuinha assim, coloquei o negocio do fogão, catei um negocio que tinha assim de latinha e comecei fazer a mamadeira dele só ali, e isso acho que a minha mãe sabe, não se contentou, sabe, ter tirado tudo e ter visto que mesmo assim eu tava lá, tipo, nem liguei sabe? ela pegou foi, uma vez eu fui pro curso, e levava o meu filho pro curso, e eles falavam que eu podia levar o meu filho pro curso e eu levava ele porque não tinha com quem deixar, aí eu levei meu filhinho pró curso e minha irmão ficou durmindo em casa, e quando eu cheguei do curso, eu cheguei meio dia, foi, a mina irmã tava chorando, aí eu falei o que que foi Lu? Aí ela falou, ah vai lá ver na pia. E quando eu olhei na pia assim a lata de leite todas as latas de leite do meu filho, acho que tinha umas 10 latas de leite, tava, minha mãe abriu todas, e jogou tudo dentro da pia o leite em pó, e jogou tudo, e deixou a água aberta, catou tudo, os negocios que eu tinha comprado pra fazer pra ele, e tacou tudo no chão, pisou tudo em cima eu acho que foi a pior humilhação da minha vida, foi essa.

MA - E o que você sentiu nessa hora?

D - Nossa, eu fiquei extremamente, seu eu falar pra você o que que eu fiz, a senhora não acredita, eu amo minha mãe, mas nesse dia.

MA - O que que você fez?

D - Eu me descontrolei, eu, nossa, eu xinguei ela de tudo quanto é nome, eu xinguei ela de tudo quanto é nome, fui até embora, no mesmo dia eu fui embora da casa dela, no mesmo dia, eu só faltei ir pra cima dela, e eu briguei com meu irmão nesse dia, eu ia matar meu irmão, eu dei duas facadas nele, dei umas duas facadas nele, porque ele veio pra cima de mim falando que eu tava errada de ter xingado a minha mãe, entendeu? Só que ele nem sabia o que tinha acontecido, independente do que aconteceu eu sei que eu tava errada de ta xingando ela, só que também, ele sabe que eu tenho esse problema de nervoso, e mesmo assim ele quis vim pra cima de mim, e nessa que ele veio pra cima de mim eu quase matei ele, ele foi pro hospital, foi lá pra UTI, eu quase matei meu irmão, e eu amo ele, eu amo meu irmão, eu amo muito ele, nossa.

MA - E depois você fez o que? Foi para onde?

D - Aí, eu fui embora, aí eu fiquei na rua né, um tempinho, aí depois eu fui pra Casa das Mães, pra casa da menina mãe, fui pra lá com meu filho, porque eu tava cumprindo medida já essa época aí, aí eles pegaram e me mandaram pra lá. De L.A., me mandaram pra lá, aí nessa época aí eu fiquei muito tempo sem falar com a minha mãe, nossa, porque eu achei, eu achei, nossa, eu achei a maior humilhação da minha vida, foi esse dia, por ela ter feito isso.

MA - Mas, e hoje como compreende essa atitude?

D - Ah! eu acho que é por causa do problema dela, de depressão, porque hoje em dia, antes eu não via como depressão sabe, eu achava que ela era louca, eu falava minha mãe é louca, eu não gostava nem de falar da minha mãe, hoje em dia não, hoje em dia eu ja falo, não, minha mãe ela tem um problema entendeu? E eu tenho que ficar do lado dela, porque eu tenho tanto medo, porque eu quero sair logo, eu não vejo a hora de eu sair, porque eu tenho tanto medo de ta la dentro ainda, cumprindo essa medida, e minha mãe sofrer de depressão de novo, eu tenho medo do que ela pode fazer, e eu amo muito ela sabe?

MA - E hoje ela cuida do Gabriel?

D - Cuida, ela ama o meu filho, nossa.

MA - Ela cuida bem?

D - Acho que se eu um dia catar meu filho e for embora, acho que ela vai atrás de mim.

MA - Ela cuida legal?

D - Cuida bem dele, nossa ela faz mó.

MA - Então ela está bem hoje?

D - Hoje ela ta bem, hoje em dia, nossa, eu so mo amiga da minha mãe, sabe? Se você ve eu conversando com ela, você não acredita, porque eu falo com ela de tudo, de tudo, tudo o que eu faço, eu falo pra ela, errado, certo, eu falo pra ela, e ela me da conselho, ela é como se fosse minha amiga sabe? Falo de tudo de sexo, namorado, de tudo eu falo pra ela, de tudo.

MA - E você se relaciona com o pai do Gabriel?

D - Não, não me relaciono com o pai dele não. Tem muito tempo, aliás ele nem conhece o filho dele.

MA - Não? Não sabe que é pai?

D - Sabe, é porque, porque ele tá preso né, ele tem um monte de foto do Gabriel.

MA – É.

D - Que eu mandei pra ele, tal, é que eu nunca fui visitar ele, eu falei pra ele, eu não vou te visitar grávida, claro que não, porque u traficava né, e eu, e eu já era procurada, por caso do tráfico, aí eu ia visitar ele com documento falso? Aí eu falei não vou te visitar, vou visitar grávida, vou ser presa grávida, claro que não, vão me separar do meu filho, eu não quero me separa do meu filho, aí ele “largo de mim”.

MA – É.

D - Aí nunca mais, eu só escrevi pra ele, depois nunca mais, tem um ano e pouco que eu não falo com ele.

MA - E você traficava por ele?

D - Não, antes de eu conhecer ele, eu já era dessa vida.

MA – Ah! então não foi ele?

D - Não.

MA - Agora me conta uma coisa, você já falou um pouquinho da família ... e no momento que você está vivendo agora, você compartilha a sua vida mais com os amigos ou com a família?

D - Com a minha mãe, com a minha mãe.

MA - Com a sua mãe?

D - Com a minha mãe. Eu compartilho muito mais com ela, porque pra ela assim, eu posso ter amiga e tudo, eu posso gostar muito dela, mas sabe, mas tem algumas coisa assim, que não é pra você falar pra ela assim, sabe, eu quero falar assim pra uma pessoa que eu sei que vai me entender, e que é mais velha que eu e que já passou pela mesma coisa, e que vai poder me falar assim, não você vai ter que seguir esse caminho, então eu prefiro contar coma minha mãe.

MA - E você acha que ela está te dando uma resposta legal? Por que?

D - Ela me ajuda sabe? Minha mãe me ajuda pra caramba, a superar assim tudo essas coisas, assim quando eu falo que eu não quero mais voltar, ela fala pra mim, filha, tipo assim ela não fala pra mim, não você vai voltar, me da uma resposta você vai voltar e pronto, uma resposta de mãe severa, ela fala filha você tem que pensar bem, porque se você não voltar mais, com certeza eu não vou te colocar na rua, porque você não voltou, só que você sabe que você vai ser pega de novo, e você vai ficar mais de um ano e tres meses longe do seu filho, ela, tipo ela fala umas coisa pra mim pra tipo entrar na minha cabeça, ela não fala assim, porque se ela falasse severamente, você vai e pronto porque você vai ter que voltar, eu já ia ficar injuriada com ela, já ia mandar ela ir pra aquele lugar, e já não ia voltar mais sabe, já ia achar que ela tava querendo me manipular sabe, mandar na minha vida, mas não ela conversa comigo, nossa ela me ajuda muito, ela conversa comigo tudo, quando eu ah! mãe fiz tal coisa de errado, ela fala D....., toma cuidado, não faz isso você vai se prejudicar, entendeu, isso daí não é bom pra você, conversa comigo pra caramba.

MA - Afinal de contas o que a D..... quer hoje?

D - O que que eu quero hoje? Seguir minha vida pra frente.

MA - Me explica isso.

D - Então, eu quero seguir pra fora do crime, entendeu tem gente que quer seguir pra frente dentro do crime achando que vai te levantar, eu quero seguir minha vida pra frente e fora do crime, eu quero fazer minha vida, sai do crime, sabe, quero estudar mesmo.

MA - Mas você já saiu?

D - Já sai.

MA - De fato?

D - É, só que sempre tem, é os amigos que chama assim, você fica meio assim.

MA - E como você reage?

D - Tem vez que eu fico até meia balançada sabe? Que nem eu tava comentando que, que eu to desempregada né, minha mãe também, só mora eu, ela, meu filho e meu irmão, e ela faz mo corre pra colocar as coisas dentro de casa, eu fico lá dentro, eu fico morrendo de preocupação, porque como que ta la em casa? Será que a minha mãe ta comendo? Será que o meu filho ta comendo? O meu irmão? E ai eu tava pensando né, será que até o Natal eu já arrumei um emprego? Entendeu? Dai tipo assim, mas sempre vem, não vou falar assim pra você que não vem um negocio assim pra você voltar sabe?, sempre tem, sempre tem, e sempre vai ter, eu acho que eu posso ta na melhor vida, mas eu já fui dessa vida um dia, então sempre vai ter, sempre vou ter umas amizades que é meio torta, então eu fico pensando assim, fica passando na minha cabeça, ai meu Deus se eu não arrumar um emprego, pra poder ... sei lá, não precisa ser uma festa, mas podia ter um barato diferente, uma coisa diferente, se eu não arrumar emprego sabe, acho que eu vou fazer alguma coisa, sabe, pra arrumar um dinheiro, de vez em quando passa umas coisas assim na minha cabeça sabe.

MA - E bico? Você não gostaria de fazer?

D - Eu faço. Eu faço, se aparecesse, meu Deus, era a luz da minha vida. E eu já deixei bastante curriculum pra fazer bico, no shopping, porque no shopping eles pega né, eu deixo assim sabe, mas parece que, e eu to tão ansiosa.

MA - E lá na casa eles não tem convênio para empregá-las?

D - Tem, eles tem convênio com o Pão de Açúcar, só que eles não pegam do 3º, eles pegam do 1º, é eles não pegam quem ta no 3º colegial, 3º ano de Ensino Médio, eles não pegam porque eles gostam de acompanhar os estudos, desde o 1º ano do Ensino Médio até o 3º porque eles paga faculdade, eles paga metade da faculdade, aí eles não me pegaram porque eu já to no 3º e já ta no final do ano.

MA - Mas não tem nada que possa ser feito?

D - Não. Tem convênio só, só o convênio com o Metrô, e o Metrô mas é a mesma coisa eles pega adolescente desde o 1º pra eles acompanhar pra eles poder pagar a faculdade, ai ela não conseguiu.

MA - Então voltando ... com sua mãe que você compartilha mais as coisas? Você acha que a escola tem alguma coisa que te ajudou a te aproximar mais dela?

D - Minha mãe?

MA - É.

D - Não. Ah! por um lado sim né, porque ela fica mo feliz porque eu to estudando, minha mãe não acredita que eu to no 3º, ela nem acredita, e quando eu entrei pro 3º eu não queria de jeito nenhum, eu falava meu Deus eu quero voltar pra 8ª série, ai minha mãe, minha mãe também que colocou na minha cabeça, ela falou vai pro 3º, estuda bonitinho, eu falei mãe: eu não vou mãe pra escola, eu quero voltar, eu quero fazer minha série tudo de novo. Ela não estuda bonitinho, você já ta no 3º, aí você vai ver, vai ser mais facil pra você arrumar um emprego, e você pode também enfiar a cara nos livros, ela falou, estuda meu, você ta no 3º vai e estuda, estuda mesmo.

MA - E ai o que você fez?

D - Eu segui o conselho dela e to entrando na escola.

MA - E você sai com o pessoal daqui?

D - Não nunca sai com ninguém daqui.

MA - Nunca?

D - Não.

MA - Quando você fala: não quero entrar, quero dar um “rolê”, não é com a turma daqui?

D - Não é com um menino que estuda aqui, mas ele não vem muito pra escola, eu acho que ele nunca entrou, só tem matrícula aqui, o Rodrigo, o Chuck.

MA – É.

D - Você conhece ele? Aí eu faço role com ele, de vez em quando eu vou no role com ele, mas ninguém daqui da escola. Não porque eu não gosto sabe, eu até gostaria, mas não.

MA - Mas aqui dentro nunca te convidaram?

D - Já, nossa varias vezes sabe, eu não gosto de falar porque que eu não posso, eu tento falar: ah! não vai dar, não sei o que tal, eu falo que não dá, me chamaram esses dias até pra ir pra uma festa. Eu falei: ah! vou ver se da pra mim ir, aí hoje eu falei com um menino daí eu falei, ah, não vai da pra mim ir, porque é embaçado né, ta cumprindo medida é muito.

MA - Mas e quando você vai pra sua casa, você sai?

D - Saio. Quando eu vou pra minha casa, sexta feira eu vim, eu sai na sexta né, na sexta assim geralmente eles não me libera pra vim pra escola, pode ver que na sexta eu nunca venho, é eles que não me liberam, aí eles me libera na sexta, pra mim ir pra casa, 5 hs da tarde, eu vou pra casa, aí na sexta eu fico com meu filho, eu nem saio, quero mais ficar com ele, assim curtir, no sábado de manhã, também passo o dia inteiro com meu filho, só saio a noite no sábado, aí eu vou pro samba.

MA - Você gosta de Samba?

D - Amo samba. Nossa eu amo samba. E faz muito tempo que eu não vou no samba, hein?

MA – É.

D - Muito tempo.

MA - Você vai com quem?

D - Eu vou com meus amigos. Eu já falei pra senhora que eu canto?

MA - Já.

D - Então aí eu vou com eles do grupo.

MA - Então você tem um grupo de samba?

D - Não, um grupo de rap.

MA - De rap?

D - É só que dai, a gente acaba o ensaio, eu vou pra casa deles assim umas 8 hs da noite assim, ou então as vezes eu vou 11 hs da noite, deixo o meu filho dormindo com a minha mãe, vou, daí “nóis” ensaia um pouco, depois “nóis vai” pró samba.

## **RETORNO**

M – O acha que a escola deve fazer pra ajudar a protegê-la?

D – Sinceramente eu acho que a escola não pode fazer nada.

MA - Você acha que a escola te protege em alguma coisa?

D - Me protege? Não.

MA – Então ... como você acha que a escola poderia a ajudar a proteger?

D - Aqui os alunos? Eu acho que, sinceramente, eu acho que a escola não pode fazer nada, pra proteger assim eu acho que não. Sinceramente, porque coloca, se eu falasse assim vamos supor colocar mais segurança, mais polícia, ronda escolar assim, não adianta porque é pior eu acho, porque se acontecer alguma coisa aqui dentro não vai acontecer só prá quem foi lá e prejudicou a outra pessoa sabe, pode acontecer pra quem foi lá e prejudicou e pra menina que não foi prejudicada, vai pros dois porque, polícia, não adianta né, acontece qualquer coisa assim e já quer bater, ja que levar prá outro lugar, e eu acho que não, que não tem nada assim que a escola possa fazer, porque a melhor forma da escola proteger os alunos é atrair eles pra dentro dela e fazer eles estudar, entendeu? E eu acho que essa escola aqui é bastante atrativa, entra todo mundo, a escola é lotada de gente.

MA – É. Você acha que as outras escolas são assim?

D - Não, não todas, viu. Eu amei essa escola, eu amo essa escola, nossa eu adorei essa escola.

MA - Legal.

D - Ela é muito atrativa sabe, não é, sempre fica uns ali na porta, mas não é todos que fica sabe, ele fica ali, fa zuma li e entra na segunda aula, mas sempre entra sabe, eu acho que essa escola atrai os alunos sabe?

MA - Você acha que as pessoas se sentem assim por que?

D - Atraídas pela escola? Porque é uma escola boa, ela é uma escola divertida, aqui não tem só sabe? Como que eu posso dizer? Tipo assim, a rigidez, do ensino, só ensinar e pronto, só ensinar a matéria e pronto, sabe tem tudo, tem os amigos que você pode fazer, pode conversar, você é livre, você escuta um sonzinho ali em baixo sabe, desce pro intervalo e fica lá de boa, suave, fuma o seu cigarro, fica lá conversando com todo mundo, eu acho que é uma escola atrativa que assim, acho que só parece mesmo uma escola, por causa dos professores e por causa do estudo mesmo, sabe, do estudo na sala de aula, porque sabe, porque se não isso aqui ia parecer uma praça, todo mundo vem, todo mundo entra, todo mundo quer estudar, todo mundo que entrar.

MA - E você acha que é vontade de conhecer as outras pessoas ou a vontade de aprender?

D - Ai os dois, a vontade de aprender e de conhecer.

MA - Você acha? Mas você acha isso em relação a você ou a todos daqui? O que você percebe?

D – Ah! eu acho que a todos. Sinceramente, eu acho que a todos, porque ninguem vem aqui só pra estudar, só pra aprender, pra aprender e vem pra conhecer tambem, porque aqui é uma escola muito divertida.

MA - O que você esperaria mais dessa escola?

D - Mais? Mas do que já tem? Não sei te dizer, sinceramente, eu acho que não tem.

MA - Pra ensinar mais?

D - Mais no ensino? Aqui tem esporte no final de semana né? É que eu não sei, eu não venho. Ah! acho que já tem tudo.

MA – É. Você não colocaria mais nada aqui?

D – Ah! colocaria sabe o que?

MA - O que?

D - Uma coisa que quando eu entrei aqui eu gostei muito, Anfiteatro.

MA - É.

D- Você precisa ver o jeito que tava quando eu entrei, eles tava fazendo aquele trabalho, eu amei, e até os alunos mesmo se interessa.

MA - Então, você acha que a parte cultural?

D - Isso.

MA - Tem que ter?

D - Isso. E eles se interessam, porque nossa o tanto de gente que eu via assim ajudando, fazendo assim o trabalho, colocando o cartaz assim no anfiteatro, eu achei que eles se interessam pra caramba, eu gostei pra caramba, eu acho que isso aí me atrairia muito.

MA - Agora me fala uma coisa ... você terminou a 8ª série, está no Ensino Médio, agora está terminando o Ensino Médio, o que que você acha? Você termina o que?

D - Ah! uma fase da minha vida.

MA - Uma fase! Você acha que terminou?

D - Acho que uma fase da minha vida, porque não, tem gente que nem liga pros estudos, mas quem liga mesmo, o estudo é uma fase da vida da gente, não adianta.

MA - Você acha que tem uma fase que termina e nunca mais?

D - Então, tem a segunda fase, e vai indo.

MA - Vai indo?

D - Vai, e se quiser pode ter até, nossa se quiser pode ter até nunca acabar, pode sempre ter a próxima fase, sempre seguindo, acaba primeira, acaba a segunda, acaba a terceira e assim vai.

MA - Mas e a D.....?

D- "Ih"! eu acho que eu vou ser uma dessas que sempre ta conseguindo, acho que eu nunca vou parar , quando chegar na segunda fase parei, vou sempre indo.

MA - Agora eu vou retomar uma coisa que você falou ... que você fica nervosa. Por que você tem um problema, o que que você tem?

D - "Iche", nem me fala desse problema, nossa eu tenho muitos, mas eu fico nervosa com os meus problemas sabe? Eu tento resolver eles da maneira mais facil possivel, pra que eu não exploda.

MA - E como que você faz isso fazê-lo fácil e sem explodir?

D - Ah! eu me controlo, muito, me controlo muito, muito, muito, mesmo e vou indo, vou sabe não tento me esconder do problema, porque se esconder é a pior coisa né.

MA - Então me fala um problema seu que você acha que você tem.

D - O problema de emprego. Eu estou extremamente nervosa, não parece, mas eu to extremamente nervosa porque eu não consigo um trabalho, não consigo nada, só que eu "to" indo atras, entendeu, eu to fazendo o possível pra não explodir e acabar fazendo uma besteira entendeu? Eu "tô" me controlando, e eu "tô" indo atrás também, não adianta a gente ficar parado achando que ainda não acabou, eu vou atrás e tento falar, não, alguém vai ligar, entendeu?

MA - E você fala pra suas técnicas?

D - Falo.

MA - E elas?

D - Ela falou que ela vai, ela vai me encaminhar pra um psicólogo, vai pra mim fazer, voltar né, que eu já fazia, voltar fazer tratamento no psicólogo. Ela queria me encaminhar pro psiquiatra, só que eu falei não, não, não, não, não, não, nem pensar.



MA - E trabalho ela não vai te encaminhar?

D – “Né” trabalho que é bom pra me encaminha, não me encaminha.

MA - E esse problema passa ou fica?

D - Como assim?

MA – Como você hoje acha que está com problemas, está se amargurando com trabalho, chega uma hora que você fica aliviada ou ele continua?

D - Não. Tem hora que eu fico assim aliviada sabe? Mas não que eu fico aliviada porque ele sempre vai ta ali, esse desemprego é fogo, mas tipo assim, eu tenho que esquecer um pouquinho eu tento ali, mas eu tento esquecer um pouco, relaxar, falar, não vai aparecer alguma coisa, porque isso da uma aliviada assim.

MA- Esse alívio vem quando você pensa?

D - É.

MA - E vai acontecer de fato, uma hora vai chegar, D..... porque tudo depende de seu momento, é isso?

D - É.

MA - E qual a relação que você vê, assim, como adolescente, que você é uma adolescente para jovem, está com quanto anos?

D - Dezoito anos.

M - Dezoito! Mas, ainda uma adolescente, apesar de ser mãe e de ter uma certa maturidade.

D - É!

MA - Ou uma jovem ainda.

D - Precoce.

MA - Uma jovem adolescente. Como você vê a adolescência ou a juventude este período que está vivendo dentro da escola?

D - Ah! eu acho que combina os dois, a adolescência e a escola combina, é.

MA - Por que?

D - A fase da escola é a fase da adolescência

MA - Você acha que sua escola é da fase da adolescência?

D – É. A escola é fase da adolescência a escola até o ensino médio né, porque depois tem outras escolas também, eu acho que a escola o colégio Ensino Médio acho que é uma fase assim, junto com a adolescência assim.

MA - É! Essa é a relação que você vê?

D - É.

MA - E o que você acha que é a adolescência?

D - A adolescência para mim, ah! eu não sei eu não vou saber explicar, eu acho que não tive adolescência. Eu sou uma adolescente, mais acho que a minha adolescência mesmo foi pró “beleléu”.

MA - Então você sabe o que é adolescência me explica, como foi pro “beleléu”? O que é ser adolescente?

D - Adolescência para mim é, eu sair sabe? Continuar estudando, sabe? Não ter parado meus estudos, sair com os amigos da escola é, trabalhar ter meu dinheiro, ser independente, ter as coisas que eu quero sabe? Não depender de ninguém ... Ah! Não sei, eu não consigo me imaginar adolescente eu acho que minha adolescência foi para o “beleléu” mais eu não consigo ver direito.

MA - Mais o que é isso, a adolescência foi para o “beleléu”?

D - Foi pró espaço?

MA - Por que?

D - Eu não tive adolescência, porque eu tive meu filho cedo.

MA - Com quantos anos você teve o Gabriel?

D - Com quinze.

MA - O que mais?

D - Eu tive meu filho cedo, e também quando eu tinha quatorze treze anos eu não queria saber o que uma adolescente de quatorze treze anos hoje faz.

MA - O que uma adolescente de quatorze, treze anos hoje faz?

D - Então é sair, ficar no telefone o dia inteiro ir para escola mexer no computador, eu não tive nada disso, sabe com quatorze anos eu nem queria saber de escola eu ia para a escola só no começo do ano.

MA - Você fazia o que?

D - Namorar, hoje as meninas de hoje em dia namoram muito, eu nem ligava para isso, eu não ligava para homem, todo mundo achava que eu iria ser Maria João, que eu ia ser sapatão.

MA - E você fazia o que então?

D - Nos quatorze anos eu já era envolvida no crime.

MA - É!

D - Eu acho que eu não tive, mesmo antes de eu ter filho, nem antes de eu ter filho eu tive adolescência, nem infância eu tive.

MA - Me explica como você não teve adolescência?

D - Ah! ... não tive.

MA - Você teve o que então?

D - Não, essa parte que se passou não foi uma adolescência, foi uma adolescência, mais uma adolescência diferente das outras sabe.

MA - Por que?

D - Ah! Porque não é uma adolescência normal, eu não acho que foi uma adolescência normal.

MA - O que você acha que é uma adolescência normal?

D - Normal é que nem eu te falei.

MA - Então como que foi a sua adolescência?

D - Ai, o mundo do crime, já indo presa, com quatorze anos já indo presa, já conhecendo como que é o sistema de uma FEBEM, sabe de ficar presa trancada.

MA - Você reincidiu?

D - Reincidi.

MA - Quando você saiu.

D - Quando eu sai e voltei.

MA - Teve o Gabriel.

D - Tive o Gabriel e voltei . E na verdade é minha terceira passagem pela FEBEM, a minha primeira eu tinha treze anos, a segunda tinha quatorze e a terceira dezesseis.Então, daí ...

MA - Por isso que você acha que perdeu a adolescência? Você perdeu o que?

D - É. Perdi tudo.

MA - Perdeu o que principalmente?

D - Os estudos ... ah! minha família ... perdi minha família ...

MA - O que é mais forte para uma adolescente que você perdeu?

D - Saí por aí ... liberdade. Liberdade pra fazer tudo. Ah! Quando é adolescente quer

fazer tudo que quer, quer ter o mundo. Sei lá nunca tive nada disso, quando tinha quatorze anos nem pensava nisso.

MA - Agora gostaria de saber se a escola interferiu em alguma coisa nesses momentos na sua vida?

D - Interferiu? Como assim?

MA - Você disse: ia prá escola e ia pró mundo. O que faltava nela que fez você fazer a opção de ir para o mundão? Ela interferiu na sua decisão? Ou foi você mesma?

D - Não. Acho que a escola interferiu, sim.

MA - Como?

D - Por que como eu te disse esta escola atrai prá dentro dela. As outras escolas que eu estudei não tinha isso, pelo contrário o que chamava a atenção estava do lado de fora, entendeu? Do lado de fora, na porta da escola. Tipo assim do lado de fora que te chamando ... eu não conseguia estudar, eu não tinha paciência. Às vezes eu estava até na sala de aula, sabe. Ai eu olhava pela janela via um movimentinho lá que eu já conhecia, via a galera que eu já conhecia, tava ali fumando um baseado eu já queria sair da escola não queria ficar, Entendeu? Tem outras escolas que é que nem essa daqui também. Só que eu nunca estudei essa é a primeira escola que eu gostei que me chama pra dentro. Porque o resto das outras escolas ... Ah! Outra escola que eu gostava, que era muito atraente, que atraia pra dentro era o Caetano de Campos, conhece?

MA - Conheço?

D - Gostava muito daquela escola, adorava aquela escola.

MA - Você acha que sua vida teria sido diferente se as escolas que você freqüentou tivessem te atraído?

D - Eu acho. Muito diferente. Eu acho que não teria feito nada disso na minha vida. Eu acho que hoje em dia eu estava estudando, "vichê", estava belíssima, acho que estava até trabalhando hoje em dia.

## **RETORNO**

MA - D.....hoje não farei nenhuma pergunta. Gostaria que você falasse o significado e o sentido da escola na sua vida ...

D - Antes de eu ser presa não ligava muito pro estudos eu achava que era muito nova e não precisava estudar tão cedo. Mesmo com esse pensamento, não parei de estudar, ia pra escola meio que por obrigação. Ao chegar no final do ano, outubro, setembro, eu não conseguia mais entrar pra dentro da escola, e por esse motivo acabei por repetir a 7ª série 3 vezes. Talvez eu parava de entra pra escola porque achava que a escola não era legal, e era escola de idiota e lá não tinha o que eu queria, então eu ficava na porta da escola ou na esquina usando droga com outros alunos que pensavam a mesma coisa que eu.

Fiquei um tempo sem estudar, mais ou menos um ano, por causa da minha gravidez e porque quando ele nasceu eu não quis para de amamentá-lo para voltar à escola.

Uns três meses antes de eu ser presa a ultima escola que estudei foi o Caetano de Campos, mas eu também quase não freqüentava lá, porque na época eu estava morando na rua, então não era sempre que dava prá "mim" ir prá escola. Mas, contudo eu mesmo com pouca freqüência eu não deixei de ir a escola.

Logo quando fui presa passei a estudar lá dentro. Pois é uma medida sócio-educativa, e é meio que uma obrigação estudar.

Lá eu terminei a 7<sup>a</sup> série, e quando passei para a 8<sup>a</sup> série eu não acreditava que tinha conseguido sair da 7<sup>a</sup>, e comecei a pegar gosto pelos estudos. Na metade do ano em junho fiz uma prova de reclassificação e passei, fui para o 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio. Eu fiquei muito feliz e queria estudar cada vez mais e já comecei a pensar na minha faculdade, no vestibular, etc.

Eu nem cheguei a fazer 2 meses do 1<sup>o</sup> ano de Ensino Médio, fiz outra prova e passei, fui para o 3<sup>o</sup> ano de Ensino Médio. Porém eu não gostei, pois eu achava nunca ia conseguir prestar uma faculdade, pois eu não sabia nada do 3<sup>o</sup> ano, estava atrasada e as matérias do mundão são bem mais atualizadas, e lá dentro, na FEBEM eles não ensinavam direito, então eu comecei a perder as esperanças de fazer uma faculdade.

Quando eu sai e fui para a semiliberdade, que é uma espécie de continuação da medida interna, só que é uma medida aberta, onde posso sair para estudar, trabalhar e finais de semana visita os familiares, então eu comecei a estudar lá fora que é a escola atual, esta o Oswaldo Catalano, e comecei a ter vontade de estudar e pensar que se eu conseguir passar eu era boa e poderia conseguir se tentasse.

E hoje na semi eu tenho vontade de estudar, pois eu acho que a escola é legal e me atrai para dentro dela, não é mais como antes que eu não queria entrar pra ficar na porta da escola. Agora quero fazer faculdade novamente e sinto vontade de estudar e fazer cursos, e quero passar o resto da vida estudando.

Conclusão, antes de eu ser presa, eu não dava valor pro meus estudos e só queria “zuá” e achava que a escola era um lixo. Às vezes eu até queria estudar, mas eu não fazia nem um esforço para entrar e estudar e acabava por largar a escola de vez, pois naquele tempo eu dava valor a outras coisas, eu pensava que os estudos eram pra gente mais velha.

Hoje que eu estou na semi e consegui chegar no 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio, eu vejo com outros olhos que bom ou ruim eu consegui chegar ao final dos meus estudos e estou com outra cabeça. E mesmo que às vezes eu tenha uma recaída, e não quero entrar pra escola, eu me esforço o máximo e tento abrir a minha mente e prestar mais atenção.

Além de tudo isso eu também acho a minha escola atual muito atrativa e que me dá condições de estudo, e o melhor ainda é que eu gosto da escola em que estou atualmente.

E volto a dizer que bom ou ruim, após eu ter sido presa eu evolui não só de conteúdo escolar mas também de mente. E agora que estou na semi e retomei os meus estudos em escola do mundão, eu quero me esforçar e estudar muito para me atualizar no mundo de hoje e no tempo perdido da ilha, que hoje é passado.

**ANEXO 3 (banco de dados de um adolescente do terceiro núcleo de significação)**

**CONCEPÇÃO**

<b>ESCOLA DE ORIGEM</b>	<b>ESCOLA ATUAL</b>	<b>ESCOLA FUTURA</b>
<p>M –Você acha que a sua vida mudou depois que você veio pra cá?</p> <p>A – Ah! Porque sei lá, aqui já é mais esforçado, comparara essa escola com a escola que eu estava estudando, aquela escola não chega nem perto dessa escola aqui.</p> <p>... “na outra escola você sentava na sala, bagunçando, e nem aí, “né”, só conversando com os alunos, não tá nem aí.”</p> <p>M –No inicio da escola qual foi a sua primeira impressão, na tua vida quando você chegou na escola? A – Na pré escola?</p>	<p>M - Agora nesse momento você com 16 anos, o A ... que está privado de liberdade, que está na Semi Liberdade, qual sentido tem na sua vida a escola hoje?</p> <p>A – O sentido que ela tem pra mim nesse momento é eu ... o sentido que ela tem pra mim nesse momento é o melhor local ... que eu posso freqüentar nesse momento é a escola, pra mim é um lugar bom.</p> <p>A – Ah! no momento em que eu me encontro pra mim é o melhor lugar que tem “né” senhora.</p> <p>Os – Aqui os professores já “pegam mais no pé”, já procuram passar aprendizado pro aluno.</p> <p>M – Quando você chegou nessa escola, qual foi a sua primeira impressão? A – Ah! quando eu cheguei aqui eu me senti estranho, não sei, a primeira vez que eu entrei nessa escola aqui eu não sabia como “tava” como era o ritmo aqui nessa escola, agora eu me adaptei já nessa escola.</p> <p>M – O que mais você estranhou aqui? A – Ah! o que eu mais estranhei aqui “foi” os alunos, aqui mesmo o jeito deles conversarem, isso também é diferente “né”.</p>	<p>M – O que é um ambiente agradável na escola pra você? A – Ah! os professores saber conversar com os alunos, ter um diálogo melhor ... não é porque ele é professor que ele vai querer ser melhor que o aluno “né”, tem que trocar uma idéia de igualdade ... todo mundo é irmão aqui, todo mundo é filho de Deus “né” senhora.</p> <p>M – Como é que você imagina chegando lá no final do E.M., o ano que vem na 3ª série? A – Como eu me imagino? A – Ah! Um sentimento de alívio, terminar os</p>

<p>M – Qual foi sua impressão quando você chegou na escola? Lembra?</p> <p>A – Ah! minha impressão, ah! foi tudo diferente pra mim, começou uma nova vida, vamos dizer assim, eu não sabia como funcionava, eu fui me adaptando, pegando o ritmo da escola.</p> <p>A – Não que na minha antiga escola “tava” acostumado com aquela escola, de repente vou pra outra escola, fiquei meio assim estranho ... sei lá! lembrando das amizades, isso é normal.</p> <p>M – você não soube aproveitar? Por que não soube aproveitar?</p> <p>A – Ah! Porque no começo, na escola estava a maior bagunça, os professores também “não ajuda” em nada, desandou a escola aí acabei vindo sendo preso, aí começando de</p>	<p>M – E ai você acha que já tem afinidade com alguém?</p> <p>A – Já tenho já.</p> <p>M – Com quem?</p> <p>A – Ah! com os alunos do segundo, também do primeiro.</p> <p>M – Você se identifica com quem mais aqui?</p> <p>A – Ah! Aqui dentro não sei dizer assim.</p> <p>M – Tem algum professor ou professora que você acha que você se identifica mais?</p> <p>A – Eu não sei te dizer assim com quem eu me identifico assim.</p> <p>M – Que você gosta mais?</p> <p>A – Ah, a professora que eu gosto mais é a de Geografia.</p> <p>M – Por que você gosta mais dela?</p> <p>A – Ah! Porque ela é uma professora legal, conversa com todo mundo não grita, tenta resolver tudo da melhor maneira possível.</p> <p>M – Qual o significado que tem pra você hoje a escola? Significa alguma coisa na sua vida?</p> <p>A – Ah! o significado no meu caso é ter conhecimento, eu acho.</p> <p>A – Conhecimento.</p> <p>M – Agora você acha que tem mais liberdade de escolher?</p> <p>A – Ah! Agora não tenho toda essa liberdade, é o seguinte quando eu tenho uma matéria que não estou entendendo, assim, e aí vai da minha pessoa se eu quero ou não, daí eu vou me esforçar se eu não quiser então tanto faz.</p> <p>M – Então você faz ... mas acha que tem autonomia pra escolher?</p> <p>A – Ah! Aprende quem quer “né”. Pra</p>	<p>estudos. Vai ser um ano bem melhor pra mim, é um alívio pra mim.</p> <p>M – Alívio?</p> <p>A – Ah! terminar os estudos já, aí eu posso pensar em fazer a minha vida daqui pra frente, agora.</p> <p>M – O que você vai fazer depois?</p> <p>A – Ah!!!</p> <p>A – Ah! é o seguinte eu vou buscar um emprego, vou continuar estudando, fazer um curso, para melhorar minha forma de vida “né”, melhorar da melhor maneira possível.</p> <p>M – Você mudaria alguma coisa na escola?</p> <p>A – Se eu mudaria?</p> <p>A – Ah, não mudaria nada, normal, suave.</p> <p>M – Você acha que a escola tem que ser do jeito que ela é?</p> <p>A – Pode melhorar bastante, mais tem que ter mais atividade.</p> <p>M – O que você acha que ela tem que ter?</p>
--	--	--

<p>novos na metade do ano, aqui to levando vamos ver o que vai dar.</p> <p>M - O que você pensa o que você acha da escola? A escola desde que você entrou ... o que é escola pra você? O que ela é na sua vida?</p> <p>A - Pra mim ela foi grande parte da minha vida "né" porque eu sempre freqüentei a escola, nunca tive que faltar na escola, sempre me esforcei pra aprender.</p>	<p>mim.</p> <p>M - Como é que você gostaria que essa escola fosse? Como é que você gostaria que a sua vida fosse hoje?</p> <p>A - Ah! eu queria "tá" de boa ... trabalhando, ajudando a minha família, curtindo a minha namorada de boa ... sossegadão.</p> <p>A - Ah! longe das malícias do mundo "né", obsessão.</p> <p>M - Você está com obsessão, você acha isso?</p> <p>A - Não, antigamente eu "tava", agora não, "tô" se esquivando dessas coisas.</p> <p>M - Está se esquivando e está conseguindo?</p> <p>A - "Tô" tentando senhora.</p> <p>M - Tentando... Às vezes você não vem para escola é por isso?</p> <p>A - Ah! tem hora que não sei ... senhora.</p> <p>M - ... o que você acha da escola? não é só essa escola que você está agora ...</p> <p>A - Eu falo pra você eu não sou perfeito, eu tenho os meus problemas também com a escola então eu tenho que saber levar "né" senhora.</p> <p>M - Tem que saber levar ... mas o que é escola pra você? Você acha que ela significa alguma coisa?</p> <p>A - Significa muito sim senhora.</p> <p>M - O que?</p> <p>A - É o lugar onde "nóis vamo" aprender "né", um lugar de aprendizado, "né" mano ter um conhecimento melhor, aprender.</p> <p>M - Aprender o que?</p> <p>A - Ter um conhecimento digamos assim ,aprender ter uma postura melhor saber falar com as pessoas, é, escrever, ler, fazer conta, essas coisa do dia-a-dia "né" senhora, isso tudo desafia ... "né" senhora.</p>	<p>A - Ah! eu acho, que tem que ter mais atividade ... os pais têm que comparecer mais na escola, essas coisas ter mais, saber, conhecer a escola dar mais opinião também, opinar sobre a escola, eu acho que não é só o aluno, os pais também têm que participar, conversar prá saber da escola, pra melhorar a escola da melhor forma possível.</p> <p>M -Mais o que você acha que ela tem que melhorar?</p> <p>A - Ah! de ensino ela também "ta" bom, "tá" normal, acho que, não sei, acho que os alunos aqui, no intervalo ficam tudo sentado, acho que deveria ter mais atividade, um som pra tocar no intervalo, pra tornar o ambiente mais agradável pra escola.</p> <p>M - E na sala de aula você mudaria alguma coisa?</p> <p>A - Na sala de aula?</p> <p>A - Os professores tem que considerar mais os alunos, não</p>
--	--	--

	<p>M – Por que você vem pra escola?</p> <p>A – Por que eu venho pra escola? Ah! em busca de conhecimento “né” senhora.</p> <p>M – Você que escolheu?</p> <p>A – Ah! eu que escolhi senhora.</p> <p>M – Quando você chegou na casa eles falaram ... você quer ir pra escola, ou você tem que ir pra escola?</p> <p>A – Não, indiretamente já encaminham pra escola já, mas é uma escolha minha também, “né”.</p> <p>A – Eu falei quero ir pra escola sim.</p> <p>M – Você quis vir pra escola?</p> <p>A – Eu quero sim aprender.</p> <p>M – Então por que você some de vez em quando da escola?</p> <p>A – Ah! Senhora ...</p> <p>A – Ah! Tem hora que eu não me sinto bem senhora.</p> <p>A – É senhora os professores “fala” um monte, professor gritando na sala, dá uma dor de cabeça, sei lá não fica um ambiente agradável de estudar.</p> <p>M – Quais os motivos que levaram você vir pra escola?</p> <p>A – Não entendi..</p> <p>M – Como aluno qual o motivo que te traz pra escola?</p> <p>A – Qual o motivo que me traz pra escola?</p> <p>A – O motivo que me trouxe pra escola hoje é que estou mais aliviado que neste final de semana eu vou pra minha casa.</p> <p>M – Gosta de ler? Já leu algum livro?</p> <p>A – Poucos livros que eu li.</p> <p>M – Poucos livros? Você vai a biblioteca da escola?</p> <p>A – Nessa escola aqui?</p> <p>M – É.</p> <p>A – Só fui duas vezes.</p>	<p>porque o aluno é bagunceiro vai deixar o aluno de lado, pra mim tem que conversar com o aluno, explicar que não é dessa maneira que ele vai conseguir as coisas por ele ser bagunceiro, porque ele não esta nem aí pra eles, não muda nada, eles não querem nem saber do aluno, é por isso que eu quero me destacar da sala, eu acho que o professor tem que ter, não é mais paciência, é saber conversar com os alunos, ter um dialogo melhor com os alunos.</p>
--	---	--



	<p>M – Só duas vezes por que?  A – Ah! porque parece que eu não encontro tempo, não sei.</p>	
--	--	--

### IMPORTÂNCIA

ESCOLA DE ORIGEM	ESCOLA ATUAL	ESCOLA FUTURA
<p>M – Agora me fala uma coisa quanto tempo você está aqui na escola?  A – Eu “tô” desde o começo das férias, senhora.  M – Desde Agosto.  A – É.  M – E na casa você tá morando há quanto tempo?  A – Na casa eu “to” desde Maio.  M – Maio? E nesse tempo de Maio até Agosto você estudou aonde?  A – De Maio até Agosto eu não estudei em nenhuma escola.  M – Não estudou em lugar nenhum?  A – Nenhum. Eu esperei chegar às férias, passar as férias pra depois vir pra escola.  M – Por que?  A – Ah! foi escolha deles lá, “né”.</p>	<p>M – A escola é importante para você?  A – Com certeza. Tem muita importância pra mim porque sem a escola hoje ninguém não é nada “né”.  M – O que você pensa da escola?  A – É que tem dia que sei lá, eu não sou assim meio de vim pra escola tem dia que eu quero fazer um “role” ... ir pro shopping ... conhecer umas pessoas como se fosse um adolescente normal.  M – Mas o que estar dentro da escola, o que você acha da escola, enfim...você gosta de vir para cá?  A – Ah! de uma forma sim “né” senhora, fiquei aliviado sim, porque agora eu tô tendo a oportunidade de estudar, fazer um curso.  M – E lá na internação o pessoal não estuda?  A – Na internação estuda sim.  A – ... só uma coisa que eu não gosto é tipo assim, aula vaga, eu “to” numa aula vaga, aí você quer jogar uma bola aí a quadra já tá sendo ocupada, o professor de Ed. Física não deixa, a gente fica na sala sem fazer nada até passar o horário, acho que devia ter mais atividade aqui na escola senhora, durante o intervalo, na aula vaga, pro aluno poder, jogar uma</p>	<p>A – Eu acho que mais pra frente eu vou saber aproveitar melhor o conhecimento que eu adquiri na escola.  M – Você acha que a escola não está te agradando?  A – Assim é uma escola boa que ela pode ser melhorada também de várias formas aí.  A – Ah, pra mim nesse momento eu gostaria de ter um curso.  A – Um curso senhora, pra me deixar mais na frente do mercado de trabalho.  A – Pior é que eu nem sei o que eu quero ser quando eu crescer.  M – Você não sabe</p>

<p>M – Quem escolheu?</p> <p>A – Ah foi à mulher que é minha assistente.</p> <p>M – Sua técnica?</p> <p>A – É. Ai nesse tempo eu fiquei fazendo curso.</p> <p>M – Que curso você fez?</p> <p>A – De marcenaria e panificação. E antes de vir pra cá eu já tinha feito um curso de computação também lá na entidade.</p> <p>A – Porque não tive a oportunidade de estudar, e a qualidade de vida é bem pior do que a daqui.</p> <p>M – Que horas você ia pra escola?</p> <p>A – Eu estava estudando a tarde das 1 as 6 e 20.</p> <p>M – Das 13 as 18 e 20 e antes você fazia alguma coisa da escola ou não?</p> <p>A – Não.</p> <p>M – Não tinha lição da escola pra estudar?</p> <p>A – É essas coisas, é eu não sou um aluno esforçado,</p>	<p>bola curtir um pouco quando os professores faltassem, umas atividades na escola, porque eu acho que isso é que tá faltando aqui na escola senhora.</p> <p>M – Você vem com vontade? Você falou que é o melhor lugar pra você hoje ... então por que você fica nesse vai não vem?</p> <p>A – Ah! Não sei “né” ... depende do dia ... depende da minha disposição ... aí tem dia que você acorda mal pra vida.</p> <p>M – O que é ficar de mal para vida?</p> <p>A – Ah! Tem dia que você acorda com o pé esquerdo ... pensando em ficar mais sozinho, tem vez que eu penso em não vir pra escola e vou pro parque do Piqueri ali, e fico sozinho, só pensando, refletindo um pouco.</p> <p>M – Se você não frequentasse aqui a escola, que outra coisa você faria no lugar? Nesse horário da aula, das 13 as 18h20? Você gostaria de fazer outra coisa, sem vir pra escola? Se você tivesse que escolher ... o que faria?</p> <p>A – Escolheria a escola.</p> <p>A – Ah! seria bem pior senhora, ficaria trancada lá dentro, fazendo aquelas atividades lá dentro, sem ter nenhum contato com as pessoas aqui fora, sem conversar.</p> <p>M – Você acha legal ter contato com pessoas de fora?</p> <p>A – Com certeza senhora, alivia é por causa do isolamento , aí troco um assunto, troca uma idéia.</p> <p>M – Alivia?</p> <p>A – Alivia.</p> <p>M – Você prefere a escola? Não de estudar?</p> <p>A – De verdade.</p> <p>A – Ah! não ia ter um futuro nenhum da “role”, não ia ter futuro, mais com o passar do tempo eu ia ver a escolha errada que eu fiz.</p>	<p>ainda o que você quer ser?</p> <p>A – Eu não sei, não tenho noção.</p> <p>M – Mas você acha que tem alguma coisa que te incentiva, assim ...</p> <p>A – Não.</p> <p>M – O que você gostaria de fazer, de verdade?</p> <p>A – De verdade?</p> <p>A – Eu gostaria mesmo de ter meu próprio negocio, senhora um comércio, ou um emprego, trabalhar num escritório, eu acho que eu tenho capacidade de trabalhar, eu tenho capacidade.</p> <p>A – Ah! quero mostrar pra muitas pessoas que, que eles pensam de mim também não é verdade, que eles pensam mal de mim, é isso que eu quero, eu quero dar a volta por cima, mostrar que eu sou capaz, e conseguir viver minha vida normal.</p>
--	---	--

<p>não um aluno disciplinar também, mas me esforçava sim um pouco.</p> <p>M – Você fazia alguma atividade da escola ou não?</p> <p>A – Não.</p>	<p>A - escola ou o quê?</p> <p>A – Ah! sinceramente eu prefiro a escola.</p> <p>M – Prefere a escola. Por que?</p> <p>A – Ah, porque é um lugar bom “né”, as pessoas vêm pra aprender, ter conhecimento, as pessoas que querem ser alguém na vida “né”, um futuro pra minha pessoa “né”, hoje em dia uma pessoa sem estudo não é nada.</p> <p>M – Além da escola eles oferecem outras coisas para vocês se reintegrarem?</p> <p>A – Oferecem.</p> <p>M – O que?</p> <p>A – Ah! atividades.</p> <p>M – Que atividades?</p> <p>A – Cursos.</p> <p>M – Mas aqui quando você foge ... para onde você vai?</p> <p>A – Quando eu não fico a escola, eu fico namorando a menina aí senhora.</p> <p>M – Namorar é melhor do que ficar dentro da sala de aula?</p> <p>A – Claro que não “né” senhora.</p> <p>A – Ah! senhora, tem hora que ... a carne é fraca, essa mina me atentou e eu acabei não resistindo “né” senhora.</p> <p>A – É no momento que eu me encontro aqui tem que aproveitar “né”.</p> <p>M – Faz tempo que você ta namorando?</p> <p>A – Tem umas duas semanas, senhora.</p> <p>M – Qual a dificuldade que você tem mais aqui na escola?</p> <p>A – A dificuldade que eu tenho mais, acho que não tenho nenhuma dificuldade não .</p> <p>A – Não. Normal.</p> <p>M – Está aprendendo?</p> <p>A – Eu to me esforçando.</p> <p>M - Qual a matéria que você tem mais facilidade?</p> <p>A – Mais facilidade a matéria que eu tenho mais é que eu acho é história.</p>	
---	--	--

	<p>M – Por que?</p> <p>A – Ah! porque lê os textos, explicar, ler os conteúdo e tentar explicar a matéria ... ah! é isso que eu gosto.</p> <p>M – Você gosta de história ... e qual você menos gosta?</p> <p>A – Ah! que eu menos gosto é matemática.</p> <p>M – Por que?</p> <p>A – Ah! porque é complicado “né”, senhora, segundo ano é muito complicado.</p> <p>M – Qual a importância do relacionamento com os alunos na sua vida?</p> <p>A – A importância do que eu dou?</p> <p>A – Assim, as pessoas que eu simpatizei, com certeza eu saindo daqui, nunca vou esquecer dessas pessoas, gosto muito dessas pessoas “prá caramba”.</p> <p>A – Essas pessoas que foram legais comigo aqui me ajudou bastante, conversou comigo, a pessoa desabafar, trocar uma idéia comigo, nunca vou esquecer, isso faz parte da minha vida essas pessoas.</p> <p>M – Eles te ajudaram aqui A ...?</p> <p>A – Ah! é assim, eu tava com alguns problemas, aí conversavam comigo, trocavam uma idéia, ajudava eles também pra mim não tem problema é uma amizade sadia.</p> <p>M – Nas suas dificuldades eles te ajudaram?</p> <p>A – Os alunos me ajudaram sim da minha sala, gosto muito deles também.</p> <p>M – Você faz trabalho em grupo?</p> <p>A – Já fiz já.</p> <p>M – Qual o seu nível de satisfação hoje com a escola? Você está contente? Como você está hoje?</p> <p>A – Meu nível de satisfação?</p> <p>A – Ah! normal.</p> <p>A – Ah! ta legal sim, os professores</p>	
--	---	--

	<p>buscam ensinar o aluno, eles se esforçam bastante pra poder melhorar bastante a escola.</p> <p>M – Mas você está satisfeito com a escola?</p> <p>A – “Tô”.</p> <p>M – Mas de vez em quando você mata aula ...</p> <p>A – Ah! mas é quando eu “to” com um problema na cabeça.</p> <p>M – Isto tem haver com a escola?</p> <p>A – Não tem haver com a escola.</p> <p>M – É com você?</p> <p>A – É comigo mesmo.</p> <p>M – Ah! Mas se fosse optar novamente, você faria tudo de novo? Continuaría como é hoje?</p> <p>A – Não entendi essa pergunta.</p> <p>M – Ó, hoje o A ..., vindo para escola, está mais animado ..., outro dia está desanimado ..., Então se você precisasse optar novamente em estudar ou não estudar ... porque agora você foi obrigado pelo juiz, você faria você faria tudo de novo?</p> <p>A – Ah! tentaria mudar.</p> <p>M – Tentaria como?</p> <p>A – Ah! sei lá, ficar mais de bem com a vida, procurar fazer as coisas melhor, as coisas boas da vida aí, tem muita coisa pra se aproveitar aí, eu tenho que buscar essas coisas aí, porque do jeito que eu to tá trazendo “só” sofrimento prá mim.</p> <p>M – Mas o que te mantém hoje na escola?</p> <p>A – O que me mantém?</p> <p>M – O que é que te faz ficar aqui na escola?</p> <p>A – Ah! é por causa dos meus avós mesmo.</p> <p>M – Seus avós?</p> <p>A – É me incentivam bastante, eles não teve a oportunidade de estudar e eu queria, acho que queria terminar antes da morte dele, porque Deus me livre acontecer alguma coisa com ele, ele quer me ver, quer me ver formado na escola, suave, trabalhando, ele quer ver isso de</p>	
--	--	--

	<p>mim, e eu vou dar esse gosto.</p> <p>M – Nesses 4 meses que você está aqui, você acha que você se aproximou mais ou se afastou mais da escola?</p> <p>A – Ah! não sei, acho que me afastei mais.</p> <p>M – Por que?</p> <p>A – Porque é o seguinte, na minha situação que eu me encontro, eu não to me sentindo muito bem, a gente só sai pra vir pra escola, da escola pra aquele lugar e sei lá.</p> <p>M – Então você acha que o tempo vai te deixando mais o que? Mais afastado da escola? Assim, sem gosto de vir pra escola? É isso?</p> <p>A – Não sei, não sei dizer.</p> <p>M – Você se sente mais perto dos professores ou menos perto nesses 4 meses?</p> <p>A – Menos perto dos professores.</p> <p>M – Você se afastou mais do que no começo?</p> <p>A – Como assim?</p> <p>M – Você chegou aqui na escola há 4 meses ... hoje você acha que está mais próximo dos professores ou mais longe?</p> <p>A – Ah! hoje eu “to” me sentindo, sei lá como dizer ... “tá” levando normal.</p> <p>A – Hoje eu “tô” mais perto.</p> <p>M – Mais perto? Por que?</p> <p>A – Ah! quando eu cheguei aqui os professores ficaram meio assim, com receio da minha pessoa, aí com o passar do tempo eu fui conversando com os professores, aí eles foram vendo que a minha pessoa não é tudo isso que eles fala por aí, aí foi melhorando a amizade.</p> <p>M – Você acha que eles falaram alguma coisa de você?</p> <p>A – Ah! não precisa nem falar “né” senhora.</p> <p>M – E os funcionários? Você acha que está mais perto ou mais longe?</p> <p>A – Ah! eles são bastante gente boa os funcionários, eu gosto muito daquela</p>	
--	--	--

	<p>senhora de cabelo curtinho, ela é legal pra caramba ... ela às vezes me dá conselho pra mim, eu me sinto mais perto dela senhora.</p> <p>M –E você gosta dela e não sabe nem o nome dela.</p> <p>A – É que eu esqueço o nome dela.</p> <p>A – Eu “chamo ela” de tia.</p> <p>M – E dos alunos se aproximou mais dos que aqui já estavam na escola? Ou você está mais longe?</p> <p>A – Ah! me aproximei.</p> <p>A – Fiz novas amizades aqui ... conheci novas pessoas, acho que me aproximei sim.</p> <p>M – Aproximou? Por que?</p> <p>A – Ah! porque as pessoas, os alunos aí, eu peguei mo amizade com os alunos todo mundo gosta de mim acho.</p> <p>M – E você gosta deles?</p> <p>A – Ah! eu gosto sim.</p> <p>M –O que você acha dos alunos daqui?</p> <p>A – Ah! são legais, sabem assim, conversar, eles são normal.</p>	
--	---	--

### CONTRIBUIÇÃO

<b>ESCOLA DE ORIGEM</b>	<b>ESCOLA ATUAL</b>	<b>ESCOLA FUTURA</b>
<p>M – Então fala o que você acha que ela contribuiu e o que ela não contribuiu?</p> <p>A – Ah! o que ela não contribuiu pra mim foi ... foi o seguinte: senhora, que eu sempre</p>	<p>M –. A escola contribui alguma coisa pra sua vida?</p> <p>A – Em algumas partes sim “né”, mas em outras partes não “né” senhora.</p> <p>M – É! Como é que você é aqui? Você acha que a escola está contribuindo prá você?</p> <p>A – Pra mim tá contribuindo sim, aqui é independente seu “tô” na rua ou não,</p>	<p>M – Você para ter qualidade precisa de outras coisas?</p> <p>A – Ah! uma faculdade “né” senhora.</p> <p>M – Que faculdade gostaria de fazer?</p> <p>A – Ah! Medicina,</p>

<p>nesse passado que eu fique um tempo nas atividades na rua ... aí coisas coisa que eu “tava” fazendo aí virou um certo preconceito contra a minha pessoa “né” senhora na escola que eu estava estudando. É ó ... o marginal chegando ... os professores também falam... aí eu não me sentia muito bem “né” por isso eu acho que ela não contribui muito pra mim, porque na hora que eu precisei dela , ela não ajudou, senhora.</p> <p>M – Me fala um pouquinho o que é isso: “A hora que eu mais precisei dela, ela não ajudou”.</p> <p>A – Foi o seguinte: senhora, quando eu “tava” tentando parar “né” ouvi bastante conselho, meu avô passando mal com essas coisa aí eu tava querendo parar, aí pra resolver isso tem que mete a cara anos estudo mesmo, me esforçar “né”, pra manter a mente ocupada longe de problemas senhora, aí nesse momento a escola não me ajudou senhora, os professores tava com preconceito.</p>	<p>pra eles aqui eu sou só um aluno aqui.</p> <p>M – E aqui quando você chegou o que você sentiu?</p> <p>A – Ah! quando eu cheguei aqui, sei lá as pessoas ficaram sabendo que eu era da semi “né”, não sei como ficou sabendo, ficou sabendo que eu era da semi.</p> <p>M – E você falou?</p> <p>A – Eu falei também prós menino.</p> <p>A – Aí os professores ...</p> <p>A – Eu falei pros professores sim, pelo meu jeito de ser , eu não sei o que eles acham da minha pessoa, ficaram vamos dizer assim com medo de mim.</p> <p>M – Com medo?</p> <p>A – É sei lá.</p> <p>M – Mas por que?</p> <p>A – Eu tava lá assim chegava pra conversar as pessoas ficavam com medo de trocar idéia comigo sei lá, não sei o que se passa na cabeça das pessoas, acho que ficava com medo de roubar eles, sei lá, qual que é .</p> <p>M – É?</p> <p>A – É senhora.</p> <p>M – Mas professor ou aluno?</p> <p>A – Aluno.</p> <p>M – Aluno. E professor?</p> <p>A – Ah! professor só esse professor mesmo que eu não me dei bem que tipo assim, quando eu cheguei na sala de aula pra assistir a aula dele, ele olhou com uma cara feia pra mim, assim aí eu tava trocando idéia com ele, ele mandou eu sentar, aí eu “tava” conversando com a menina, aí ele falou assim e você levanta daí, sai daí, falou um monte de coisa, falou monte de merda melhor nem dizer, eu só sai, virei as costas e sai da sala.</p> <p>M – Você saiu da sala?</p> <p>A – Sai da sala e fiquei no corredor lá sem esquentar a cabeça.</p> <p>M – Por que? Ele te colocou pra fora ou você saiu?</p>	<p>eu tenho vontade de fazer.</p> <p>M – Você acha legal ser médico? Por que?</p> <p>A – Ah! uma responsabilidade “né” senhora.</p> <p>M- Responsabilidade?</p> <p>A – Cuidar de pessoas “né” senhora.</p>
---	---	--



<p>M – O que você acha ... os professores estavam com preconceito?</p> <p>A – Tava com preconceito com a minha pessoa sim.</p> <p>M – Eles falavam o que?</p> <p>A – Ficava no bolinho deles trocando idéia, eu tava me ligando já, chegava na sala de aula virava a cara pra mim.</p> <p>M – Aqui ou na outra?</p> <p>A – Aqui eu falo pra senhora, só com um professor que eu não me dei bem aqui nessa escola, que eu não sei, não sei se ele tem algum preconceito com a minha pessoa, eu não sei mas nunca cheguei a falar pra ele também.</p> <p>M – Por que na outra você não era aluno, você acha?</p> <p>A – Ah, eles não me considerava como aluno não senhora.</p> <p>M – Eles te consideravam como?</p> <p>A – Marginal, vândalo. Qualquer coisa que acontecia na escola.</p>	<p>A – Eu sai com a minha própria vontade pra não ficar tumultuo, senhora porque eu tava coma cabeça quente já, no mundão com saudade da minha família.</p> <p>M –Você falou pra mim que essa escola, esse estudo não é o suficiente pra você ter a qualidade de vida que você quer, que você quer outras coisas, o que você acha que poderia substituir a escola pra você ter qualidade de vida?</p> <p>A – Acho que nada substitui a escola nesse momento “né” senhora.</p> <p>M – O que ela tem trazido de bom pra você?</p> <p>A – Ah! ta me fazendo me tornar uma pessoa melhor, “tô” me sentindo uma pessoa melhor quando eu venho aqui pra escola.</p> <p>A – Ah! sentir normal, no mundo eu sou uma pessoa normal.</p> <p>M –Então é que é para o A ... ser normal?</p> <p>A – Ah! ser normal é ser como as outras pessoas, normal. Freqüentar a escola, curtir, ir pra festa esses negócios assim, não fazer coisa errada, trabalhar, ter condições de trabalhar também isso pra mim é ser uma pessoa normal.</p> <p>M – E você não acha que está normal?</p> <p>A – Ah! eu não sei.</p> <p>M – Não sabe?</p> <p>A – Eu “tô” buscando dentro de mim.</p> <p>M – É? E você acha que essa reintegração ... essa escola está te ajudando a pensar nisso?</p> <p>A – Ah! com certeza.</p> <p>M – Como que ela está te ajudando?</p> <p>A – Ah! não sei te dizer assim, mas pra mim eu acho que está fazendo bem sim freqüentar a escola. Pra mim está, assim me faz pensar que eu “tô” levando uma vida normal, como se fosse a minha casa na Semi, como se eu saísse da minha casa pra escola e da escola pra casa.</p>	
---	---	--

<p>A – Era eu, tudo acontecia, os menores quebrava o telhado, “zuava” as janelas, vou falar pra você eu não sou santo também, eu tenho meus defeitos, mas eu tava procurando evitar essas coisas aí, queria evitar esse tipo de problema, aí quando acontecia na escola o diretor já vinha falar um monte de coisa pra mim, mas aí ó eu falava com o diretor na escola, aí o diretor deu um soco no meu peito e eu não gostei, claro, nunca apanhei do meu avô, vou apanhar do diretor da escola, fui pra cima dele também e pá... “saímos na porrada” e tudo, aí eu fui explicar, mas não deu nada, não, me expulsou não deu uma chance pra mim.</p> <p>M – O que é uma chance?</p> <p>A – “Tipo assim” deu um boi, não me expulsou nada, alguém conversou com ele falo que tinha que ir pra delegacia por causa da agressão, mas primeiramente ele</p>	<p>A – Como se fosse um lar aqui dentro.</p> <p>M – E você acha que você está aproveitando a escola?</p> <p>A – “Tô” buscando aproveitar sim.</p> <p>M – Você entende tudo o que os professores falam?</p> <p>A – Não tudo “né”, mais quando eu não entendo sempre levanto a mão, pergunto, não entendi isso.</p> <p>M – Como é que eles respondem?</p> <p>A – Aí eles vem , me explica de novo, pergunta se entendeu.</p> <p>M – Você recebe alguma influencia para estar aqui na escola?</p> <p>A – Tenho sim.</p> <p>M – De quem?</p> <p>A – Das técnicas, elas conversam bastante com a minha pessoa para “mim” vir pra escola, elas me influencia bastante.</p> <p>M – Só elas?</p> <p>A – Elas, o meu avô também, quando falo com ele por telefone me dá bastante conselho pra mim ficar de boa influencia bastante.</p> <p>M – E seus amigos como é que eles falam da escola pra você?</p> <p>A – Ah! meus amigos, meus amigos da onde?</p> <p>M – Os seus amigos ...</p> <p>A – De lá da minha cidade, meus amigos de lá não tão nem ai não.</p> <p>M – Seus amigos de agora, aqueles que são amigos o que é que eles falam da escola prá você?</p> <p>A – Ah! eles falam que a gente precisa estudar, ir pra escola que é um lugar pra você conhecer pessoas, trocar amizades, estudar.</p> <p>A – Ah! com certeza chamam ... pra dar “rolê” também ... “né” senhora.</p> <p>M – O que você acha?</p> <p>A – Acho que gostam mais de curtir, essa idade quer saber de curtir.</p>	
--	--	--

agrediu minha pessoa, só revidei do modo que ele me tratou.	M – Mais curtir o que?	
--	------------------------	--